

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

DÉBORA SMITH SANDER

JORNALISMO E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO:
O MUÇULMANO NA COBERTURA DOS ATENTADOS TERRORISTAS EM PARIS NO
JORNAL FOLHA DE S.PAULO

PORTO ALEGRE

2017

DÉBORA SMITH SANDER

JORNALISMO E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO:
O MUÇULMANO NA COBERTURA DOS ATENTADOS TERRORISTAS EM PARIS NO
JORNAL FOLHA DE S.PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito à
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo

Orientadora: Prof^ª. PhD Aline do Amaral
Garcia Strelow

PORTO ALEGRE

2017

DÉBORA SMITH SANDER
JORNALISMO E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO:
O MUÇULMANO NA COBERTURA DOS ATENTADOS TERRORISTAS EM PARIS NO
JORNAL FOLHA DE S.PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito à
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo,
pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Aline do Amaral Garcia Strelow – UFRGS
Orientadora

Prof^a Dr^a. Cassilda Golin da Costa – UFRGS
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Virgínia Pradelina Fonseca
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À minha família, Vivian, Claudio e Isabella, pelo respaldo afetivo, reflexivo e intelectual desde sempre, por despertarem minha curiosidade pela cultura, minha sensibilidade em relação ao outro e meu senso de justiça. Por serem, os três, exemplos na vida pessoal e profissional de uma existência mais humana, cuidadosa e atenta às necessidades de quem cruza nosso caminho. À minha mãe, pela empatia. Ao meu pai, pela musicalidade. À minha irmã, pela valorização e prática do bom jornalismo.

Ao meu companheiro nas madrugadas de TCC, parceiro nas aventuras, na curiosidade, no tédio, no amor e na vida, Henrique, com quem espero compartilhar ainda muitos desafios e sonhos realizados. Por me mostrar que era possível sempre que eu achei que não seria.

A todos os amigos que foram compreensivos com minhas ausências, que aceitaram meus convites para sair e desopilar quando precisei, que me disseram sempre que eu conseguiria. À Mariah, minha amiga e comadre, exemplo de força, por me inspirar a ser melhor e me fazer acreditar que tudo é possível quando colocamos amor no que fazemos. À Leonora, por me ajudar a dizer mais “sim” para mim mesma.

À minha orientadora Aline Strelow por todo o suporte acadêmico, pela generosidade ao compartilhar seu amplo conhecimento, pelo olhar cuidadoso e por ser uma facilitadora num semestre de muitas dificuldades. Por acreditar, também, no potencial que o jornalismo tem de nos ajudar a enxergar de maneira diferente o que não conhecemos.

Aos colegas com quem trabalhei em minha trajetória profissional na UFRGS TV, na Band, no Fronteiras do Pensamento e no CAU/RS, pelo conhecimento trocado e laços formados. Em especial à minha atual chefe, Flavia Mu, pela compreensão e estímulo nesse semestre atribulado.

Àqueles que resistem: mulheres, negros, homossexuais, transsexuais, trabalhadores. Por permanecerem lutando por uma sociedade mais justa, por me inspirarem a lutar por um jornalismo mais representativo.

"Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais iguais iguais.
Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou
Indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum
outro
Homem, bicho ou
coisa.
Não é igual a nada.
Todo ser humano é um estranho
ímpar."

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho se propõe a pesquisar de que forma o muçulmano é representado na cobertura dos atentados terroristas em Paris no jornal *Folha de São Paulo*. No dia 13 de novembro de 2015, quatro pontos da capital francesa foram atacados: a casa de shows Bataclan, o Stade de France, e os restaurantes Le Petit Cambodge e Le Carrillon. O *corpus* é constituído de 32 reportagens publicadas entre os dias 14 e 23 de novembro, período de dez dias após os ataques, quando estes ocuparam a capa do periódico. O estudo se baseia nos conceitos de orientalismo (Said), pseudoambiente (Lippmann), identidade e representação (Hall) e etnocentrismo (Laraia), além de se amparar nas teorias do jornalismo apresentadas por autores como Traquina e Gomis. Usando os entendimentos destes e de outros teóricos, buscamos situar relações entre a tradição discursiva sobre o oriente ao longo da História, os estudos culturais que direcionam nossa visão de mundo - incluindo os próprios jornalistas - e o papel social do jornalismo como forma de narrar uma realidade distante do leitor. A metodologia usada foi a Análise de Conteúdo, de Bardin. Dividindo os 32 textos analisados nos eixos *Impacto*, *O Mesmo* e *O Outro*, percebemos a repetição de certos padrões narrativos de pouco aprofundamento do contexto sócio-político dos atentados, pouca frequência de espaço a fontes de origem árabe-muçulmana e rara exploração histórica dos acontecimentos. Também observamos que com o desenrolar da cobertura, houve um aprofundamento maior e mais frequente nas reportagens publicadas na *Folha* e uma pluralidade de visões abarcadas no conjunto dos textos.

Palavras-Chave: Jornalismo impresso. Representação. Terrorismo. Muçulmano. Folha de São Paulo.

ABSTRACT

The present work has the purpose to research in which ways the muslim is represented in the coverage of the terrorist attacks to Paris in november 2015, at the newspaper *Folha de São Paulo*. In the 13th of november, 2015, four points in the French capital were attacked: No dia 13 de novembro de 2015, quatro pontos da capital francesa foram atacados: the Bataclan theatre, France Stadium, and the restaurants Le Petit Cambodge and Le Carrillon. The research *corpus* is constituted of 32 reports published between November 14th and November 23rd, ten days after the attacks, when the facts were occupying the newspaper's cover. This study is based in the concepts of orientalism (Said), pseudo environment (Lippmann), identity and representation (Hall) and ethnocentrism (Laraia), and also in the theories of journalism presented by authors as Traquina and Gomis. Using the understandings of those and other theorists, we reach to situate relations between the discursive tradition about the east throughout History, the cultural studies that affect our world perspective – including the journalists themselves – and the social role of journalism as a way to describe a distant reality. The methodology we used was Bardin's Content Analysis. Dividing the 32 texts analysed in the axes *Impact*, *Ourselves* and *The Other*, we perceived the repetition of certain narrative standards concerning a low deepening of social-political context of the attacks, spare space given to arab-muslim fonts and rare historical enhancement of the facts. We also observed that, as the coverage was developed, there was a bigger and more frequent deepening in the reports published in *Folha*, and a plurality of visions embraced in the group of texts.

Keywords: Printed journalism. Representation. Terrorism. Muslim. Folha de São Paulo.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	36
GRÁFICO 2 – TEMAS	38
GRÁFICO 3 – NÍVEL DE APROFUNDAMENTO DOS TEXTOS	39
GRÁFICO 4 – NOTÍCIAS	42
GRÁFICO 5 – REPORTAGENS	43
GRÁFICO 6 – ARTIGOS	44
GRÁFICO 7 – COLUNAS	45
GRÁFICO 8 – CHAMADAS	46
GRÁFICO 9 – ANÁLISES	47
GRÁFICO 10 – ENTREVISTAS.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ORIENTALISMO, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO	13
2.1	O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID.....	13
2.2	IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO.....	17
2.3	ISLÃ, ISLAMISMO, ÁRABE E MUÇULMANO: ALGUMAS DIFERENCIAÇÕES.....	21
3	O PAPEL DO JORNALISMO	24
3.1	JORNALISMO, SOCIEDADE E ALTERIDADE.....	24
3.2	O PSEUDOAMBIENTE.....	28
3.3	O JORNAL <i>FOLHA DE S.PAULO</i>	31
4	A REPRESENTAÇÃO DO MUÇULMANO NA <i>FOLHA</i> EM NOVEMBRO DE 2015	33
4.1	PRÉ-ANÁLISE.....	34
4.2	EXPLORAÇÃO DO MATERIAL (QUANTITATIVA).....	36
4.3	RESULTADOS OBTIDOS E INTERPRETAÇÃO.....	49
4.3.1	Eixo 1: Impacto	49
4.3.2	Eixo 2: O Mesmo	52
4.3.2	Eixo 3: O Outro	55
4.4	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE.....	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	64
	ANEXOS	69
	ANEXO 1 – reportagem <i>Hollande declara emergência e fecha fronteiras da França;</i> <i>reportagem Atentado pode ser retaliação a ataque na Síria, diz analista</i>	70
	ANEXO 2 – reportagem <i>Alvos são locais favoritos de parisienses</i>	71
	ANEXO 3 – reportagem <i>O Horror</i>	72
	ANEXO 4 – reportagem <i>EI reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra</i>	73
	ANEXO 5 – reportagem <i>Indícios apontam para estrangeiros em ação coordenada;</i> <i>reportagem</i>	

<i>EUA e Rússia dão passos para a transição na Síria</i>	74
ANEXO 6 – reportagem <i>Massacre faz Europa reforçar sua segurança</i>	75
ANEXO 7 – reportagem <i>Em minutos, noite vai da perplexidade ao horror em Paris</i>	76
ANEXO 8 – reportagem <i>Guerra / Luto</i>	77
ANEXO 9 – reportagem <i>Terrorista era reservado e gostava de jogar futebol; reportagem Bairro de maioria islâmica em Bruxelas se torna alvo de buscas</i>	78
ANEXO 10 – reportagem <i>Vítimas são um retrato da vida noturna de Paris</i>	79
ANEXO 11 – reportagem <i>Gênese do mal</i>	80
ANEXO 12 – reportagem <i>Agitada e atenta, Paris tenta retomar vida</i>	81
ANEXO 13 – reportagem <i>Ex-militar do Iraque ajudou a estruturar EI</i>	82
ANEXO 14 – reportagem <i>França e Rússia se unem contra Estado Islâmico na Síria</i>	83
ANEXO 15 – reportagem <i>Radicais belgas atraem com assistencialismo, diz analista</i>	84
ANEXO 16 – reportagem <i>Atentados já afetam Olimpíada de 2016</i>	85
ANEXO 17 – reportagem <i>Com 5.000 tiros, polícia francesa diz ter evitado novo atentado; reportagem Saint-Denis concentra imigrantes e pobreza pós-apogeu industrial</i>	86
ANEXO 18 – reportagem <i>Armas e spray de pimenta entram na lista de compra de parisienses; reportagem Judeus franceses dizem que pretendem ir para Israel</i>	87
ANEXO 19 – reportagem <i>Rússia já considera uso de tropas terrestres na Síria</i>	88
ANEXO 20 – reportagem <i>Paris teme queda do turismo no final de ano</i>	89
ANEXO 21 – reportagem <i>Estado Islâmico S/A</i>	90
ANEXO 22 – reportagem <i>Câmara dos EUA endurece entrada de sírios</i>	91
ANEXO 23 – reportagem <i>UE vai aumentar controle de fronteiras</i>	92
ANEXO 24 – reportagem <i>Europa tem desafio de conter escalada da radicalização online</i>	93
ANEXO 25 – reportagem <i>Chefe do EI lidera com violência e assistencialismo</i>	94
ANEXO 26 – reportagem <i>Cidade mais islâmica da França vive dias de desconfiança</i>	95
ANEXO 27 – reportagem <i>Para jovens alvo de terroristas, atentados mudaram preocupações</i>	96

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a compreender os processos de representação e construção da imagem do povo muçulmano na sociedade a partir da narrativa jornalística sobre atentados terroristas. A escolha desta temática se deve à percepção que tive, ao longo da graduação, do quanto a opinião das pessoas sobre realidades distantes delas – no caso do Brasil, atentados terroristas são eventos geograficamente e culturalmente distantes – é influenciada pela mídia; e também pela constatação de que muitas vezes estes atentados levam ao aumento da xenofobia e da islamofobia – como foi o caso no ano de 2015 (FUNDAMENTAL, 2017, site).

Desde os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o termo terrorismo tem sido usado de forma cada vez mais frequente. A partir dos discursos midiáticos sobre os atentados terroristas atribuídos à organização Al Qaeda, a visão ocidental da cultura árabe ficou permeada por já antigos estereótipos negativos. O povo muçulmano passou a ser associado ao fanatismo religioso, ao extremismo ideológico e, como consequência final, aos ataques armados contra países ocidentais.

Após mais de uma década em perseguição aos responsáveis pelos atentados de 11 de Setembro, os Estados Unidos conseguiram capturar e executar o principal mentor dos ataques, Osama Bin Laden. Este período até a morte de Bin Laden foi marcado por um drástico aumento nas medidas de segurança em relação à entrada de imigrantes no país. Três dias após os ataques, o então presidente George W. Bush já decretou uma ordem de emergência nacional, que permitiu a adoção de medidas de exceção, como o aumento da reserva das forças armadas e o envio de tropas a qualquer lugar do mundo para combater o terrorismo (POR QUE, 2016, site). Desde os ataques, os EUA já investiram cerca de US\$ 7 bilhões em segurança de aeroportos, além de trilhões de dólares em ações militares no Oriente Médio (BALLOUSSIER, 2016, site).

Em 7 de janeiro de 2015, a França foi o novo alvo do extremismo islâmico. A redação do jornal satírico *Charlie Hebdo* foi invadida por homens armados e doze pessoas foram mortas. A autoria do ataque foi assumida pelo grupo Estado Islâmico, fundado em 2004 a partir do braço da Al Qaeda no Iraque. A motivação do atentado teria sido uma charge publicada no periódico que satirizava o profeta Maomé, mensageiro de Deus para o Islã.

As medidas de segurança que o governo francês tomou após o atentado de janeiro não foram suficientes para impedir novos ataques, de dimensões ainda maiores, em 13 de novembro do mesmo ano. Com atentados em quatro pontos da capital francesa, o Estado Islâmico, declarando-se novamente como autor do ocorrido, deixou 129 mortos em Paris, em lugares

como a casa de shows *Bataclan* e o *Stade de France*.

A revolta, o medo e a tristeza daqueles que sofreram diretamente com os atentados causou comoção na comunidade internacional. A atmosfera emocional da situação, somada ao receio de cada país em ser o próximo alvo, resultou em leituras eventualmente simplificadas do fato, por parte da população. Surgiu a necessidade de buscar culpados, de tipificar pessoas que pudessem ser ameaças à segurança, para assim barrar potenciais terroristas. Todo este contexto fez com que a população de países ocidentais adotasse, por vezes, uma ótica baseada em estereótipos culturais e com pouca pluralidade na forma de enxergar o outro. Os casos de islamofobia na França, em 2015, triplicaram em relação ao ano anterior (TERUEL, 2016).

Neste cenário, o papel da mídia seria de esclarecer, aprofundar, promover a reflexão racional e complexa a um debate que tende a ser afetado pela comoção e constantemente simplificado. Entretanto, muitas vezes o que se vê na cobertura jornalística desses acontecimentos é a adoção, por parte dos veículos, de uma lógica também simplista e emotiva. Além disso, os elementos da linguagem simbólica, visual e textual, carregados de significação ideológica, têm o poder de estabelecer papéis claros para os sujeitos envolvidos nos fatos. Tais papéis têm origem num enquadramento cultural que é muito anterior a uma decisão do próprio veículo, pois nasce na construção da cultura de cada país e na tendência de enxergar os fatos com a lente da própria cultura (GOMIS, 2004).

A temática do discurso jornalístico a respeito de eventos de terrorismo começou a aparecer com mais frequência nas pesquisas acadêmicas brasileiras após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Ao fazer o levantamento bibliográfico inicial desta pesquisa – consultando bibliotecas virtuais de universidades brasileiras, além do banco de teses da CAPES –, foram localizados 12 trabalhos acadêmicos neste período. A maioria é composta de trabalhos de pós-graduação – dissertações e teses –, além de vários artigos acadêmicos e um trabalho de conclusão de curso de graduação. Destas doze pesquisas, metade trata de desdobramentos diretos do 11 de Setembro. É o caso dos artigos de Silvia M. Montenegro (2002), Carla Luciana Silva (2005) e Luciana Barcelos Souza e Adriana Facina Gurgel (2006), que dialogam diretamente com o tema deste trabalho. Isabelle Christine Somma Castro (2007) em sua dissertação, e César Henrique de Queiroz Porto (2012) em sua tese, também discorreram sobre aspectos do discurso midiático diretamente relacionados aos eventos do 11 de setembro de 2001.

A respeito dos outros seis trabalhos, cabe destacar o artigo de José Luiz Aidar Prado (2006) a respeito da construção do Outro na mídia semanal; de Cláudia Lago (2014), que tratou também em artigo da apreensão do Outro no jornalismo; e de Carolina Carvalho Trindade

(2016), que analisou, em seu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, os sentidos construídos sobre o terrorista na cobertura do Jornal Nacional dos atentados em Paris em novembro de 2015. Polianne Merie Espíndola (2013), Denise Christine Paiero (2012) e Luiz Antônio Araújo (2013) também contribuíram com esta temática na pesquisa brasileira.

A discussão sobre o terrorismo e a busca por maior compreensão sobre as origens do extremismo islâmico e sobre a cultura árabe e muçulmana para além de eventos de terrorismo tem alguma recorrência no ambiente acadêmico de áreas relacionadas à Ciência Política, às Relações Internacionais, à Geopolítica e mesmo à Antropologia. Entretanto, é um debate ainda pouco estimulado para além da universidade. Tendo no Jornalismo uma ferramenta para trazer assuntos complexos às discussões cotidianas, tornam-se imprescindíveis a reflexão e o debate sobre o papel efetivamente exercido pelos veículos jornalísticos no aprofundamento deste tema.

Conceber a população como receptora-passiva da informação midiática é uma ideia há muito superada. Contudo, através de elementos simbólicos da linguagem visual e textual, a comunicação jornalística tem o poder de influenciar a opinião pública, favorecendo em maior ou menor grau a discussão e o aprofundamento de determinados assuntos (LIPPMANN, 2008). A narrativa jornalística promove mais intolerância quando favorece uma visão ocidentalizada do povo e da cultura árabes, buscando vilões para problemas complexos e tipificando o muçulmano como potencial terrorista. Socialmente, este estudo se justifica no sentido de procurar um olhar mais humano do outro, enxergar com alteridade uma cultura que não é a nossa e expandir o debate com o objetivo de promover a tolerância e o respeito. Percebendo a necessidade de uma percepção mais ampla desta situação, para que se atinja um grau de sensibilidade e empatia em relação a qualquer grupo étnico, cultural e religioso, me senti sensibilizada a pesquisar as coberturas de atentados terroristas para entender se o jornalismo colabora, de alguma forma, com o aumento do preconceito com a população muçulmana.

Pretendemos, portanto, como objetivo principal desta monografia, compreender o processo de representação dos muçulmanos na narrativa jornalística da *Folha de S.Paulo* na cobertura dos atentados terroristas em Paris, no mês de novembro de 2015. Para isso, nos propomos a estudar os processos de representação cultural na narrativa jornalística, identificar os elementos simbólicos presentes na linguagem visual e escrita que reforcem a construção de uma imagem do muçulmano como potencial terrorista, e analisar o papel da prática jornalística na consolidação de um pensamento etnocêntrico. Como objeto deste estudo, analisaremos a cobertura do jornal *Folha de S.Paulo* no período de dez dias após os atentados de 13 de novembro de 2015 em Paris, intervalo no qual os ataques estiveram na capa da publicação. A metodologia escolhida para trabalhar o material foi a análise de conteúdo, conforme Bardin

(1977).

Para atingir os objetivos de pesquisa acima expostos, dividimos este trabalho em três partes. No primeiro capítulo, logo após esta introdução, resgataremos alguns conceitos e reflexões propostos por Edward Said (2015), como a definição de Orientalismo e uma perspectiva histórica importante para entender melhor a vivência sociocultural do povo muçulmano no contexto da política internacional e considerando uma história milenar. Também delimitaremos os conceitos de identidade e representação de Stuart Hall (2006) e revisaremos a forma como estes foram abordados por outros estudiosos que pesquisaram temáticas relacionadas ao tema deste trabalho. Diferenciaremos, ainda, algumas terminologias que aparecem com frequência na literatura histórica e acadêmica de temáticas ligadas ao Islã, para desconstruir a forma generalizada como este é tratado muitas vezes e detalhar suas particularidades conceituais.

No segundo capítulo, denominado “O papel do jornalismo”, buscaremos entender a forma como o jornalismo se relaciona com a sociedade, seguindo conceitos de Carlos Eduardo Franciscato (2005). Resgataremos também, a partir de definições de Lorenzo Gomis (2004) e Claudia Lago (2014) a importância de uma construção da notícia baseada em valores de alteridade. Para finalizar o capítulo, sintetizaremos o histórico do jornal *Folha de S.Paulo*, objeto da análise contida neste estudo.

O terceiro e último capítulo será dedicado à análise a que este trabalho se propõe. Num primeiro momento, apresentaremos a metodologia de pesquisa utilizada, de acordo com a proposta de Bardin (2011). O segundo item deste capítulo definirá o *corpus* da análise. No item final, desenvolveremos a análise propriamente dita, com pesquisa quantitativa e qualitativa sobre a representação do muçulmano no período e veículo determinados anteriormente.

2 ORIENTALISMO, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

2.1 O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID

Antes de proceder à análise do objeto de pesquisa, é preciso recorrer a alguns conceitos relacionados ao assunto. O debate sobre a representação do oriente no discurso ocidental não se desenvolveu tão recentemente, já que, antes do desenvolvimento das comunicações de massa – que estão no centro da discussão nos dias de hoje –, já se observava uma série de produtos culturais com discursos sobre o oriente e o oriental. O pesquisador e crítico palestino Edward Said é uma das maiores referências na área que estuda tais representações. Sua obra é abrangente e inclui os discursos midiáticos, literários, culturais e acadêmicos. Said (2015) situa três acontecimentos históricos importantes para a formação do que ele chama de orientalismo: a ocupação francesa do Egito por Napoleão, em 1798; a ocupação britânica do mesmo território em 1882; e, por último, a experiência americana no Oriente após a Segunda Guerra Mundial. Conforme Said, a partir das experiências político-militares citadas, surgiram as primeiras produções intelectuais de pensadores ocidentais a respeito do Oriente – o que o autor define como Orientalismo.

[...] *Orientalismo*, um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia. O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro (SAID, 2015, p. 27-8).

Said (2015) se refere ao desenvolvimento de uma autoridade discursiva do Ocidente sobre o Oriente. Estima-se que cerca de 60 mil livros sobre o Oriente Próximo – o que hoje conhecemos como Oriente Médio – tenham sido escritos entre os anos de 1800 e 1950. O autor indica um ponto comum entre estes textos: a definição de um contraste entre os modos de pensar, viver e se relacionar ocidentais com os modos orientais. De acordo com a análise do pensador palestino, o oriental é descrito como um ser irracional, sem capacidade de autogoverno, preso a doutrinas religiosas extremas; de maneira geral, inferior ao europeu. Há, para ele, uma visão do árabe que parte de um caráter coletivo, ignorando a individualidade de cada nação e de cada indivíduo pertencentes ao Oriente Médio e à comunidade árabe.

Outra característica importante do pensamento orientalista, conforme Said (2015), é o discurso a partir de uma visão externa. O oriental não ganha voz, visibilidade ou protagonismo ao ser tão frequentemente referido por pensadores ocidentais. Ele é, ao contrário, descrito por

terceiros, como se não pudesse falar por si. Isso favorece a formação de uma visão limitada sobre o Oriente, considerando que a construção do discurso orientalista se baseia na experiência específica que o ocidental teve com alguns orientais. “O Orientalismo é postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece os seus mistérios por e para o Ocidente” (SAID, 2015, p. 51).

Tal entendimento de culturas orientais partindo de uma perspectiva externa e de estranhamento a elas pode ser relacionado à ideia de etnocentrismo, bastante trabalhada nos estudos culturais. O antropólogo Roque de Barros Laraia (2009) define o etnocentrismo a partir de um entendimento de cultura como um elemento que condiciona uma visão por vezes discriminatória em relação a comportamentos que desviam do padrão esperado. Essa expectativa que desenvolvemos quanto ao comportamento das pessoas à nossa volta, segundo Laraia (2009), tem base na tendência do homem a enxergar o mundo tomando a própria cultura como ponto de referência e comparação. Conforme o antropólogo, a ação da cultura pode ser observada em diversos níveis de nossos comportamentos e hábitos. “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2009, p. 68).

A definição de etnocentrismo se dá, para Laraia (2009), como a tendência do homem em considerar sua maneira de vida, sua linguagem, visão de mundo, hábitos e costumes como mais corretos ou naturais do que os outros. A perspectiva etnocêntrica, portanto, faz com que os indivíduos desenvolvam um olhar de estranhamento e até mesmo discriminação em relação a culturas das quais não faz parte.

Conforme Said (2015), este discurso sobre o Oriente e sobre o oriental é caracterizado por compreensões generalizadas, tidas a partir de uma experiência única ou limitada de contato com esses povos. Assume-se, assim, que apenas um indivíduo é representativo de uma coletividade étnica ou religiosa. Em 1978, quando publicou *Orientalismo*, Said já tinha a percepção que foi uma das motivações para a realização desta monografia: a ideia de uma representação midiática estereotipada do árabe muçulmano. Mais à frente, destacaremos a diferenciação entre árabe e muçulmano – nem todos os árabes são muçulmanos, e nem todos os muçulmanos são árabes – mas, de toda forma, o entendimento simbólico ocidental muitas vezes trata como se as duas categorizações estivessem necessariamente atreladas.

Nos documentários e nos noticiários, o árabe é sempre mostrado em grandes números. Nada de individualidade, nem de características ou experiências pessoais.

A maioria das imagens representa fúria e desgraça de massas, ou gestos irracionais (por isso, irremediavelmente excêntricos). Espreitando por trás de todas essas imagens está a ameaça da jihad. Consequência: o medo de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo (SAID, 2015, p. 383).

Ao analisar a representação do Oriente pelo Ocidente, o pesquisador palestino demonstra (2015) que o entendimento que carregamos inconscientemente até hoje sobre o povo oriental tem origens muito antigas. Ele cita a peça *Os persas*, do grego Ésquilo – datada de 472 a.C. – que traz representações do Oriente semelhantes às que vemos atualmente. Entre elas, aponta Said, estão o caráter ameaçador e exótico do oriental, e o estereótipo feito das mulheres asiáticas.

A proximidade dramática da representação em *Os persas* obscurece o fato de que o público está assistindo a uma encenação altamente artificial de algo que um não oriental transformou num símbolo de todo o Oriente. A minha análise do texto orientalista, portanto, coloca a ênfase na evidência, de modo algum invisível, de tais representações como representações, e não como descrições “naturais” do Oriente (SAID, 2015, p. 51).

O autor destaca, portanto, a necessidade de tomarmos consciência – ao consumir produtos culturais, obras literárias ou midiáticas produzidas pelo ocidente falando sobre o oriente – de que há processos de representação presentes naquele discurso.

Ao delimitar o conceito de etnocentrismo, Laraia (2009) destaca dois pontos: a universalidade do pensamento etnocêntrico e o potencial perigo que este representa, por motivar, muitas vezes, comportamentos discriminatórios e mesmo violentos direcionados a grupos que não se encaixam na própria cultura.

O etnocentrismo é, de fato, um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade. [...] Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros (LARAIA, 2009, p. 73).

Essas consequências violentas se legitimam através do pensamento etnocêntrico, na medida em que este dá origem a um entendimento, compartilhado pela maioria dos membros daquela cultura, de que a moral de outros sistemas culturais é questionável. Se formos convencidos, pouco a pouco, que determinados hábitos de uma cultura distante da nossa são nocivos ao sentido de humanidade e a valores básicos como a vida, o respeito e a liberdade, passaremos a acreditar facilmente que estas culturas devem ser mudadas. Todos nós, em algum momento da vida, já nos deparamos com a sensação de desconforto e desaprovação frente a

alguma crença ou hábito de outra cultura.

Outra explicação apontada por Said (2015) ao refletir sobre a percepção das populações ocidentais a respeito do Oriente tem base num momento mais recente da História. Trata-se do conflito entre Israel e Palestina, que iniciou na primeira metade do século XX. Em consequência ao antissemitismo sofrido pelos judeus na Europa, o movimento sionista começou a ganhar mais força nessa época, exigindo a criação de um Estado para o povo judeu. A região da Palestina era, até a Primeira Guerra Mundial, território do Império Otomano. A área era considerada sagrada para cristãos, judeus e muçulmanos. Após a desintegração do Império Otomano na Primeira Guerra, o Reino Unido ficou responsável por administrar o território da Palestina. Durante a Segunda Guerra Mundial, os britânicos fizeram uma série de promessas aos povos árabes e judeus, que não foram cumpridas em função de interesses da França na região. Depois do fim da Segunda Guerra, aumentou a pressão do movimento sionista pela criação de um Estado judeu, que foi então criado em 1948. No dia seguinte, Egito, Jordânia, Síria e Iraque invadiram o território, e começou a primeira guerra israelo-palestina. A partir daí, o território originalmente previsto para os povos árabes foi reduzido à metade, e os conflitos não pararam de se repetir. Entre os confrontos mais marcantes estão a Guerra dos Seis Dias, em 1967, e a Guerra do Yom Kippur, em 1973. Neste longo período de conflitos – que ainda persiste – milhões de palestinos fugiram para outros países, enfraquecendo ainda mais a possibilidade de criação de um Estado palestino.

O que acontece, porém, é que a própria criação de Israel está atrelada a interesses econômicos de potências ocidentais, como Estados Unidos e Grã-Bretanha. A região é estratégica devido à sua proximidade com grandes reservas de petróleo. Conforme a rede de notícias BBC, o valor de assistência financeira prestada pelos Estados Unidos para ações militares israelenses desde então chega a US\$ 121 bilhões. Neste contexto, Edward Said (2015) considera que o posicionamento das potências ocidentais no conflito entre Israel e Palestina também afeta a maneira como os árabes palestinos são representados. O autor completa:

[...] como o Oriente Médio é agora identificado com a política da Grande Potência, a economia do petróleo e a dicotomia simplista entre um Israel democrático e amante da liberdade e os árabes malvados, totalitários e terroristas, as chances de uma visão clara do que dizemos ao falar sobre o Oriente Próximo são deprimentemente pequenas (SAID, 2015, p. 58).

Said (2012) discorre de maneira mais ampla sobre o conflito entre Israel e Palestina – e suas consequências na representação do árabe-muçulmano – em uma obra dedicada ao assunto: *A Questão da Palestina*, publicada pela primeira vez em 1992. A temática conversa

com a proposta do presente trabalho, se observarmos que a população nativa do território palestino era, antes do estabelecimento de um fluxo regular de judeus para a região – que se iniciou por volta de 1882 –, majoritariamente composta de muçulmanos sunitas, além de uma minoria de cristãos, drusos e muçulmanos xiitas. Todos tinham o árabe como sua língua materna (SAID, 2012). Conforme o teórico palestino, um dos problemas que voltou a se repetir – da mesma forma que faziam os orientalistas – quando do conflito israelo-palestino, em termos de representação, foi a tendência a não dar voz a este povo.

O New York Review of Books (NYRB) não publicou quase nada de palestinos desde 1974, quando a questão palestina veio à tona. Em 1978, o NYRB chegou a publicar artigos de I.F. Stone, Guido Goldman e Stanley Hoffmann mais ou menos críticos a Israel; todos defendiam algum tipo de autodeterminação palestina, porém a cortina de ferro contra os palestinos – e não são poucos – que falam por si mesmos persiste (SAID, 2012, p. 6).

Por fim, é preciso observar que a classificação de um pensamento como orientalista, para o palestino Edward Said (2012), está muito relacionada com o objetivo ao qual aquela produção simbólica se presta. Do reforço de já conhecidos e nocivos estereótipos do oriental como alguém que não fala por si, que pode facilmente ser resumido sem o conhecimento profundo de sua coletividade, que tem um comportamento exótico e não civilizado, se legitima uma dominação desses povos, além da crescente xenofobia quando por qualquer razão um indivíduo ou grupo oriental precisa migrar para outros países. Por outro lado, quando se promove a construção de um conhecimento mais completo e complexo a respeito de uma cultura e uma realidade distantes da nossa, a convivência tende a se tornar mais harmoniosa e fica mais viável o acolhimento da alteridade.

[...] existe uma diferença entre um conhecimento de outros povos e outras eras que resulta da compreensão, da compaixão, do estudo e da análise cuidadosos no interesse deles mesmos e, de outro lado, conhecimento – se é que se trata de conhecimento – integrado a uma campanha abrangente de autoafirmação, beligerância e guerra declarada. Existe, afinal, uma profunda diferença entre o desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa (SAID, 2015, p. 15).

2.2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Se faz essencial a compreensão dos conceitos de identidade e de representação para desenvolver adequadamente o assunto que nos propomos a trabalhar. Tal demanda surge da necessidade de reconhecer as fronteiras impostas a cada grupo identitário na representação

midiática, e de esboçar o que, nos dias de hoje, entendemos por identidade. A construção epistemológica do conceito dentro da perspectiva dos estudos culturais nos leva a colocá-la lado a lado com a diferença na hora de designar uma significação. A partir da obra de Kathryn Woodward (2000), pode-se constatar uma série de reivindicações essencialistas sobre o pertencimento de um indivíduo a um determinado grupo, assim como seu não pertencimento a outro grupo, ou outros grupos. Estas duas frentes estão vinculadas, e tornam a identidade um conceito relativo, ainda que fixo e imutável na hora de olhar os que não pertencem ao grupo. A autora aponta que

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável (WOODWARD, 2000, p. 13).

Usaremos também o conceito do teórico inglês Stuart Hall (2006), que coloca a identidade como algo que “costura o sujeito à estrutura” (HALL, 2006, p. 12). O mesmo autor nos auxilia, ainda, a compreender a relação entre identidade e processos de representação – indispensável para o desenvolvimento deste trabalho. Através desses processos, para Hall, a identidade se torna fluida nos discursos que a modificam, “[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Por se tratar de uma construção simbólica complexa, portanto, pode-se entender que representações têm origem numa construção cultural, mas são introjetadas de maneira muito profunda na mentalidade social.

Zygmunt Bauman (2012) reforça a característica mais fluida e móvel da identidade conforme se deu o desenvolvimento da modernidade. A circunstância é consequência, segundo o sociólogo, do aumento da mobilidade geográfica e da globalização, que enfraqueceria o sentido de localidade e tornaria nossas comunidades de pertencimento categorias imaginadas, com delimitações construídas de maneira abstrata e simbólica (BAUMAN, 2012). Tal processo faz parte de um contexto favorável ao surgimento de crises de identidade – já que esta se torna cada vez mais difícil de definir. Como uma reação ao enfraquecimento de vínculos mais concretos de identificação, a hostilidade e a necessidade de diferenciação em relação ao “outro” tende a aumentar.

É preciso observar, ainda, que no cotidiano as pessoas não costumam tomar consciência do caráter dúbio da identidade – que nos faz ao mesmo tempo pertencer a um grupo e não pertencer a outro (WOODWARD, 2000). Enxergamos, assim, apenas um lado da moeda:

eu pertencço a um grupo, no qual fui culturalmente encaixado, e o outro não pertence ao meu grupo porque é diferente de mim. O que acontece, porém, conforme Hall (2006), é que na pós-modernidade, com a multiplicação dos sistemas de representação cultural e simbólica, nossa identidade circula de maneira mutável por diversos campos e possibilidades. Mas se, por um lado, para nós é claro e admissível que possamos transitar entre várias identidades possíveis, costumamos colocar o outro – diferente de nós – como fixo num grupo externo a nós. Esse processo gera uma sensação de estranhamento, distanciamento e recusa do que não nos é familiar.

Ao buscar um conceito de identidade, Bauman (2012) situa duas esferas da identidade: a pessoal e a social. Conforme o sociólogo, tais esferas são complementares: enquanto a identidade pessoal garante a individualidade, o significado único do “eu”, a identidade social acolhe o indivíduo numa noção de pertencimento coletivo, o que proporciona segurança e ameniza as ansiedades e inseguranças do ser humano enquanto ser isolado de uma comunidade (BAUMAN, 2012). O autor observa, ainda, que para haver um sentimento de satisfação em relação à identidade coletiva a que se pertence, noções de poder e hierarquia em relação a outros grupos são pontos importantes.

A identidade é percebida como segura se os poderes que a certificaram parecem prevalecer sobre ‘eles’ - os estranhos, os adversários, os outros hostis, construídos simultaneamente ao ‘nós’, no processo de auto-afirmação. “Nós” devemos ser poderosos, ou a identidade social não será gratificante (BAUMAN, 2012, p. 47).

Douglas Kellner (2001), em suas contribuições para a produção intelectual sobre a identidade, reforça a importância do papel do “outro” no processo identitário. Segundo o autor, uma estrutura complexa de interação social que pressupõe papéis, normas, costumes e expectativas é o pano de fundo do processo de formação individual e coletiva das identidades. Dessa maneira, na modernidade o outro é um constituinte da nossa identidade; por conseguinte, nos últimos tempos é bem comum a personagem determinada pelo ‘outro’; ela depende dos outros para o reconhecimento e, portanto, para o estabelecimento de sua identidade pessoal (KELLNER, 2001).

Na obra *A cultura da mídia* (2001), Kellner revisa a compreensão teórica sobre o conceito de identidade em diferentes momentos do pensar sobre a cultura. Uma característica da identidade na pós-modernidade, de acordo com ele, é a mudança nos fatores que regem o processo de construção identitária do indivíduo perante a sociedade. Com a grande disseminação de imagens midiáticas, a identificação do sujeito passa a ser dada pela construção da imagem e pela representação. “Enquanto o lugar da identidade moderna girava em torno da

profissão e da função na esfera pública (ou familiar), a identidade pós-moderna gira em torno do lazer e está centrada na aparência, na imagem e no consumo” (KELLNER, 2001, p. 311).

O papel das representações midiáticas no processo de constituição identitária do indivíduo também foi tratado por Nestor Garcia Canclini no livro *Culturas híbridas* (2003). O teórico argentino aponta que a construção de identidades coletivas acontece, hoje em dia, muito menos apoiada na História ou nos espaços públicos, mas sim no contexto da intimidade, dentro de casa, reforçada por conversas com familiares e amigos. Assim, a mídia, produtora de imagens sobre muito do que não conhecemos, chega a nossos lares com representações que assumimos como válidas.

A publicidade comercial e os lemas políticos que vemos na televisão são os que reencontramos nas ruas, e vice-versa: umas ressoam nas outras. A essa circularidade do comunicacional e do urbano subordinam-se os testemunhos da história, o sentido público construído em experiências de longa duração (CANCLINI, 2003, p.290).

Canclini ressalta que, nesta lógica, contextos complexos acabam por ser sintetizados e consumidos como produtos. Posicionamentos políticos de líderes intelectuais são divulgados de maneira objetiva num cenário de notícia, e a opinião pública, esfera ampla e fluída, é resumida na divulgação dos resultados de pesquisas de opinião. O cidadão, assimilando essa série interminável de informações abrangentes rapidamente, converte-se em cliente ou público consumidor da própria realidade e de realidades alheias (CANCLINI, 2003).

Se refletirmos sobre a quantidade de imagens que absorvemos diariamente – que passam por inúmeros assuntos sobre os quais não temos o menor domínio –, perceberemos que uma construção importante e decisiva para apontar a maneira como se darão as relações sociais é feita de maneira veloz e muitas vezes pouco pensada pelos veículos midiáticos. Em um contexto em que a identidade não é mais definida por fatores geográficos ou de nacionalidade, talvez a representação midiática seja dos poucos meios onde ainda se pode ter alguma noção de responsabilidade sobre a construção identitária de uma população.

Michel de Certeau, historiador francês, trabalha na obra *A invenção do cotidiano* (2012) o volume de imagens pelas quais moldamos nossos entendimentos sobre o mundo, e pelas quais também somos moldados. O autor traz a ideia da cobertura midiática como uma “legenda” que pauta o que lemos, dizemos e pensamos sobre o mundo ao nosso redor. “Código anônimo, a informação inerva e satura o corpo social. Desde a manhã até a noite, sem pausa, histórias povoam as ruas e os prédios. Articulam nossas existências ensinando-nos o que elas devem ser. ‘Cobrem o acontecimento’, ou seja, fazem deles as nossas legendas (legenda: aquilo

que se deve ler e dizer)” (CERTEAU, 2012, p. 260).

Fica claro, portanto, que o jornalista tem papel imprescindível na representação do outro, uma vez que também passa por ele o poder de construção da imagem simbólica, principalmente na seleção que ele empreenderá quanto aos discursos e significados. Este processo ocorre sob um sistema de relações de poder do qual o próprio jornalista faz parte. Em um livro escrito especificamente sobre a cobertura midiática de fatos envolvendo o Islã, Edward Said (1997) aborda, também, essa relação do jornalista com o sistema em que vive.

Nós não vivemos em um mundo natural: coisas como jornais, notícias, e opiniões não ocorrem naturalmente; elas são feitas, como resultado da vontade humana, da História, de circunstâncias sociais, de instituições, e das convenções da profissão de um indivíduo. Valores da imprensa como objetividade, factualidade, cobertura realista e precisão são termos altamente relativos: eles expressam intenções, talvez, e não objetivos realizáveis (SAID, 1997, p. 65).

É indispensável, portanto, que o profissional da área tome consciência dos mecanismos socioeconômicos aos quais está vinculado, para ter cautela e responsabilidade ao realizar seu trabalho. Falaremos mais sobre o assunto mais à frente.

2.3 ISLÃ, ISLAMISMO, ÁRABE E MUÇULMANO: ALGUMAS DIFERENCIAÇÕES

Numa perspectiva de alteridade no jornalismo – e especificamente no contexto da abordagem do Islã – é relevante dar destaque às devidas diferenciações terminológicas relacionadas ao assunto. Aqui, ressaltaremos alguns termos que devem ser compreendidos e distinguidos, começando por islã e islamismo. Conforme o teórico egípcio Paul Balta (2010), islã significa em árabe “submissão a Deus”. É o nome da terceira religião monoteísta, revelada após o judaísmo e o cristianismo. “Segundo a tradição muçulmana, a palavra foi transmitida no idioma árabe pelo arcanjo Gabriel ao profeta Maomé, nascido por volta do ano 570 de nossa era, em Meca, no coração da Arábia Desértica, e falecido em 632 em Medina” (BALTA, 2010, p. 5). No Ocidente, o termo é grafado com letra maiúscula, *Islã*, quando se refere à região onde esta religião surgiu e a civilização muçulmana; e em letra minúscula, *islã*, quando indica somente a religião. Para os muçulmanos a grafia é sempre em maiúscula, *Islã*. Por cerca de um século, o termo *islamismo* foi empregado no lugar de *islã*, para ter o mesmo sufixo de *judaísmo* e *cristianismo*. Mas desde a vitória da revolução islâmica no Irã, em 1979, o termo *islamismo* indica o setor radical do Islã (BALTA, 2010).

Portanto, de acordo com as terminologias usadas hoje, o islã é a religião, e o islamismo é uma ideologia que atua nas frentes popular – ditando costumes da vida privada dos fiéis –,

política – na esfera pública – e jihadista – no contexto internacional, com atuação armada. O sufixo latino “ismo” representa a adaptação de uma realidade já existente – no caso do islã, uma religião – a uma ideologia política. O islamismo, portanto, se apropria de alguns elementos simbólicos da fé islâmica – alguns, não todos – para praticar uma ideologia que atua muito mais pela normatização de comportamentos do que de doutrina (RUTHVEN, 2000). Malise Ruthven (2000) reconhece, contudo, que compreender o que é Islã não é uma tarefa simples e nem mesmo a formação de um conceito fechado, se levarmos em consideração a complexidade de uma religião e de um povo que começaram a se desenvolver há tanto tempo. Buscando algum tipo de conceituação mais objetiva, entretanto, Ruthven observa a necessidade de compreendermos o Islã em mais de uma categoria: como religião, ideologia e identidade.

[...] nós podemos afirmar de início que Islã pode ser ao mesmo tempo uma fé religiosa e uma ideologia política; é também, em alguns contextos, uma marca de identidade individual e coletiva. Essas três definições não necessariamente excluem ou incluem umas às outras (RUTHVEN, 2000, p. 2).

Balta (2010) ressalta também as diferenças essenciais entre islã e islamismo. Conforme o autor, na raiz de atos de grupos extremistas islâmicos estão alguns elementos da religião e da espiritualidade, mas não se pode ignorar a influência de fatores ideológicos, políticos, econômicos, sociais, culturais e históricos no aumento da popularidade de interpretações radicais do Islã. Por isso, afirma o teórico, “as ações violentas que sacodem periodicamente o mundo muçulmano depois da revolução iraniana (1978-79) não nos devem levar a confundir Islã com islamismo e ver em cada muçulmano um fundamentalista em potencial” (BALTA, 2010, p. 91).

Outros termos importantes para a realização da análise do objeto desta pesquisa são muçulmano e árabe. O muçulmano, de forma genérica, pode ser definido como aquele cuja religião é o islã. Mas é importante ressaltar que, da mesma forma que existem judeus não praticantes, ou seja, que não seguem os preceitos da religião, existem também muçulmanos não praticantes – que receberam por herança paterna o islã como religião, mas não o cultuam de fato. Já o termo árabe cunha uma característica étnica, e não religiosa. Existem árabes cristãos, judeus, budistas, por exemplo. Da mesma forma que existem muçulmanos de etnias diversas. O maior país do mundo de maioria muçulmana é a Indonésia, onde a população não é árabe (BALTA, 2010).

Essa variedade étnica, cultural e social contribui, naturalmente, para uma diversidade de visões e entendimentos da religião islâmica, suas interpretações, doutrinas e problemáticas.

Uma das consequências dessa realidade é que as pessoas aceitem a manifestação de fanáticos religiosos – que têm visibilidade midiática em função das ações violentas em que se envolvem – como representativas de uma cultura e de uma religião com múltiplas vertentes.

Não há “igreja” no Islã, nem corpo formalmente instituído com o poder de supervisionar ou ditar a agenda religiosa, de articular uma visão islâmica ‘oficial’ comparável à do Papado ou das lideranças indicadas ou eleitas de vertentes protestantes (BALTA, 2010, p. 9).

Tais diferenciações se fazem indispensáveis na medida em que existe uma tendência a tratar de forma genérica e coletiva uma religiosidade, uma sociedade complexa e uma ideologia muito distantes da nossa realidade. É comum que, quando não conhecemos algo, tenhamos o instinto de tomar um único indivíduo ou caso próximo de nós como representativo de uma coletividade. Para uma análise adequada da cobertura de atentados terroristas liderados por grupos de fundamentalistas islâmicos, assim como para a realização da cobertura em si, é essencial buscar saber mais sobre o islã do que comumente conhecemos.

3 O PAPEL DO JORNALISMO

3.1 JORNALISMO, SOCIEDADE E ALTERIDADE

É importante, ainda, termos em mente algumas referências na busca pelo entendimento do que é Jornalismo. Embora os conceitos da Teoria do Jornalismo sigam diversas perspectivas, há valores que tradicionalmente guiam a profissão – não só para os teóricos da área, como para a sociedade como um todo. É o caso da responsabilidade social, da busca pela verdade e pela pluralidade. Para Carlos Eduardo Franciscato (2005), um fator essencial para a prática de um jornalismo verdadeiramente plural e democrático é o desenvolvimento da sensibilidade em relação ao outro e da capacidade de problematizar estruturas socioeconômicas e valores baseados em construções culturais complexas.

Está imerso em um contexto espaço-temporal concreto significa também um vínculo do jornalismo a processos sociais amplos e históricos que atravessam formas específicas de instituições e que constituem os princípios organizativos de uma sociedade, tais como a construção e transmissão da cultura, as relações econômicas (o mercado como regulador da circulação), as formas de ação política e as transformações tecnológicas. [...] Em outras palavras, formatos jornalísticos são resultantes de modelos históricos de desenvolvimento da cultura, da economia, da política e da tecnologia (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

No livro *Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world*, ainda sem publicação em português, o teórico palestino Edward Said trata especificamente das coberturas jornalísticas a respeito de eventos relacionados ao Islã. Para Said (1997), qualquer crítica a ser feita sobre coberturas midiáticas deve partir da compreensão do aspecto de construção da notícia, no jornalismo. Ele aborda, em sua obra, a influência dos processos convencionais de produção de notícias, imagens e ideias na rotina jornalística. É necessário compreender, segundo afirma o autor, que os acontecimentos na narrativa jornalística estão bem longe de passar diretamente da realidade para o nosso conhecimento. Há, na produção do repórter, uma esfera interpretativa e de expressão de uma vivência pessoal e de uma visão de mundo, além de padrões normativos de apuração e redação, que afetam o resultado do material noticioso.

Da mesma forma como todos os modos de comunicação, a televisão, o rádio, e os jornais observam certas regras e convenções para tornar as coisas inteligíveis, e é isto, frequentemente mais do que a realidade transmitida, o que molda o material entregue pela mídia. Uma vez que essas regras e convenções tacitamente acordadas servem de maneira eficiente para reduzir uma realidade incontrolável em “notícias” e “histórias”, e uma vez que a mídia se esforça para alcançar o mesmo público que eles acreditam

ser governado por um conjunto uniforme de pressupostos sobre a realidade, a imagem do Islã (e de qualquer outra coisa, neste caso) tende a ser bastante uniforme, e de certa forma redutiva e monocromática (SAID, 1997, p. 64).

Franciscato (2005), ao fazer a relação de alguns princípios que norteiam a atividade jornalística, apresenta um ponto de vista coincidente ao do teórico palestino. Um dos princípios citados pelo autor é a pressuposição da “existência de uma ideia de verdade do real que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformada num relato noticioso” (FRANCISCATO, 2005, p. 166). Para viabilizar a produção de relatos sobre acontecimentos dos mais variados tipos, contextos e culturas, portanto, acaba sendo indispensável a padronização de um processo de atuação jornalística. Este processo, como vimos, inevitavelmente dá um enquadramento aos fatos narrados, quaisquer que sejam.

O historiador francês Michel de Certeau (2012), ao abordar a instituição do real através de imagens midiáticas, destaca que uma das mudanças observadas entre a modernidade e a pós-modernidade, está a crença na verdade daquilo que se vê.

Esses relatos têm o duplo e estranho poder de mudar o ver num crer, e de fabricar real com aparências. Dupla inversão. De um lado, a modernidade, outrora nascida de uma vontade observadora que lutava contra a credulidade e se fundava num contrato entre a vista e o real, transforma agora essa relação e deixa ver precisamente o que se deve crer. A ficção define o campo, o estatuto e os objetos da visão. Assim funcionam os *mass media*, a publicidade ou a representação política (CERTEAU, 2012, p. 261).

O leitor, ao consumir produtos midiáticos, portanto, deve atentar para o que há entre a realidade e o fato narrado. E o jornalista, na produção da notícia, também não pode esquecer que existe, além de qualquer relato que ele possa produzir, “uma imensidão invisível do Ser (ou dos seres), escondido por trás das aparências” (CERTEAU, 2012, p. 262).

Nelson Traquina (1999) defende também o entendimento da atuação do jornalista como participante ativo do processo de produção noticiosa, e não uma mera testemunha neutra da realidade. “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1999, p. 168). Outro ponto a ser destacado no pensamento do acadêmico é a repetição exaustiva de padrões na construção de uma notícia (TRAQUINA, 1999), a ponto de narrativas sobre fatos distantes da realidade do leitor serem interpretadas como assuntos que ele domina totalmente. Assim, se o jornalista usa um padrão narrativo para descrever dois fatos mais ou menos semelhantes, o leitor frequentemente já sabe o que esperar da descrição de tais fatos, e reforça uma noção de total compreensão sobre acontecimentos que envolvem culturas às quais não pertence.

Said (1997) observa, ainda, que embora o jornalismo tenha o potencial de produzir

basicamente qualquer coisa e representar diversos pontos de vista, pelo fato de existir num contexto cultural, está mais propenso a seguir consensos da cultura em questão. Essa tendência é ainda maior considerando que veículos de mídia funcionam numa lógica empresarial e, inevitavelmente, sofrem influência de uma estrutura maior – e servem, voluntária ou involuntariamente, em algum nível, aos interesses desta estrutura. Tal contexto, portanto,

[...] molda as notícias, decide o que é notícia e de que forma é notícia. Isso, no entanto, não determina ou dita as notícias involuntariamente: não é nem o resultado de leis deterministas, nem de conspirações, nem de ditaduras. É o resultado da cultura; melhor, *é* a cultura (SAID, 1997, p. 67).

Aqui, outra vez, encontramos um ponto coincidente entre o pensamento estruturado por Said (1997) com relação aos processos de representação intrínsecos à atividade jornalística, e as ideias desenvolvidas por Franciscato (2005) na busca por compreender e explicitar como se dá a função do jornalista. O pesquisador do Jornalismo aponta dois tipos de relações que limitam as possibilidades de produção em instituições jornalísticas: as práticas sociais externas a estas – tais como papéis sociais estabelecidos anteriormente ou de maneira mais abrangente em relação ao surgimento destas instituições – e as práticas internas a ela, como as relações de trabalho ali estabelecidas, que envolvem normas, conflitos, pressões e hierarquias (FRANCISCATO, 2005).

As práticas e relações citadas pelo acadêmico se constituem, se transformam e se diluem conforme a cultura em que estão estabelecidas. Esta cultura, desenvolve Franciscato, não abrange apenas o veículo de mídia, o jornalista e as fontes, mas também os leitores, ouvintes ou telespectadores – o público que recebe, interpreta e ressignifica a informação. Ao assimilar e estudar uma notícia, portanto, é importante que se tenha em mente todos estes sujeitos e perspectivas que perpassam a produção, recepção, assimilação e significação do produto jornalístico. Existe, nas notícias e reportagens, uma força simbólica muito mais complexa do que se pode supor à primeira vista. “O objeto notícia alcança um grau maior de complexidade se percebermos que estão presentes na sua constituição expectativas e influências de ordem cultural, expressiva e emotiva por parte do público ao qual o jornal se destina” (FRANCISCATO, 2005, p.172).

O reconhecimento de todas as esferas que perpassam e influenciam a atividade jornalística, no entanto, não é, de forma alguma, generalizado. Embora com alguma frequência o público critique a mídia, duvide da veracidade dos fatos e discorde de opiniões emitidas por veículos de comunicação, este posicionamento crítico não costuma ter, em sua base, uma

tomada de consciência sobre os elementos que formam e estruturam o processo de produção jornalística. Como aponta Franciscato,

a instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Portanto, ao constatar que a população, de maneira geral, carece de uma educação para a mídia – para adquirir maior autonomia crítica na assimilação das informações recebidas –, o jornalista, ciente do contexto maior que permeia seu trabalho, tem o papel ético de ter sempre em mente este contexto, prezando por uma atuação plural. O pesquisador espanhol Lorenzo Gomis (2004) enfatiza a existência de conceitos que carregamos em função de influências culturais, a respeito de assuntos distantes da nossa realidade, sobre os quais temos pouco ou nenhum conhecimento.

Imaginamos a maior parte das coisas antes de experimentá-las e, ao menos que a educação nos dê consciência disto, esses conceitos antecipados governam profundamente todo o resto de nossa percepção. Isto explica que uns fatos obtenham maior ressonância que outros e, em definitivo, que os meios, e inclusive antes que eles, as fontes interessadas, se adaptem ao que o público deseja saber ou gosta que se diga (GOMIS, 2004, p. 112).

Guiados por valores predominantes na sociedade em que vivem, os jornalistas, sabendo do poder simbólico que carregam ao narrar informações de interesse público, teriam a responsabilidade de usar esse poder de maneira consciente. O jornalista cumpre esse compromisso ao questionar as estruturas que privilegiam os interesses de determinados setores em detrimento de outros, e ao buscar atuar de maneira inclusiva e atenta àqueles que não conseguem se fazer ouvidos. A pesquisadora Claudia Lago (2014), em artigo que cruza os campos da antropologia e do jornalismo, aponta que o discurso por uma atuação plural do profissional de imprensa se torna superficial quando se baseia em fórmulas simples de registrar mais de um ponto de vista no mesmo espaço. “A ideia de pluralismo é bem mais profunda e implica contemplar e incorporar o Outro, esta abstração que merece ser explicitada” (LAGO, 2014, p. 176).

Ao abordar a questão das construções discursivas de alteridade na mídia, José Luiz Aidar Prado (2006) conceitua o que seriam o *Mesmo* e o *Outro* no jornalismo.

Chamamos *Mesmo* às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, euforizadas pela mídia e homólogas à valorização média de seus públicos.

Chamamos “Outro” às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, frente às quais a mídia estabelece distâncias relativas, calculadas, homólogas ao afastamento que seus públicos mantêm. Frente ao *Outro* é preciso resguardar-se, qualificando-o como exótico [...], é preciso ocultá-lo do holofote, deixá-lo nas margens; assim, ele pode ser assimilado, admitido ou segregado [...] (PRADO, 2006, p. 4).

O pesquisador Luiz Antônio Araújo (2013), em dissertação abordando o discurso orientalista nas revistas semanais, refletiu também sobre o papel desempenhado pela perspectiva de alteridade no exercício de um jornalismo plural.

Espera-se que o jornalismo não apenas observe com rigor os fatos, por mais singulares que se apresentem, mas que forçosamente os ofereça de acordo com critérios de equilíbrio, atenção a versões distintas e recurso a fontes dignas de crédito. Essa perspectiva exige abertura para o que é próprio e o que é diferente (ARAÚJO, 2013, p. 38).

Para não reproduzir a visão hegemônica de distanciamento e estranhamento em relação às populações minoritárias, é necessário “acolher narrativamente a alteridade”, conforme Lago (2014). Tal exercício consiste em reconhecer as diferenças culturais, de História e contexto de vida dos seres humanos como legítimas e importantes para a construção de uma sociedade plural e integrada. Este processo deve considerar, também, o lugar que o jornalista ocupa na sociedade, costumeiramente junto às camadas médias e altas da economia, o que o faz carregar de forma ainda mais intrínseca a tendência a uma visão hegemônica (LAGO, 2014). Buscando dar voz ao Outro em vez de falar em nome dele, é possível atingir a finalidade última da alteridade: o reconhecimento de si próprio no outro.

3.2 O PSEUDOAMBIENTE

Nos anos seguintes aos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o debate sobre o papel da mídia na perpetuação de uma imagem do muçulmano como alguém violento ganhou visibilidade no meio acadêmico. As ideias defendidas por Carla Luciana Silva (2005) em um artigo que analisou a cobertura da revista *Veja* a respeito dos ataques colaboram com essa discussão. Para a autora, a falta de uma crítica elaborada em relação a eventos que aparecem na imprensa internacional é algo menos visível para a população em geral, devido à distância com que os fatos se desenvolvem do público. Segundo a autora, “há um alto grau de credibilidade com relação às notícias internacionais, levando à ideia de que ‘pelo menos’ elas seriam mais confiáveis, tendo em vista o maior distanciamento com relação às realidades em

questão” (SILVA, 2005, p. 302).

Além disso, há o apoio na suposta neutralidade do jornalista, que faz com que o público absorva as informações como verdades absolutas, já que, no senso comum, o jornalismo é um elemento neutro de mediação que apenas reproduz fatos do mundo real. Esta visão foi reforçada por Walter Lippmann em sua obra *Opinião pública* (2008). Conforme o jornalista norte-americano, o teor de verdade contido em uma notícia pode ser testado apenas pela parcela do público que tenha algum tipo de vivência no assunto tratado. Portanto, “se a notícia é local, e se há competição, o editor sabe que ele provavelmente ouvirá queixa do homem que pensa que sua descrição foi injusta e incorreta. Mas se as notícias não forem locais, a correção diminui à medida que o assunto recua na distância” (LIPPMANN, 2008, p. 282).

Além disso, outro elemento que influencia na fácil aceitação dos leitores de notícias que retratam realidades distantes é o fato de que comumente a visão do leitor da realidade em questão já é anteriormente permeada por estereótipos. Desta forma, somam-se dois fatores: o desconhecimento da verdade por trás daquele relato, e a impressão que o leitor tem de já compreender a situação, em função de carregar algumas concepções prévias. Se o texto midiático coincide com os estereótipos que o leitor carrega, portanto, é confortável e até mesmo natural seguir sem fazer questionamentos (LIPPMANN, 2008).

Entretanto, cada texto jornalístico sobre um fato é apenas um recorte feito entre vários possíveis. O que define esse recorte é uma série de escolhas do repórter e do veículo: as fontes, o espaço que cada fonte tem na matéria, a contextualização ou não contextualização do fato, detalhes que são explicitados ou omitidos, e mesmo o aproveitamento de algumas brechas discursivas para adotar uma linguagem que sensibilize o leitor.

Esse recorte é parte do que Lippman (2008) chamou de *pseudoambiente*: a construção imaginária de uma realidade ou fato que está distante de nós, a partir de narrativas absorvidas ao longo do tempo. O comportamento que temos a partir deste pseudoambiente, entretanto, tem um impacto no ambiente real dos fatos. “Mas porque é um comportamento, as consequências, se eles são fatos, operam não no pseudoambiente onde o comportamento é estimulado, mas no ambiente real onde as ações acontecem” (LIPPMANN, 2008, p. 30).

A formação de um pseudoambiente acontece, segundo o autor, em função da complexidade do ambiente real com o qual a imprensa lida. As situações narradas pela mídia têm uma carga de subjetividade em diversas esferas, e por esta razão, o jornalismo narra sempre uma versão mais simplificada do ambiente onde ocorrem os fatos. O pseudoambiente, neste sentido, se constitui como uma imagem criada gradualmente pelo leitor – e que possui

credibilidade para ele – sobre o mundo que está além do seu alcance (LIPPMANN, 2008).

Parte da credibilidade da imprensa, segundo Lippmann (2008), é conquistada pelo grau de exatidão que alguns tipos de notícias têm. As áreas onde é possível fazer registros exatos, como no caso do mercado financeiro ou da contagem de votos de uma eleição, por exemplo, resultam em uma produção jornalística extremamente precisa. Porém, é importante atentar para o fato de que a maior parte dos assuntos tratados pela imprensa não permitem o mesmo nível de exatidão. A própria busca por uma verdade absoluta é um ideal inalcançável na maior parte das temáticas sobre as quais o jornalismo produz narrativas. Deve-se, é claro, lidar com fatos, mas existem muitos elementos da realidade do jornalista como profissional e indivíduo, da empresa, das fontes e da sociedade como um todo que impossibilitam que haja total precisão. A atitude possível aos jornalistas, neste contexto, e o papel que eles devem exercer, é de evitar o senso comum e favorecer o pensamento crítico dos leitores.

É possível e necessário aos jornalistas trazer às pessoas o caráter incerto da verdade no qual suas opiniões são fundamentadas, e pela crítica e agitação provocar a ciência social a fazer formulações mais utilizáveis aos fatos sociais, e provocar os homens de estado a estabelecerem instituições mais visíveis. A imprensa, em outras palavras, pode lutar pela extensão de verdades reportáveis (LIPPMANN, 2008, p. 306).

Outro desafio que os jornalistas devem enfrentar, essencial para que seu papel social seja cumprido, é o de despertar a alteridade no leitor. Para Lippmann (2008), muitas vezes, a necessidade de manter a audiência do jornal torna-se “[...] um problema de provocar o sentimento do leitor, de induzi-lo a sentir uma sensação de identificação pessoal com as histórias que ele está lendo” (LIPPMANN, 2008, p. 301). Frequentemente, no entanto – e isso se torna mais verdadeiro quando tratamos de fatos distantes da realidade do público – não há muitos elementos possíveis de identificação entre o leitor e a situação apresentada. Nestes casos, a narrativa da imprensa deve ajudar o leitor a se interessar pelo conteúdo e se envolver com aquela causa numa perspectiva de alteridade, e não de identificação. “Para poder entrar imaginativamente nos temas centrais o leitor necessita sair de si próprio, e ir em direção a muitas diferentes vidas” (LIPPMANN, 2008, p. 298).

Com os conceitos de orientalismo, identidade e representação, pseudoambiente, além de algumas terminologias específicas da temática deste trabalho delimitadas, podemos perceber com mais clareza a visão ocidentalizada com que, por vezes, o muçulmano é representado nos meios de comunicação. Este tipo de representação não acontece apenas nos dias de hoje, tendo sido observado em momentos históricos muito anteriores. Desde então, constituiu-se uma cultura histórica e midiática na construção de discursos sobre o Oriente, que se legitima numa

visão ocidentalizada do outro. Nos atentados de novembro de 2015 em Paris, todo esse contexto permeou a cobertura da mídia brasileira, trazendo como pano de fundo as condições políticas do Brasil em relação aos Estados Unidos e as referências culturais que o país carrega.

3.3 O JORNAL *FOLHA DE S.PAULO*

O jornal *Folha de S.Paulo* surgiu em 1960 (CONHEÇA, 2017, site), a partir da junção dos títulos *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*, fundados por Olival Costa e Pedro Cunha entre os anos de 1921 e 1949. Desde o início da *Folha da Noite* – a primeira a ser fundada – um dos valores da publicação, que a diferenciava de outras, era a predominância do jornalismo informativo em relação ao opinativo. Já a *Folha da Manhã*, lançada em 1925, trazia também conteúdo para crianças, além de páginas em outras línguas, voltadas para a população de imigrantes em São Paulo. No geral, o público-alvo das *Folhas* eram as camadas médias urbanas paulistas (FOLHA, 2017, site).

Em 1960, os três jornais da empresa se fundem, dando origem à *Folha de S.Paulo*. Em 1962, a *Folha de S.Paulo* é vendida a Otavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, que cinco anos mais tarde fazem grandes investimentos na modernização do parque gráfico da empresa, na compra de outros jornais e na ampliação da circulação para além da capital paulista (FOLHA, 2017, site). Após um período conturbado durante a ditadura militar, em que a *Folha* toma posicionamentos diferentes, de apoio e oposição aos militares¹, em 1984 são publicados o primeiro Projeto Editorial e o primeiro Manual de Redação. Os textos defendem um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno. O jornal também teve papel importante na campanha pelas eleições diretas, conhecida como *Diretas Já*. Em 1986, a *Folha* se consolida como o jornal mais vendido do Brasil (HISTÓRIA, 2017, site).

Conforme dados do IVC de 2016 (PERFIL, 2017, site), a tiragem média diária da *Folha* é de 309 mil exemplares de segunda a sábado, e 324 mil aos domingos. Segundo pesquisa do IBOPE de 2015 publicada no site da *Folha* (PERFIL, 2017, site), o jornal tem 1,4 milhão de leitores na Grande São Paulo, e 2,3 milhões em todo o território nacional. A mesma pesquisa traçou também o perfil do leitor da *Folha*. Considerando os leitores de todo o Brasil, a maior

1 A linha editorial da *Folha*, de oposição ao então presidente João Goulart e de apoio às mobilizações que levaram ao estabelecimento da ditadura militar em 1964, foi de colaboração com o regime. No entanto, com o andamento da ditadura, a *Folha* chegou a ser vista pelos militares como um veículo de oposição, que continha muitos “elementos subversivos” em seu corpo editorial, e sofreu, como toda a imprensa brasileira, com a censura prévia. Em 1974, o jornal apoiou e exaltou de maneira explícita o governo Geisel, mas durante o período de redemocratização, apoiou e cobriu amplamente o movimento pelas eleições diretas.

parte deles pertence às classes B e C, 58% são homens, 42% são mulheres, e a idade predominante é de 25 a 54 anos. A *Folha* possui os seguintes cadernos diários: Poder, Ciência, Mundo, Cotidiano, Esporte, Mercado, Ilustrada e Corrida; e os seguintes cadernos semanais: Tec, Turismo, Mpme, Equilíbrio, Ilustríssima e New York Times. Atualmente, a *Folha de S.Paulo* é presidida por Luiz Frias, tem direção editorial de Otávio Frias Filho, e Sérgio Dávila como editor-executivo (FOLHA, 2017, site).

A escolha da *Folha de S.Paulo* como veículo a ser analisado neste trabalho se deu por alguns critérios objetivos. Primeiramente, por ser o jornal impresso de maior circulação do país, o que o coloca numa posição de grande responsabilidade na formação política, ideológica e crítica da população. Além disso, por ser um jornal economicamente consolidado há bastante tempo, possui uma cobertura internacional de amplo alcance, contando com repórteres enviados a Paris especificamente para a cobertura do atentado, além de textos de colaboradores e artigos escritos por autoridades intelectuais de diversas partes do mundo. Assim, foi produzido um conteúdo abrangente e diversificado para formar um panorama geral do assunto.

A pesquisadora Angela Zamin (2004), ao definir o conceito de um jornal de referência, reunindo entendimentos de diversos autores estrangeiros e brasileiros, aponta uma série de critérios além da circulação do veículo, para que se faça a escolha por ele no momento de delimitação de *corpus*.

[...] identificam-se as seguintes características: ter tradição, prestígio e credibilidade; servir de referência a outros jornais no próprio país; voltar-se para a política, a economia e os assuntos internacionais; ter como público um leitor competente do mundo público (as elites econômica e cultural), e possuir índices elevados de tiragem e circulação (ZAMIN, 2004, p. 931).

O conceito de *jornalismo de referência* também foi usado na escolha do jornal que constituiria o corpus da análise a seguir. Em termos de acesso ao que compôs o *corpus* da pesquisa, o acervo on-line de edições passadas da *Folha* também foi um recurso que facilitou o desenvolvimento deste trabalho.

4 A REPRESENTAÇÃO DO MUÇULMANO NA *FOLHA* EM NOVEMBRO DE 2015

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho será a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977). O método desenvolvido pela francesa é constituído por três etapas de aplicação: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento de resultados. A fase de pré-análise é o momento de organização da análise, quando se parte de intuições para uma sistematização objetiva do processo. Bardin define três objetivos nesta etapa: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95). A pré-análise é, segundo Bardin, a etapa mais aberta da análise de conteúdo. A partir de um olhar geral do material, busca-se construir uma estrutura para guiar da maneira mais exata possível – dentro das próprias limitações de objetividade que se encontra na análise qualitativa – a interpretação a ser feita posteriormente.

Conforme a organização proposta por Bardin (1977) para a etapa de pré-análise, o primeiro passo é realizar a *leitura flutuante* do conteúdo. Esta subetapa serve para “estabelecer contacto com os documentos a analisar e conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1977, p. 96). No andamento desta leitura, a compreensão sobre a temática abordada no material vai se tornando mais nítida e novas hipóteses começam a surgir. Após, parte-se para a subetapa de *escolha dos documentos*, quando se define o *corpus* de análise, ou seja, um “conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p. 96). Para escolher o material que irá compor o *corpus*, Bardin situa algumas regras: a exaustividade e a não-seletividade, que implicam em não deixar de fora nenhum elemento do campo do *corpus*; a representatividade, que diz respeito à importância de a amostra a ser analisada ter um carácter representativo da totalidade do material – por exemplo, apresentar proporções semelhantes em levantamentos quantitativos; a homogeneidade, que postula que os critérios de escolha dos documentos retidos sejam objetivos e aplicados da mesma forma a todo o material; e a pertinência, que demanda que o material analisado seja adequado aos objetivos que o trabalho se propõe a atingir. A subetapa seguinte da pré-análise é a *formulação das hipóteses e dos objectivos*. Bardin define hipótese como uma suposição que deve ser confirmada a partir de critérios objetivos. “Levantar uma hipótese é interrogarmo-nos: ‘será verdade que, tal como é sugerido pela análise *a priori* do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que..?’” (BARDIN, 1977, p. 98). Após, partimos para a subetapa de *referenciação dos índices e elaboração de indicadores*, quando são sistematizados indicadores de acordo com as

hipóteses levantadas anteriormente. Por fim, a pré-análise é concluída com a *preparação do material*, que consiste em organizar materialmente os documentos que serão estudados, a partir da numeração, catalogação ou categorização, por exemplo.

A etapa seguinte, de exploração do material, é simplesmente a “administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p. 101) na pré-análise. Nesta fase, a mais longa do processo, o pesquisador transforma elementos de um material amplo e aberto em uma representação objetiva, através da codificação, conforme explica Bardin:

A codificação corresponde a uma transformação – efectuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices [...] (BARDIN, 1977, p. 103).

A última etapa, de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, objetiva a melhor leitura dos resultados, colocando estes em formatos de melhor assimilação visual, e procedendo então à elaboração de inferências e interpretações. Estas interpretações terão como base os objetivos e hipóteses previamente estabelecidos, e eventualmente outras informações encontradas ao longo da análise que não faziam parte do universo intuitivo anterior do analista. Tais inferências devem ser apoiadas, também, em conceitos e teorias que se relacionem com os objetivos da análise.

A metodologia da análise de conteúdo de Bardin (1977) foi escolhida por nós, em função de ser propiciar um estudo cuidadoso e prolongado do material de interesse, com grande intervalo de tempo entre o momento de primeiras intuições e as etapas finais de interpretação dos resultados. O método permite a análise de materiais amplos, complexos e passíveis de interpretações subjetivas de maneira criteriosa e sistematizada, o que qualifica os resultados do trabalho de pesquisa.

4.1 PRÉ-ANÁLISE

Na fase de pré-análise do presente trabalho, foram realizadas todas as subetapas propostas por Bardin (1977) e expostas no início deste capítulo, e cumpridos todos os objetivos que a autora lista. No primeiro momento, de leitura flutuante, quando o material foi lido exaustivamente, constatamos que os atentados ocorridos em Paris no dia 13 de novembro de 2015 estiveram presentes na capa do jornal *Folha de S.Paulo* durante dez dias após os fatos. Assim, foi feita a primeira delimitação na escolha dos documentos: o período de 14 a 23 de

novembro de 2015.

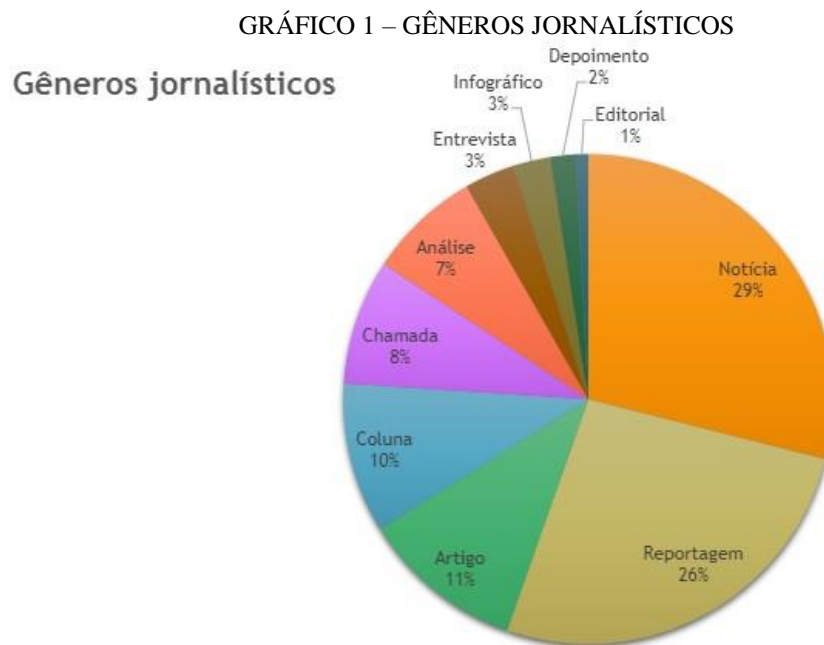
Em seguida, foram formuladas as hipóteses e objetivos da análise. A hipótese que já tínhamos antes mesmo da pré-análise, por uma intuição formada a partir do contato cotidiano com a cobertura jornalística de atentados terroristas, foi reforçada no momento da leitura flutuante: haveria, efetivamente, elementos na cobertura deste tipo de evento, que reforcem um estereótipo do muçulmano como terrorista? O objetivo definido, então, foi de confirmar a veracidade desta hipótese. Para isso, foram elaborados os seguintes indicadores que deram origem às primeiras sistematizações de análise dos textos no período: referência ao Islã – entendendo aqui qualquer referência à religião islâmica, ao povo muçulmano, à região geopolítica médio-oriental, onde este povo é predominante, e ao Estado Islâmico, que é, afinal de contas, uma manifestação radical e violenta do Islã; menção do conflito no Oriente Médio – considerando que tal conflito faz parte do contexto de política externa no pano de fundo dos acontecimentos objetivamente narrados na cobertura da *Folha*; aprofundamento da perspectiva muçulmana; e aprofundamento da perspectiva francesa. Estes dois últimos indicadores foram considerados em função da compreensão que temos a respeito da importância de uma abordagem mais humana e ampla de realidades distantes. Sendo tanto a população francesa quanto a população árabe-muçulmana diferentes da população brasileira, e tendo os atentados acontecido num cenário geograficamente distante do público leitor da *Folha*, consideramos essencial a abertura de uma perspectiva destas duas realidades para o leitor brasileiro.

Os levantamentos feitos com base nos índices supracitados foram organizados numa catalogação que também considerou os gêneros jornalísticos dos textos da cobertura e os temas abordados no material. Da organização destes documentos, foram encontrados e considerados 121 textos. Não entraram nessa seleção os textos publicados no caderno semanal do *New York Times*, por serem matérias produzidas por jornalistas externos à *Folha*, com uma linguagem e abordagem muito diferentes; notícias de entretenimento e tecnologia indiretamente relacionadas aos atentados; e notas sobre eventos que aconteceriam para discutir questões relacionadas ao terrorismo. Entre os 121 documentos, os gêneros jornalísticos encontrados foram: notícias, reportagens, artigos, colunas, chamadas, análises, entrevistas, infográficos, depoimentos e editoriais. Separamos o total em 13 categorias temáticas elaboradas por nós: medidas de prevenção a ataques, política externa, informações gerais e detalhamento, perspectiva brasileira, investigações, características do Estado Islâmico, Paris pós-atentados, muçulmanos na França, características do Islã, motivação dos atentados, política interna francesa, cobertura dos atentados e violência em outras partes do mundo.

Foi delimitado, então, mais um aspecto do *corpus* da análise: os textos que pertencem

ao gênero jornalístico reportagem. O recorte feito, portanto, foram as 32 reportagens publicadas na *Folha* entre os dias 14 e 23 de novembro de 2015. O gênero jornalístico escolhido foi a reportagem em função de sua frequência – é o segundo gênero que mais aparece, logo atrás da notícia, que tem 35 textos –, de sua representatividade em termos de temáticas, já que tem uma proporção de assuntos semelhante à proporção geral vista nas 121 matérias, e por ser considerado o gênero representativo do jornalismo em sua essência. Conforme definições do *Manual de Redação da Folha* (NOVO, 2017, site), enquanto a notícia apresenta simples registro dos fatos, com uma proposta de exatidão, a reportagem traz informações mais detalhadas e ajuda o leitor a interpretar os fatos. O teórico José Marques de Melo (1985) entende a reportagem como gênero jornalístico que leva em consideração as consequências e repercussões do fato no organismo social. O fato bruto, portanto, dá origem à notícia, e o acontecimento como um todo constitui a reportagem (MELO, 1985). Como estamos tratando da questão da representação do muçulmano na cobertura da *Folha*, e considerando a importância dos processos interpretativos na consolidação de uma representação, enxergamos na reportagem o gênero mais adequado para constituir o *corpus* da análise a seguir.

4.2 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL (QUANTITATIVA)

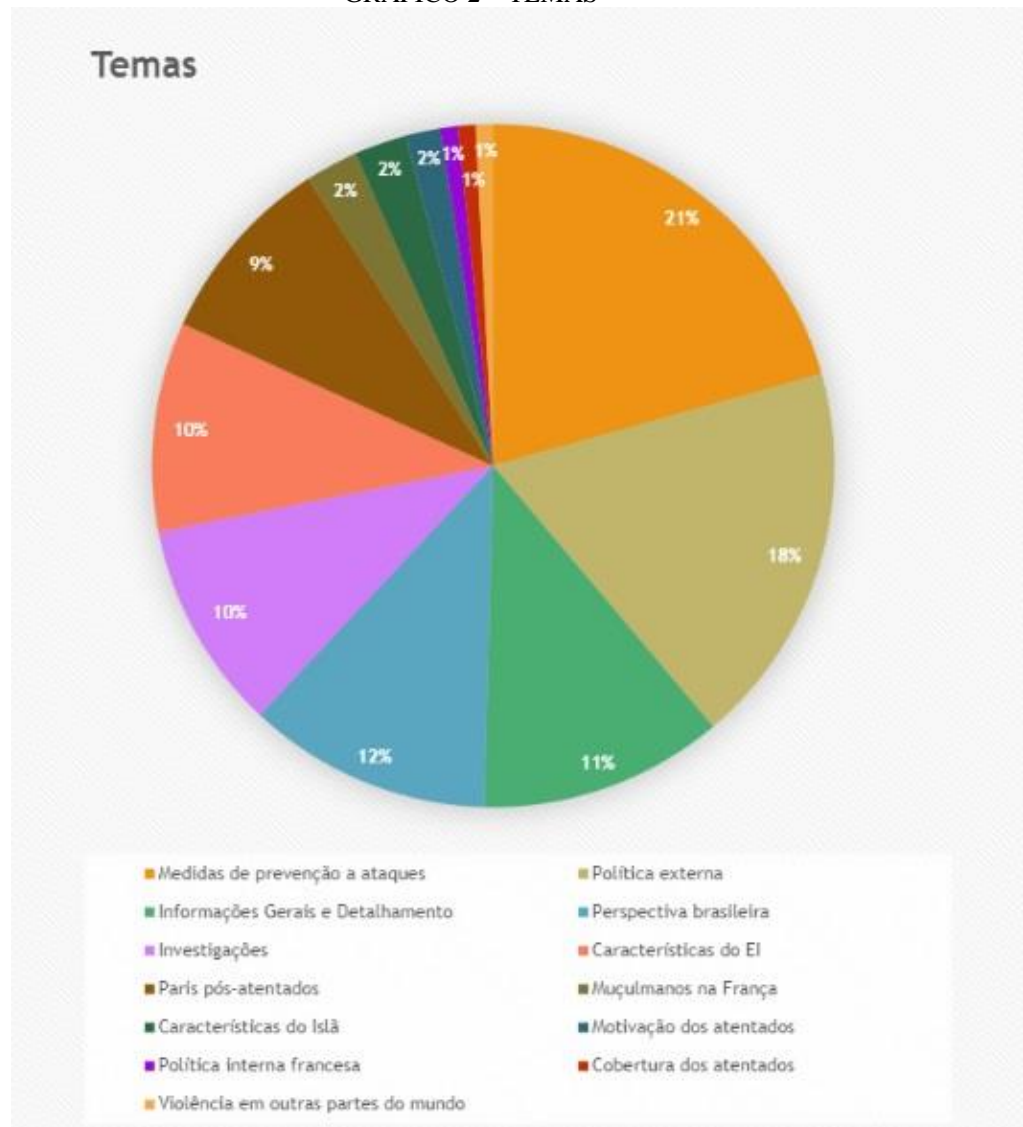


O gráfico 1 diz respeito aos gêneros jornalísticos presentes na cobertura. De um total de 121 matérias, foram 35 notícias, 32 reportagens, 13 artigos, 12 colunas, 10 chamadas, 9

análises, 4 entrevistas, 3 infográficos, 2 depoimentos e um editorial. A definição dos gêneros jornalísticos se deu conforme os conceitos apresentados no *Manual de Redação da Folha* (NOVO, 2017, site), já que o veículo foi escolhido como objeto de pesquisa para este trabalho. Podemos perceber que há um grande espaço na cobertura dedicado aos gêneros opinativos – levamos em conta os artigos, colunas e editoriais, embora a análise por vezes possa trazer um caráter opinativo. Se somados os três gêneros citados, temos um total de 22% do material dedicado à opinião. Esta constatação sinaliza que a temática de atentados terroristas mobiliza muitas discussões para além do aspecto diretamente noticioso.

O predomínio das notícias e reportagens, por outro lado – que juntas representam 55% de todos os textos da cobertura – indica grande esforço de apuração e busca de informações sobre os ataques. Das 67 notícias e reportagens, 56 textos contêm assinatura. Neste material, pode-se contabilizar 16 repórteres envolvidos na produção das matérias. Destas 16 pessoas, além de três correspondentes baseados no exterior, três outros baseados em cidades brasileiras e jornalistas trabalhando de São Paulo, houve três repórteres enviados especialmente a Paris para a cobertura, e outros três jornalistas que fizeram reportagens em colaboração com a *Folha*. Estes números representam um alto investimento em recursos humanos e custos de deslocamento para o veículo. Podemos inferir, observando também a média de 12 textos por dia no jornal a respeito dos atentados no período analisado, que o jornal *Folha de S.Paulo* dá grande relevância à temática do terrorismo no cenário internacional.

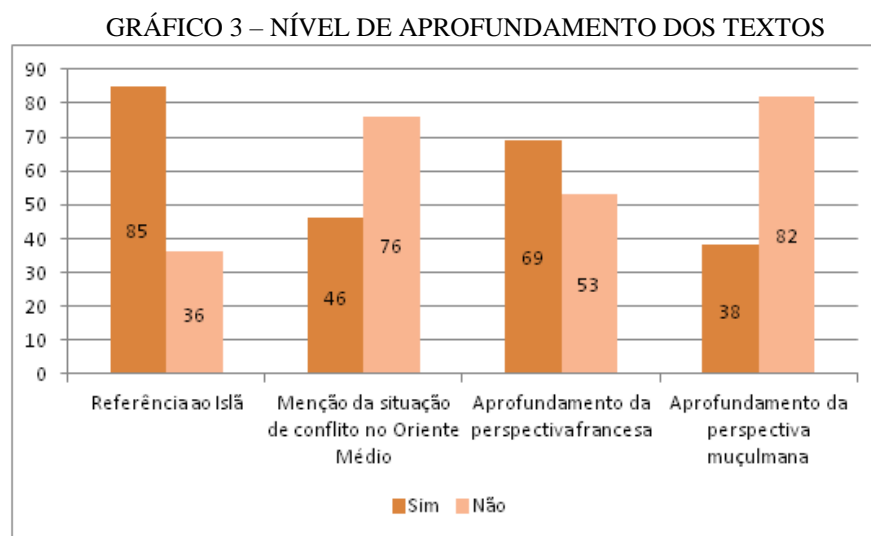
GRÁFICO 2 – TEMAS



O gráfico 2 se refere aos temas abordados nas 121 matérias consideradas para a análise inicial. Para fazer a relação de frequência das temáticas, categorizamos 13 assuntos presentes na cobertura da *Folha*. Esta categorização considera o que percebemos como a temática principal de cada texto, embora quase sempre haja mais de um assunto presente.

A partir dos resultados deste levantamento, podemos observar a predominância da temática *Medidas de prevenção contra ataques*, com 25 matérias. A maior preocupação exposta pela *Folha*, portanto, foi a de evitar novos atentados. Não muito atrás, com 22 textos, está a categoria *Política externa*, que aborda tanto as repercussões dos atentados nas relações diplomáticas, como o aprofundamento de uma perspectiva mais ampla de relações políticas entre os países, que contextualiza o cenário internacional em que os conflitos ocorreram. Consideramos positiva a abordagem frequente da temática da política externa, para consolidar

maior aprofundamento – embora, como veremos mais à frente, não necessariamente os textos dessa categoria apresentem uma visão idealmente plural da situação. Também teve bastante destaque na cobertura da *Folha* a temática *Perspectiva brasileira*, que tratou de subtemas como a preocupação com as Olimpíadas que aconteceriam no Rio de Janeiro em 2016, e também sobre brasileiros que estavam em Paris no momento dos atentados. Por outro lado, as categorias *Muçulmanos na França* e *Características do Islã*, que consideramos importantes para o desenvolvimento de uma perspectiva de alteridade no jornalismo, somam apenas 4% dos textos da cobertura.



O gráfico 3 tem como foco as relações feitas entre o terrorismo e o Islã pela *Folha de S.Paulo*, e o nível de aprofundamento dos textos da cobertura. Para isso, foram usados quatro indicadores, já apresentados na introdução do presente capítulo. Foi apurado que 85 dos 121 textos – cerca de 70% do total – da cobertura a respeito dos atentados terroristas em Paris no período analisado fazem alguma referência ao Islã. Este número, por si só, não indica diretamente um problema, considerando que efetivamente o Estado Islâmico assumiu a autoria dos atentados, sendo inevitável referenciá-lo em muitas matérias da cobertura em questão. No entanto, os números dos três indicadores seguintes, comparativamente, mostram uma preocupação menor da parte do jornal em desenvolver abordagens que favoreçam a quebra de estereótipos e uma perspectiva de mais alteridade. 38% dos textos analisados mencionam a situação de conflito no Oriente Médio.

O leitor da *Folha*, portanto, ao buscar informações sobre os atentados terroristas que mataram 129 pessoas em Paris em novembro de 2015, se depara na maior parte dos textos com uma relação feita entre tais atrocidades e algum elemento ligado ao Islã; por outro lado, é numa minoria destas matérias que há alguma informação sobre as atrocidades que são cometidas pelo

Estado Islâmico e pelos exércitos dos governos sírio, russo, francês e estadunidense nos países do Oriente Médio. Consideramos que a informação sobre a existência e as proporções do conflito armado de diversas frentes em países de maioria muçulmana é essencial para quebrar a ideia que muitas pessoas têm de que a religião e a cultura islâmicas são o problema que dá origem ao terrorismo.

Quanto ao aprofundamento de perspectivas culturais relacionadas à cultura árabe-muçulmana e à cultura francesa ocidental, observamos que 57% dos textos desenvolvem algum nível de aprofundamento da perspectiva francesa, enquanto apenas 31% se aprofundam na perspectiva muçulmana. Para exemplificar, trazemos alguns trechos de matérias onde houve aprofundamento de algum lado. No artigo do cientista político Mathias Alencastro, publicado em 15 de novembro na *Folha*, é feita uma abordagem bastante pessoal e humanizada dos cenários cotidianos que compõem a região que foi alvo dos atentados.

As suas ruas sombrias e íngremes levam a esquinas onde se agregam jovens nas portas de bares e galerias. Na frente do restaurante *Le Petit Cambodge*, alvo de um dos ataques, fica o *Le Carillon*, um boteco que ainda distribui copos de plástico. Os seus clientes ébrios cantarolam quando os carros atravessam o cruzamento. Semanas atrás, houve um atropelamento. Sexta-feira (13), quando tudo começou, um grupo de amigos pensou que algo assim estivesse acontecendo. Momentos depois, desceram a rua em direção ao canal onde Amélie [protagonista do filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*] passeava, chorando de medo (ALENCASTRO, 2015).

O trecho destacado acima é um exemplo de imersão emocional na perspectiva francesa. O leitor da *Folha*, ao se deparar com um texto com esse tom, se transporta para as ruas de Paris e se comove junto ao grupo de amigos descrito no artigo. Foi conforme o passar dos dias e o prolongamento da cobertura que houve mais espaço para a perspectiva muçulmana nas páginas do jornal analisado. Na edição do dia 23 de novembro, foi publicada uma entrevista feita pela repórter Patrícia Campos Mello com o historiador e pesquisador sírio Sami Moubayed. O entrevistado, um muçulmano considerado um dos maiores especialistas em Estado Islâmico, já justifica o destaque deste texto como exemplo de aprofundamento da perspectiva muçulmana. Uma das críticas mais frequentes de Said (2015) é a falta de espaço dada pela mídia e pelos discursos de “autoridades” ocidentais para que o oriente fale por si mesmo. Portanto, a escolha por uma fonte que fala a partir da própria experiência é algo a ser exaltado e encorajado como um comportamento favorável à alteridade no jornalismo. Além disso, tanto a formulação das perguntas feitas por Mello quanto as respostas de Moubayed merecem destaque. Quando indagado sobre os objetivos da facção terrorista, o entrevistado respondeu: “O EI é uma facção terrorista que ‘sequestrou’ a religião e afirma falar em nome dos sunitas do islã. Eu sou um

muçulmano sunita, e o islã não tem relação com o EI, que é formado por picaretas que se alimentam da ignorância das pessoas e recrutam miseráveis” (MOUBAYED, 2015).

Posteriormente, Mello (2015) perguntou ao pesquisador se a derrubada de Saddam Hussein motivou a formação do Estado Islâmico.

O EI começou como Estado Islâmico do Iraque (ISI) depois da ocupação do país pelos EUA, em 2003. [...] Mas não podemos atribuir o EI a 2003-04. Extremistas já estavam lá. Se eu fosse citar um evento histórico que levou a esse capítulo horrível de nossas vidas, seria a resposta americana à invasão do Afeganistão pela União Soviética em 1979. Foi aí que nasceu a ideia de treinar jihadistas e enviá-los para a batalha (MOUBAYED, 2015).

Um exemplo que representa uma abordagem sem o aprofundamento adequado do assunto é o infográfico abaixo, publicado na edição do dia 15 de novembro.

ORIGEM E AVANÇOS DO ESTADO ISLÂMICO
Ataque em Paris levanta suspeita de "internacionalização" do grupo

TERRITÓRIOS DOMINADOS NO IRAQUE E NA SÍRIA
Áreas controladas pelo Estado Islâmico

RECURSOS
O EI controla poços e refinarias de petróleo. Também cobra impostos e obtém dinheiro de resgates

INTERNACIONALIZAÇÃO?
Milícia também reivindicou a queda do avião russo no Egito que matou 224 pessoas em outubro

ORIGEM
A estrutura vem de 1999, quando o jordiano Abu Musab al-Zarqawi fundou o Tawhid wa al-Jihad. Já com o nome de Estado Islâmico e liderado por Abu Bakr al-Baghdadi, o grupo decretou um califado, em junho de 2014, na área que domina na Síria e Iraque

PRESEÇA NA MÍDIA
O EI usa mídias sociais e divulga vídeos em que mostra decapitações de reféns, como a do americano Steven Sotloff. Também divulgou imagens da destruição de peças em museu de Mossul (Iraque) e de mausoléu em Palmira (Síria)

QUEM É QUEM NA SÍRIA
Resumo das forças em conflito no país

PRÓ-REGIME

Hizbollah
Milícia xiita libanesa atua ao lado de Assad; bastião seu em Beirute sofreu ataque recente

Bashar al-Assad
Ditador da Síria, alvo de ataques desde a eclosão da guerra civil no país, em 2011

Vladimir Putin
Principal aliado de Assad, bombardeia rebeldes e EI na Síria desde fim de setembro

Curdos
Etnia sem Estado se concentra no norte do país; no Iraque, retomou Sinjar das mãos do EI

CONTRA O REGÍME

EUA e aliados
Insistem na transição de regime na Síria com Assad fora do poder, o que os russos rejeitam

Grupos rebeldes
Tentam derrubar regime sírio com ajuda dos EUA; já foram alvos de ataques da Rússia

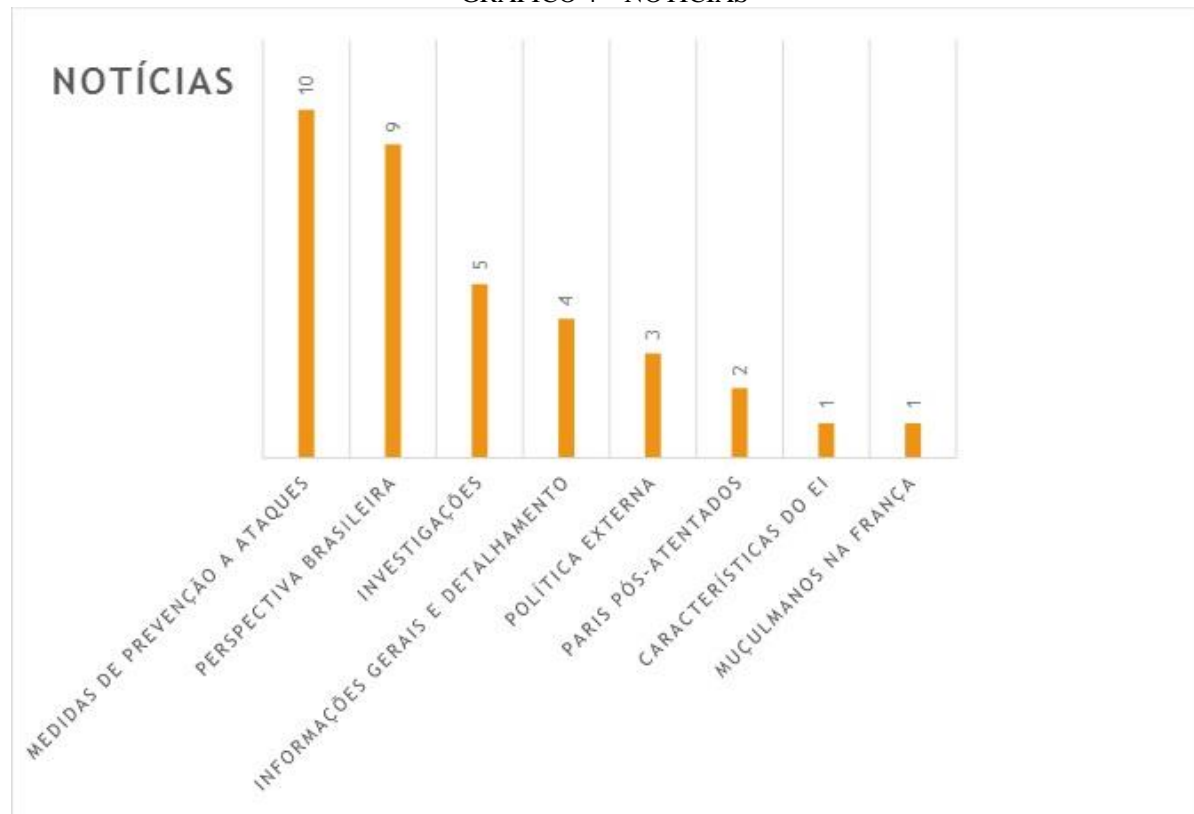
CONTRA TODOS

Estado Islâmico
Grupo terrorista domina na Síria e no Iraque terreno equivalente ao território da Itália

Trata-se do primeiro espaço a aparecer no material analisado que se dedica especificamente a

explicar a situação de conflito político e armado na Síria, e a relação da França com ele. Entretanto, tal explicação é feita de maneira muito superficial. Termos próprios de estudos médio-orientais são usados sem contextualização e conceituação, a causa do conflito não é explicada – por que os países aliados dos Estados Unidos querem a saída de Bashar al-Assad do governo sírio, por exemplo? Por que a Rússia apoia o ditador? Quais têm sido os procedimentos de intervenção externa na região? –, mortes de civis sírios devido ao conflito não são mencionadas e a situação é simplificada ao extremo. Na descrição das forças envolvidas no conflito, Assad e Putin são definidos como “pró-regime”, EUA, aliados e grupos rebeldes como “contra o regime” e o Estado Islâmico como “contra todos”, sem nenhuma explicação relativa à formação do conflito.

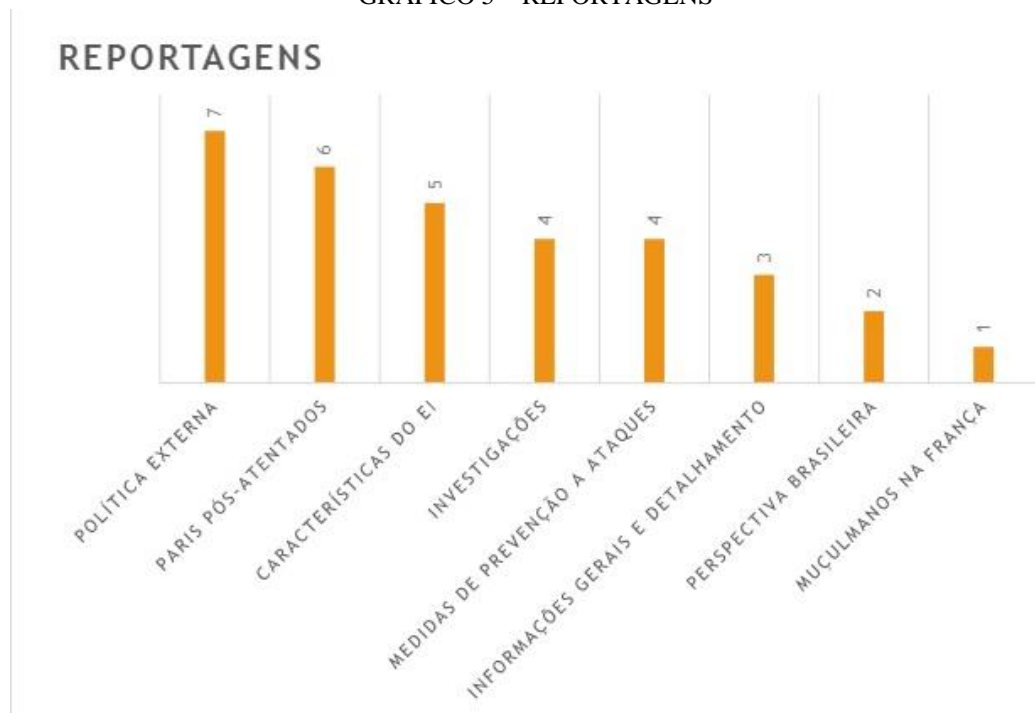
GRÁFICO 4 – NOTÍCIAS



O gráfico 4 mostra a proporção das temáticas abordadas nas 35 notícias da cobertura, gênero jornalístico predominante no período analisado. A notícia é o gênero que se propõe a descrever objetivamente os acontecimentos, sem espaço para grandes falas de fontes ou maior variedade de elementos, também pelo caráter de instantaneidade do texto, publicado logo após o fato pontual. Portanto, os temas predominantes refletem as discussões suscitadas na esfera pública pelos atentados. Tanto na França como em outros países pertencentes à coligação ocidental envolvida no conflito armado na Síria, tornou-se pauta o debate sobre medidas para prevenir novos ataques, tema predominante no conjunto de notícias. Sendo a *Folha* um periódico brasileiro, não surpreende também que a segunda temática que mais aparece seja a perspectiva brasileira, representativa das discussões que naturalmente se instalaram no país em relação a possíveis riscos de atentados por aqui.

Os temas menos abordados nos textos de gênero *notícia* foram as categorias *Características do EI* e *Muçulmanos na França*. Os dois assuntos, de caráter mais contextual, se encaixam melhor, de fato, em textos mais longos, que permitem abordagens mais amplas, ricas em elementos e com diversas perspectivas.

GRÁFICO 5 – REPORTAGENS



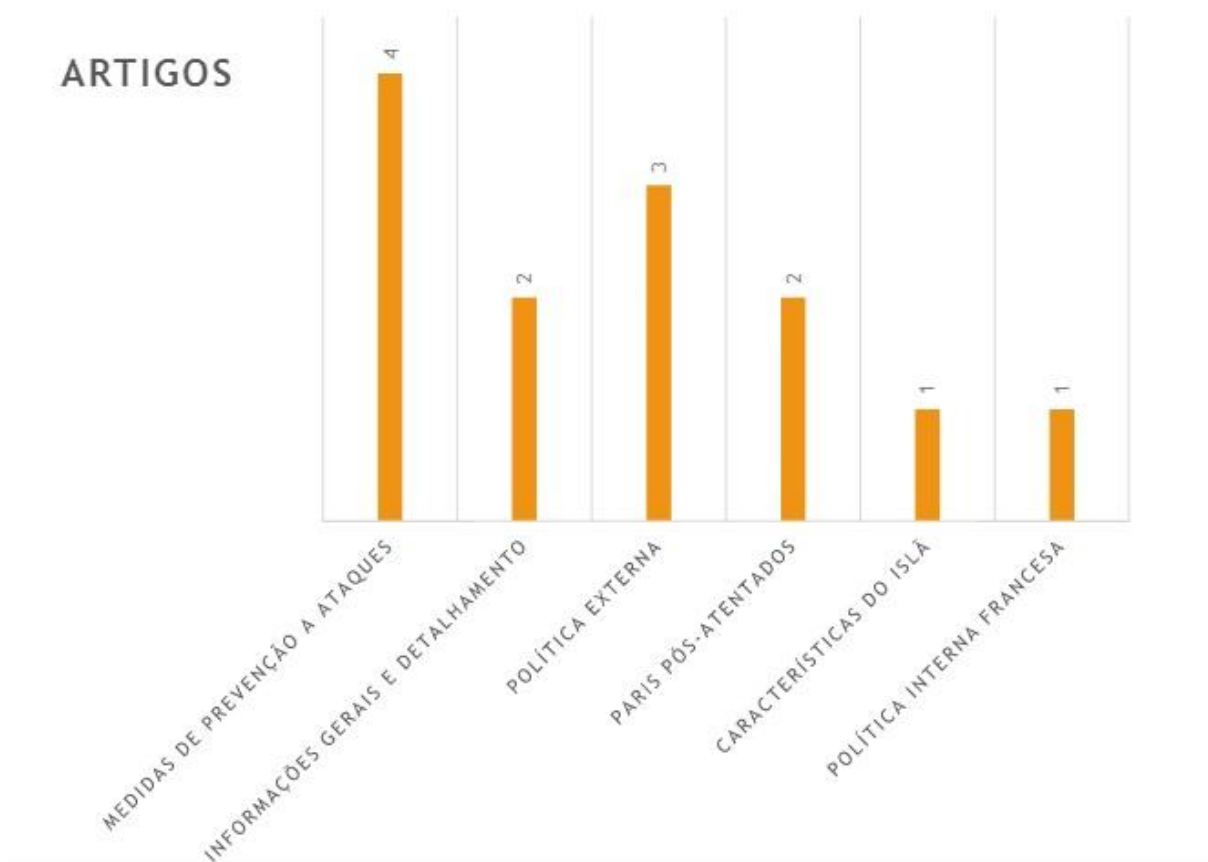
O segundo gênero que mais aparece na cobertura da *Folha* é a reportagem, categoria escolhida como *corpus* da análise que começamos a desenvolver. O tema predominante no conjunto das reportagens é o mesmo que predomina na cobertura como um todo: a política externa. Consideramos que tal predomínio, analisado de forma geral, é positivo, por tratar-se de uma temática que explora a questão dos atentados para além do momento exato dos ataques e das consequências dentro da França, tendo condições de abordar questões essenciais como a relação do país atacado com outras nações, a participação da França no conflito na Síria e o contexto político-militar mundial, inclusive numa perspectiva histórica. Como veremos mais à frente, no entanto, não é sempre que esta temática é tratada com a complexidade que de fato tem.

A temática que aparece em seguida na lista de predominância é *Paris pós-atentados*. Tal categoria representa um conjunto de textos que relata a situação das ruas de Paris, de seu funcionamento urbano e do emocional da população parisiense após os ataques. Consideramos que esta categoria se encaixa no indicador de aprofundamento da perspectiva francesa. O fato de aparecer com grande frequência num gênero jornalístico de maior abrangência leva à constatação de que o leitor da *Folha* tem, na maior parte da cobertura, um meio de identificação com uma situação que está geográfica e culturalmente distante dele.

A temática intitulada *Muçulmanos na França*, por outro lado, aparece em apenas uma das 32 reportagens publicadas durante o período analisado. Consideramos que trata-se de

um tema importante para a dissolução de uma ideia de oposição entre muçulmanos e franceses – uma vez que o islã é a segunda religião mais praticada na França (COLON, 2015), e levando em conta também que a religião islâmica não está atrelada necessariamente a uma nacionalidade específica. Isso ajuda a clarificar a noção de que o Estado Islâmico, responsável pelos ataques, não representa os muçulmanos e – pelo contrário – tem uma atuação prejudicial a eles, tanto quando os faz vítimas de ataques armados, quanto ao se apropriar de uma religião e de uma cultura ricas para justificar uma violência baseada no fanatismo.

GRÁFICO 6 – ARTIGOS



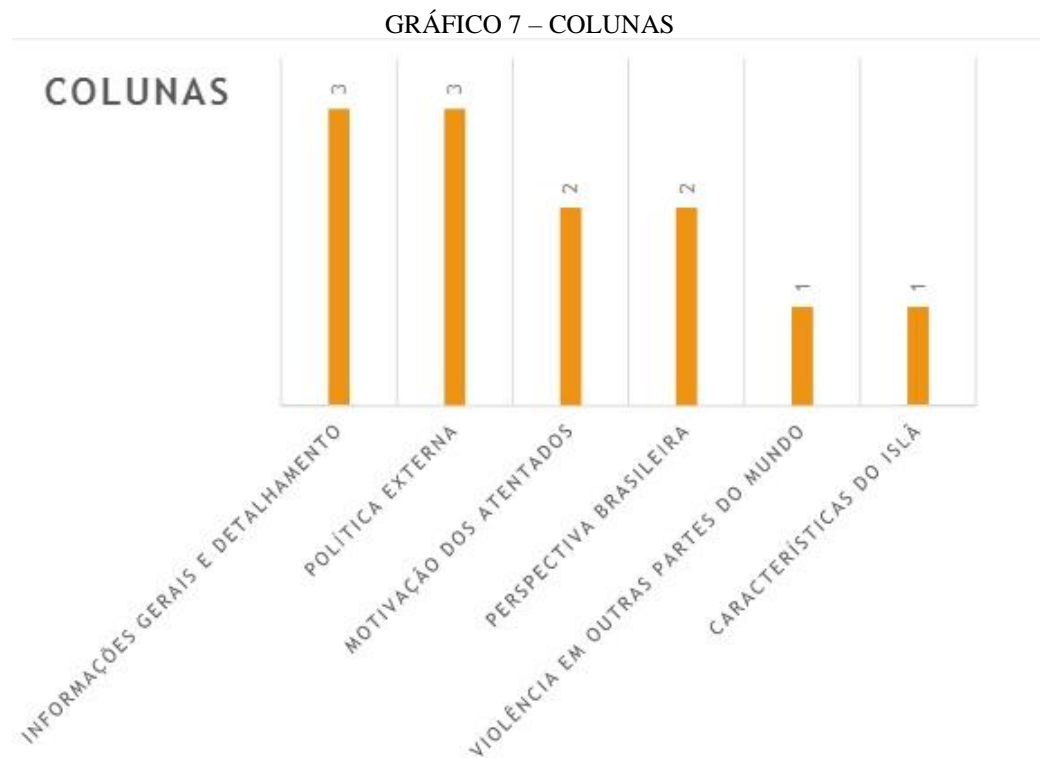
A *Folha de S.Paulo* define o artigo como “gênero jornalístico que traz interpretação ou opinião do autor” (NOVO, 2017, site). Diferentemente da coluna, o artigo é um gênero opinativo que traz a visão de uma pessoa que não escreve regularmente para o jornal, e faz um texto especificamente para aquela situação. O autor do artigo pode ser um jornalista, escritor, intelectual ou autoridade sobre o assunto. Artigos são sempre assinados, e podem ser escritos na primeira pessoa.

Em um dos artigos publicados no veículo, o escritor britânico Ian McEwan fala sobre os altares de homenagem às vítimas dos atentados, construídos em frente aos locais atacados e

na Place de la République, lugar tradicional do centro de Paris, mostrando, por um lado, a comoção em torno da tragédia, e por outro, a forma como essa comoção é construída e reforçada pela mídia.

Lá nas redações, os editores vão querer ver o altar. Tais imagens não surgem espontaneamente. O ideal é uma figura solitária, ajoelhada em expiação, sem sinal de equipes de filmagem rivais, ou de paus de *selfie*, ou de qualquer outra coisa que dote a cena de deliberação ou artifício (MCEWAN, 2015).

Ele não faz julgamentos de valor sobre o papel da mídia nesse contexto, mas explicita o tom de espetacularização que a cobertura desse tipo de evento ganha a partir do trabalho midiático.

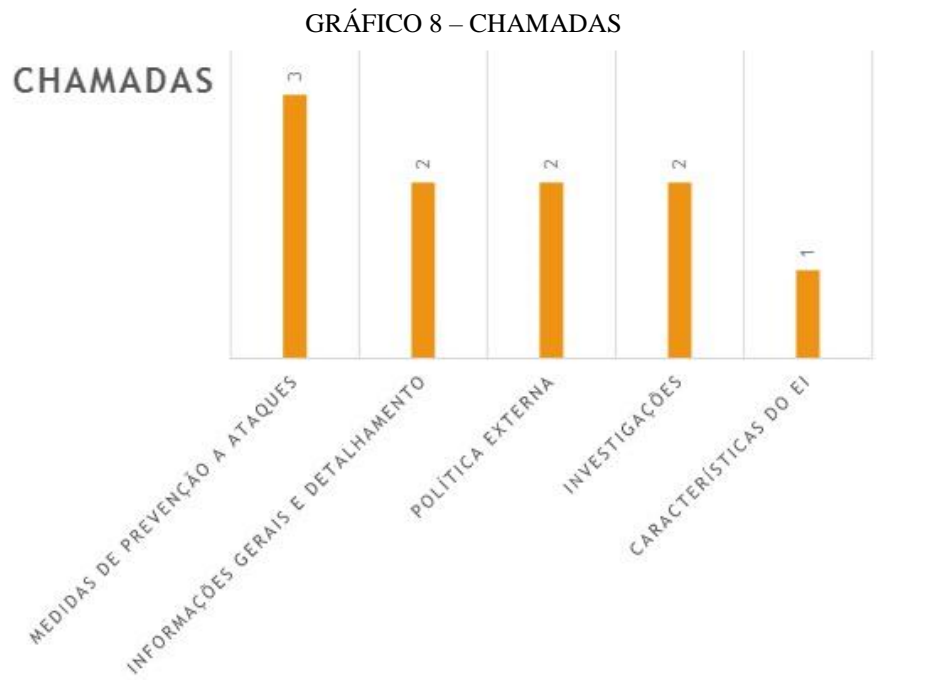


A coluna é um espaço do jornal onde uma pessoa escreve regularmente (NOVO, 2017, site). Tal espaço pode ser de temática livre, à escolha do colunista, ou ocupar alguma seção determinada do jornal – cultura, esporte, política, mundo. Existe, de qualquer forma, um certo nível de liberdade com relação ao assunto específico que será tratado pelo colunista naquele espaço. A opinião manifestada, portanto, não diz respeito necessariamente à visão editorial do jornal. Porém, na escolha dos colunistas que ocupam esses espaços de visibilidade, é inegável que o veículo influencia indiretamente no tipo de perspectiva que é exaltada em suas páginas.

É comum, portanto, que os jornais tenham colunistas de variadas tendências políticas, para manter uma proposta de neutralidade e pluralidade tradicionalmente defendida pelo jornalismo.

Cabe trazer, porém, uma reflexão sobre o tom utilizado na argumentação desenvolvida em algumas colunas de opinião. A coluna de Reinaldo Azevedo, publicada na seção “Poder” do dia 20 de novembro de 2015, traz uma abordagem generalista, simplificada e violenta do problema do terrorismo. Em um dos trechos do texto, Azevedo provoca: “Se existe o islã pacífico – árabe, persa, turco, indonésio, paquistanês, afegão – que se manifeste então com expressões mais claras do que condolências retóricas” (AZEVEDO, 2015). Na própria *Folha*, no entanto, houve notícias e depoimentos que destacaram as manifestações de muçulmanos contrários aos atentados.

Ainda em outra passagem, o autor do artigo destaca a vaia feita por torcedores turcos durante o minuto de silêncio em homenagem às vítimas dos atentados, num amistoso entre Turquia e Grécia. “Perdoem-me a crueza, mas aquela não era uma vaia de alguns extremistas. Era a expressão de uma cultura. Era o barulho de uma forma de viver a religião” (AZEVEDO, 2015). Ao considerar a lamentável manifestação da torcida em relação ao minuto de silêncio como expressão de toda uma cultura, o autor transforma um conflito complexo com diversas variáveis culturais, políticas e religiosas, em uma luta de mocinhos *versus* vilões.



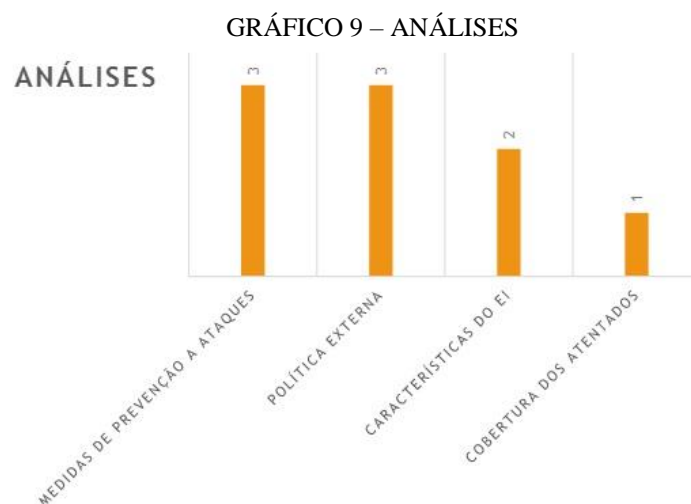
As chamadas, consideradas por Medina (2001) como um subgênero jornalístico, têm a função de resumir na primeira página os principais textos publicados naquela edição do jornal.

Os textos curtos permitem que o leitor tenha um panorama geral sobre os assuntos do dia e possa escolher em quais matérias deseja se aprofundar mais.

Como sabemos, a maioria dos leitores se limita somente à leitura de títulos, e são os títulos que vão motivar a lerem ou não as notícias contidas nos jornais. As chamadas que definimos como um resumo da notícia, colocada na primeira página ou na capa de um caderno, com esclarecimento sobre a seção ou página em que pode ser lida, têm o mesmo objetivo dos títulos, incentivando os leitores para a leitura das notícias. Os títulos de primeira página destacam as notícias que foram consideradas pela empresa jornalística como as mais importantes (MEDINA, 2001, p. 8).

As chamadas possuem, portanto, um peso simbólico relevante na construção de uma identidade do veículo de imprensa, já que dão o tom daquela edição em seu espaço de apresentação: a capa.

Observando o gráfico 8, podemos constatar mais uma vez a preocupação em prevenir novos ataques como primordial na cobertura da *Folha*. A frequência também dos temas *Informações gerais e detalhamento* e *Investigações* mostra que temáticas de caráter mais geral foram escolhidas para ocupar a capa da publicação após os atentados. O tema *Características do EI*, mais específico, e que chama para matérias com intenção de compreender o funcionamento da facção terrorista, aparece apenas uma vez na capa do jornal.

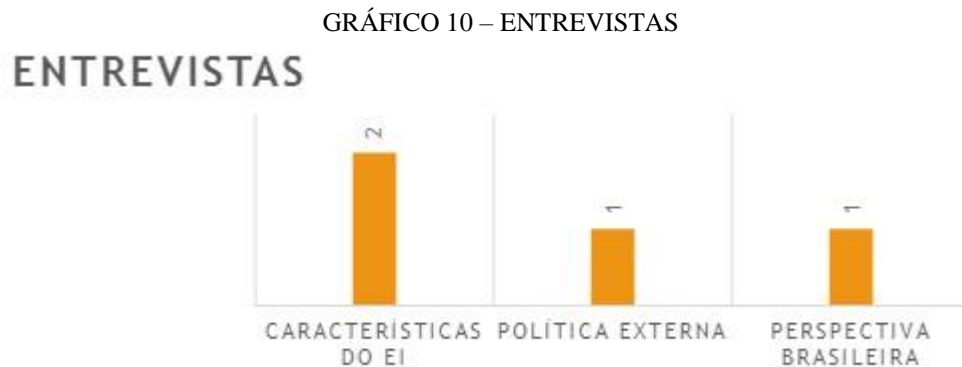


A análise é um gênero do jornalismo interpretativo, que tem a função de ajudar o leitor a interpretar os fatos objetivamente (NOVO, 2017, site). Um dos nove textos publicados na *Folha* no período analisado que pertencem a essa categoria fala sobre o aumento do poder policial e do autoritarismo em Estados democráticos após eventos de terrorismo. O jornalista Vinicius Torres Freire (2015), enviado especial a Paris explica as condições do estado de

emergência que entrou em vigor na França após os ataques.

Nessa situação excepcional, o ministro da Justiça (chefe da polícia, que é nacional) e os chefes de polícia regionais podem decretar toque de recolher, limitar a circulação do público, decidir prisões domiciliares e aumentar os poderes de investigação da polícia sem controle de um juiz e sem limite de horário (de noite), por exemplo (FREIRE, 2015).

Como fica claro no trecho acima, a análise deve trazer dados objetivos que auxiliem o leitor na interpretação livre das informações trazidas em outras partes do jornal, complementando os textos informativos.



As entrevistas são nitidamente o gênero jornalístico da cobertura da *Folha* em que há maior predominância de uma perspectiva diversa, abrangente e que empreende esforço de alteridade ao considerar os fatos. Nos quatro casos, há a ressalva necessária sobre a maioria dos muçulmanos pertencer a uma vertente moderada e pacífica do islã. Além da entrevista com o especialista em Estado Islâmico Moubayed, já referida anteriormente, há outras duas que trazem uma abordagem ponderada, equilibrada e plural dos fatos.

No primeiro material do gênero publicado durante a cobertura, já no terceiro dia após os atentados, o cientista político Bertrand Badie analisa a complexidade da questão da luta antiterror, compreendendo tanto o lado francês do problema quanto o lado dos muçulmanos moderados que sofrem as consequências da ação dos extremistas, sendo alvo de xenofobia. “Como você quer lutar contra indivíduos que estão dispostos a dar a vida para matar? Eu acho que são a política externa da França e, talvez, sua política de integração nacional que devem ser revistas, mais do que a política repressiva, que muito dificilmente é 100% exitosa” (BADIE, 2015). Além de apontar o caminho do multilateralismo como resolução para o conflito e como forma de evitar intervenções de potências, Badie fala sobre o oportunismo da extrema direita

em usar os atentados como justificativa para iniciativas xenofóbicas. “[...] alguns líderes, principalmente da extrema direita, irão denunciar não o EI, mas o islã como responsável. Isso pode acabar excluindo ainda mais a comunidade muçulmana, tornar mais difícil sua liberdade de culto” (BADIE, 2015).

Em entrevista publicada no dia 18 de novembro de 2015, o filósofo Pascal Bruckner ressalta também um outro lado da questão: a raiz da radicalização religiosa. “O jihad oferece aos jovens uma resposta imediata a suas angústias. A dificuldade de construir sua identidade é solucionada pela adesão a uma ideologia radical que tranquiliza” (BRUCKNER, 2015). Como podemos observar, a questão da identidade, abordada no presente trabalho, é destacada pelo entrevistado como elemento importante ao se considerar a adesão dos jovens muçulmanos ao pensamento radical.

4.3 RESULTADOS OBTIDOS E INTERPRETAÇÃO

Para proceder à exposição e interpretação dos resultados obtidos, dividimos as 32 reportagens do *corpus* em três eixos: geral, familiar e não-familiar.

4.3.1. Eixo 1: Impacto

O primeiro eixo de reportagens analisadas, denominado *Impacto*, é composto de 10 textos com temáticas consideradas básicas na cobertura de qualquer tragédia: *Informações gerais e detalhamento*, *Investigações* e *Medidas de prevenção a ataques*. Os três temas dos textos aqui analisados buscam responder a perguntas básicas que o jornalista deve ter em mente ao elaborar um material noticioso, e que o leitor se faz ao se deparar com um evento com consequências negativas: O quê, onde, quando, quem, como, por quê? São questões respondidas pelas temáticas *Informações gerais e detalhamento* e *Investigações*. A partir da constatação de que o evento em questão é violento e traz consequências negativas, há a ânsia de evitar que fatos desse tipo voltem a acontecer. A busca por maneiras de evitar esse tipo de acontecimento é expressa na temática *Medidas de prevenção a ataques*. Analisaremos aqui, o Eixo 1, a partir de uma ordem cronológica.

A primeira reportagem do eixo, publicada no primeiro dia de cobertura, tem o seguinte título: “Hollande declara emergência e fecha fronteiras da França” (CARDOSO, 2015). Podemos observar, portanto, que antes mesmo de qualquer reportagem detalhando o que aconteceu, houve uma preocupação do veículo em se aprofundar quanto às medidas que foram

tomadas imediatamente pelas autoridades francesas para evitar que novos ataques voltassem a acontecer. Das quatro reportagens com a temática *Medidas de prevenção a ataques*, duas dizem respeito a um maior controle de fronteiras, uma a ações policiais de busca por terroristas, e uma aborda a importância da prevenção a movimentos de radicalização, a partir da atenção às populações periféricas vulneráveis e mais suscetíveis a aderir ao radicalismo. Dessas três abordagens vistas como possíveis formas de prevenir novos atentados, duas dizem respeito a medidas paliativas – manter os terroristas fora dos limites geográficos que se deseja proteger, ou agir coercitivamente, com o uso da força, para eliminar os terroristas –, e apenas uma busca resolver a questão onde ela tem origem: olhando para os jovens muçulmanos antes de eles se radicalizarem, oferecendo outras opções e evitando sua marginalização social. O problema parece se assemelhar às questões de guerra ao tráfico no Brasil, que resultam na estigmatização de populações periféricas e não investem na resolução do conflito em sua raiz: a educação e a criação de oportunidades. A reportagem (BERCITO, 2015) que traz essa proposta de atenção às periferias como forma de prevenir novos ataques funciona como um contraponto às outras. Além de tratar da dificuldade das autoridades de combater a pregação da vertente radical do islã na internet, onde se dá majoritariamente essa radicalização, o repórter traz uma perspectiva social da questão.

Uma semana depois do massacre em Paris, governos europeus têm anunciado o incremento de suas medidas de segurança. Mesquitas, fronteiras e chamadas telefônicas estão sob escrutínio [...] Mas o combate ao extremismo também passa pelas comunidades periféricas. Diversos dos terroristas envolvidos nos atentados recentes estavam conectados, por exemplo, à região de Molenbeek, subúrbio de Bruxelas. Ali, a reportagem da Folha ouviu de diversos moradores - não apenas muçulmanos - que o abandono por parte do governo é um ingrediente fundamental na radicalização de jovens locais (BERCITO, 2015).

Dando espaço a fontes de origem árabe-muçulmana que são diretamente afetadas pela imagem estereotipada que ganham após esse tipo de atentado, o repórter Diogo Bercito conseguiu escapar da lógica do orientalismo. Por ser um gênero jornalístico onde o jornalista também fala diretamente – diferentemente das entrevistas –, o desafio no desenvolvimento de uma perspectiva de alteridade parece ainda maior.

Outras três reportagens que problematizam a questão social e os problemas discriminatórios em relação às periferias onde vivem radicais islâmicos pertencem à temática *Investigações*. As reportagens assinadas por Diogo Bercito, Vinícius Torres Freire e Letícia Fonseca-Sourander tratam das investigações policiais feitas em bairros periféricos – Molenbeek, em Bruxelas e Saint-Denis, em Paris –, sempre dando voz aos habitantes desses

bairros, abordando pontos importantes como a desigualdade econômica e social.

Você está se sentindo mais discriminado após os atentados deste ano (em janeiro, contra o “Charlie Hebdo” e agora), indaga a *Folha*. “Não mais que o normal. Dizem que a gente não se integra, é piada. Sou como qualquer moleque francês”, responde. ‘A gente não é mais integrado porque nossa escola é pior e porque não tem mais emprego. Quando meu avô veio do Marrocos, ele arrumou a vida, foi operário depois vendedor. Agora isso não existe mais” (FREIRE, 2015).

Nota-se que, quando os repórteres têm contato próximo com as realidades dos muçulmanos que vivem nas periferias de cidades europeias, esse contato é refletido no resultado dos textos. Nesse ponto se traduz o verdadeiro papel do jornalista: chegar perto de contextos distantes do leitor, relatando o que se enxerga, se testemunha e se sente naqueles espaços.

Retomando a primeira reportagem mencionada no presente eixo de análise (CARDOSO, 2015), é relevante observar também que nesse primeiro texto – publicado no dia 14 de novembro –, embora não houvesse ainda a reivindicação de autoria dos atentados pelo Estado Islâmico, já se supunha essa relação. “Ao canal de televisão BFM, uma testemunha presente no mesmo local disse que um dos atiradores gritou ‘É pela Síria!’, referindo-se à guerra de quatro anos no país árabe na qual a França apoia as forças americanas, antes de disparar contra a plateia” (CARDOSO, 2015). No mesmo texto, há o subtítulo “França em guerra”, destacando que o estabelecimento de estado de emergência foi vista pela mídia francesa como uma declaração de guerra. Em outra reportagem publicada também no primeiro dia de cobertura, intitulada “O Horror” (FOLHA DE S.PAULO, 2015), há o mesmo tom de caos e pânico reforçado simbolicamente pelos termos utilizados. Percebemos que, na falta de informações mais detalhadas sobre o ocorrido – já que a edição do dia 14 de novembro foi fechada poucas horas depois dos atentados –, a cobertura inicial foi expandida com base nos sentimentos genéricos provocados por situações de caos: medo, horror, guerra, pânico, dor e sofrimento. Na reportagem em questão, também é aberta a possibilidade de os ataques terem relação com os conflitos na Síria. “Já uma jovem chamada Yasmin declarou à rede BFMTV ter ouvido um dos terroristas dizer ‘O que vocês estão fazendo na Síria? Agora vão pagar por isso!’” (FOLHA DE S.PAULO, 2015).

Ainda na edição do dia 14, foi publicada também uma reportagem detalhando as características da região que foi alvo dos ataques. O texto de Lucas Neves (2015) descreve a área como

[...] uma das mais badaladas da cidade, ponto de encontro da juventude “moderninha”. É nesse eixo, entre a Place de la République e o bairro boêmio de

Belleville, a leste dos grandes pontos turísticos, que os parisienses de fato fazem noitadas. O restaurante cambojano que foi cenário de um dos ataques é um dos *hot spots* da turma dita *hipster*. O Bataclan, casa de shows onde também houve tiroteio e que estava com lotação esgotada, é outro lugar que atrai parisienses jovens e alternativos (NEVES, 2015).

O trecho faz com que até mesmo quem nunca esteve em Paris, cidade tida no imaginário brasileiro como símbolo de civilização, sofisticação e cultura, se transporte para os locais dos atentados e se sinta de alguma forma conectado com as vítimas. Outros trechos da mesma reportagem trazem depoimentos de jovens que estavam presentes nos locais dos ataques, relatando a quantidade de corpos que viram pelo chão, e o sentimento de pânico que se instalou nos lugares atacados.

Outra reportagem com a mesma abordagem, publicada no dia 16 de novembro, traz um perfil mais detalhado das vítimas dos atentados, após 103 dos 129 mortos já terem sido identificados. “À medida que os nomes das vítimas dos atentados do dia 13 de novembro em Paris são divulgados, a tragédia começa a ganhar um rosto, que é um retrato da vida noturna parisiense: I, boêmios, jovens, músicos, jornalistas e estrangeiros” (CARDOSO, 2015). O “rosto” dado às vítimas dos ataques, que transforma a estatística “129 mortos” em pessoas reais, com nomes, profissões e histórias de vida, é essencial para criar um elo de identificação entre o público leitor, que está distante dessa realidade, e a população parisiense, abalada pelos trágicos acontecimentos. No entanto, a *Folha* não dedica o mesmo esforço para criar esse elo também com as vítimas da guerra na Síria, que ocorre simultaneamente, com critérios objetivos que justificariam maior visibilidade – 250 mil mortos – e que tem relação direta, nessa altura já assumida pelo EI, com os atentados na França.

4.3.2. Eixo 2: O Mesmo

O Eixo 2, que denominamos *O Mesmo* traz reportagens de categorias temáticas que consideramos familiares, de fácil identificação para os leitores da *Folha*. Esse eixo inclui as categorias *Paris pós-atentados* e *Perspectiva brasileira*. Os dois temas conversam na medida em que, muitas vezes, quando o jornal trata da situação da capital francesa após os ataques, essa situação é relatada da perspectiva de brasileiros que estavam em Paris – e até mesmo no local dos ataques – na noite de 13 de novembro de 2015.

A primeira reportagem desse grupo se encaixa bem nesse cruzamento temático. A partir de uma narrativa estruturada para dar uma noção de simultaneidade dos acontecimentos, como se o leitor estivesse acompanhando em tempo real a noite fatídica, o repórter Lucas Neves

relatou os diversos atentados quase simultâneos sob a perspectiva assustada e comovida dos brasileiros que estavam em Paris quando tudo aconteceu.

Numa mesa na calçada diante do restaurante Le Petit Cambodge, no 10º distrito, uma turma de oito amigos, que incluía arquitetos, estudantes e psicanalistas, terminava de comer e aproveitava o ar ‘alegre, descontraído, juvenil’ dessa região parisiense, nas palavras de um deles, o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP José Lira [...] Do outro lado do rio Sena, a fotógrafa brasileira Claudia Jaguaribe era a cicerone de um jantar para um grupo de cerca de 30 colegas de ofício vindos à cidade para uma grande feira de arte (NEVES, 2015).

O tom envolvente do texto traz “personagens” com quem o leitor da *Folha* pode se identificar: brasileiros, de classe média-alta, estudantes de ensino superior ou profissionais de áreas prestigiadas, com algum escopo intelectual. O leitor se comove, pois poderia ser ele lá. Se ele não foi a Paris, ele gostaria muito de ir algum dia. Não é, nesse contexto, necessário um esforço para inserir a alteridade na narrativa (LAGO, 2014), pois não há outro. As pessoas descritas na reportagem são semelhantes, e não diferentes.

Outra das reportagens que aborda uma perspectiva das preocupações brasileiras com os atentados e suas consequências têm relação com o medo do terrorismo nas Olimpíadas de 2016 no Brasil. A principal medida tomada para redução de riscos durante o evento, apontada na reportagem de Marco Antônio Martins (2015), diz respeito ao controle de fronteiras, uma precaução que tem critérios culturais envolvidos. Ao mencionar o pedido do Ministério da Defesa brasileiro quanto à não-isenção de visto de entrada para turistas nas Olimpíadas, são apontados quatro países aos quais a medida não se aplica – ou seja, que não teriam necessidade de visto: Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão, “definidos a partir de critérios como baixo risco migratório e baixo ou nenhum risco para a segurança nacional” (MARTINS, 2015). Não foram levantadas, na reportagem, quaisquer possibilidades para a definição dessas nacionalidades como baixo risco para a segurança nacional, o que consideramos que seria importante devido à frequente estigmatização racial e cultural que é feita nas fronteiras em períodos de ameaça terrorista.

As outras seis reportagens do eixo tratam de passar para o leitor da *Folha* uma ideia da situação de Paris nos dias seguintes aos atentados. Aspectos desde o clima emocional ao funcionamento de atrações turísticas foram abordados nesse conjunto de textos. A reportagem de Leandro Colon (2015) publicada na edição de 15 de novembro, dá o tom de comoção da manhã que se seguiu aos ataques. “As janelas do restaurante *Le Carillon* estampam os buracos dos tiros dos ataques. Para tentar apagar as manchas de sangue das vítimas, muita areia foi espalhada no chão da calçada do bar, um espaço de bebidas baratas e decoração despojada”

(COLON, 2015). Como já apontado em outras reportagens aqui destacadas, o texto faz com que o leitor se sinta um observador presente no local dos atentados, participante do contexto de choque protagonizado pelos cidadãos franceses. Cabe ainda atentar para o título da matéria em questão: “Guerra | Luto”. Conforme mencionado anteriormente, a repetição constante de termos que ressaltem a situação de caos após os ataques sem buscar apoio em questões mais objetivas não ajuda a entender o que está por trás da barbárie, já evidente nos acontecimentos.

Em outra reportagem do conjunto, de autoria de Vinicius Torres Freire (2015) e publicada em 17 de novembro, além do relato de uma Paris em recuperação alguns dias após os ataques, há o destaque sensível de aspectos que consideramos relevantes.

Um mendigo muçulmano reclamava da vida piorada após os atentados. O senegalês Yvon Constantin, da cidade periférica de Les Mureaux, pede dinheiro no metrô Grands Boulevards com a taqiya, o solidéu muçulmano. “Pararam de me dar moedas. Se vem, vem dez centavos. Estão com mais raiva de nós. Por causa desses loucos, que têm vida boa e usam o que têm para matar”. Constantin não trabalha há 11 anos por “problemas de saúde” (FREIRE, 2015).

Mais uma vez, ressaltamos a importância de destacar as consequências dos atentados também para a população de origem muçulmana – seja ela francesa ou não – no sentido de quebrar um possível entendimento simplificado da situação como uma guerra entre culturas.

A ideia de guerra é novamente foco na reportagem de Lucas Neves na edição do dia 19 de novembro, que aborda o aumento da procura por artigos de defesa pessoal – como armas de fogo, spray de pimenta e até mesmo colete à prova de balas – por parisienses após a série de ataques da noite do dia 13. O texto traz, ainda, falas de fontes reclamando das restrições de acesso a armamento ocasionadas pela legislação francesa. “Não é o fato de tornar a legislação mais severa que vai impedir o tráfico de armas, a chegada delas às mãos dos terroristas”, opina um praticante de tiro esportivo na reportagem de Neves (2015).

Além de outras duas reportagens trazendo relatos da Paris pós-atentados sob a perspectiva da migração de judeus franceses para Israel (CUNHA, 2015) e da redução do turismo na capital francesa (CARDOSO, 2015), merece destaque a reportagem de Lucas Neves (2015) do dia 23 de novembro, que traz uma certa autocrítica dos jovens franceses em relação à consciência e preocupação que eles têm, no dia-a-dia, com o contexto sociopolítico de outras regiões do planeta. Definindo o perfil do público frequentador da área que sofreu os ataques de 13 de novembro como um grupo dotado de maior abertura a outras culturas e simpatizante de tendências de esquerda, o texto de Neves (2015) deixa explícitas as contradições existentes entre o discurso e o comportamento desses jovens franceses, pertencentes ao estilo *bobô*:

burgueses boêmios. Sem julgamento de valor, o repórter dá abertura e contexto para que os próprios jovens falem sobre suas contradições.

“[...] nos demos conta de que o nosso país está envolvido em conflitos no exterior, que sair de casa sem saber se volta é a norma em vários lugares.” [...] Menos preocupada com diagnósticos sociais, a estudante de arquitetura Salomé, 23, toma um chope na calçada do Chez Prune, também à beira do canal. Diz que os episódios do dia 13 despertaram nela um patriotismo insuspeito e o ímpeto de “revalorizar as pequenas coisas, como o cigarro e a cerveja”. Conta que até pensa “uma, duas vezes por dia” nos bombardeios franceses na Síria, intensificados após os atentados, mas que, “no fundo”, continua a viver sua vida. “Como naquela música do [compositor francês] Jacques Dutronc: ‘Setecentos milhões de chineses/ E eu, e eu, e eu.’” (NEVES, 2015).

Os paradoxos políticos explicitados no texto são de fácil identificação, também, para o público-leitor da *Folha*. Embora não se possa dizer que os jovens brasileiros não se comovam com a guerra na Síria, essa não é uma questão que chega a mobilizar. Parte disso, reiteramos, se deve às diferentes repercussões midiáticas que os atentados têm dependendo da parte do mundo onde acontecem.

4.3.3. Eixo 3: O Outro

O terceiro e último eixo de nossa análise abrange as temáticas *Características do EI, Muçulmanos na França e Política Externa*, consideradas neste trabalho como categorias que exigem maior esforço e cuidado para dar voz e lugar ao *Outro* – uma perspectiva de alteridade. Em função de lidar com assuntos relacionados a culturas não familiares à maior parte do público-leitor da *Folha*, esses temas se diferenciam daqueles agrupados nos dois eixos anteriores, trazendo aspectos que dizem respeito não só a nós – os leitores – e àqueles que partilham de muitas de nossas referências – os franceses –, mas também ao Outro, aquele de quem somos diferenciados e nos diferenciamos como forma de delimitar nossa própria identidade (KELLNER, 2001). Neste eixo, analisaremos um conjunto de 13 reportagens, buscando identificar como o muçulmano é representado nessas narrativas.

Os dois primeiros textos que analisaremos neste eixo, ambos publicados em 15 de novembro, se contrapõem um ao outro. O primeiro, assinado por Leandro Colon (2015), traz a notícia da reivindicação dos atentados pela facção Estado Islâmico, e as repercussões que isso teve em declarações do presidente francês François Hollande e do ditador sírio Bashar al-Assad. Já no título, “EI reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra” (COLON, 2015) pode-se observar a repetição do termo “guerra”, já empregado em reportagens analisadas nos eixos

anteriores. Ao mencionar os bombardeios da França na Síria como possíveis desencadeantes para os ataques do EI em Paris, o repórter faz breve menção ao último bombardeio. “[...] desde o fim de setembro, a França tem participado da coalizão de ataques aéreos contra o EI na Síria. Um bombardeio francês destruiu, por exemplo, um centro de treinamento da facção no leste sírio” (COLON, 2015). A única fonte que traz uma perspectiva do sofrimento do povo sírio com a guerra – essencial para humanizar e tornar mais pessoal o tratamento do conflito – é o ditador Bashar al-Assad, figura de pouca credibilidade.

Por sua vez, a reportagem de Diogo Bercito (2015), que trata do reforço de segurança nas fronteiras europeias após os atentados, é um bom exemplo em vários pontos ao se pensar a questão da alteridade e da representatividade cultural. Além de destacar o risco de consequências negativas aos refugiados de guerras no Oriente Médio que buscam asilo na Europa, Bercito traz como fonte o pesquisador francês de origem árabe Moussa Bourekba, o que favorece uma noção de representatividade da cultura árabe e da cultura francesa simultaneamente, e uma preocupação importante levantada por Bourekba.

Para o pesquisador francês Moussa Bourekba, do think tank espanhol Cidob, o ataque a Paris indica que a Europa “importa” conflitos do Oriente Médio onde está envolvida. “Estamos trazendo a guerra, o modus operandi. A regra, agora, é que não existe um ‘risco zero’. Não podemos mais agir no Oriente Médio sem esperar uma resposta. Tudo está relacionado”, afirma à *Folha* (BERCITO, 2015).

Tratando de outras cinco reportagens que mencionam a relação militar da França com a Síria, há uma tendência em comum no conjunto de textos: embora todos eles façam referência aos bombardeios ao território no Oriente Médio, a guerra no país é tratada de maneira muito breve, sem uma preocupação em dimensionar as perdas humanas que já haviam acontecido entre 2011 e 2015. Quando o conflito é mencionado, a questão é tratada como “bombardeios aéreos contra os islamistas na Síria” (MELLO, 2015), e não como uma guerra que atinge a população civil, além do Estado Islâmico ou de extremistas islâmicos. Se, por um lado, o número de mortos em atentados executados pelo EI é ressaltado com grande frequência, é raríssima a informação da quantidade de vítimas feitas pela guerra na Síria.

Percebemos também, no conjunto de reportagens, o uso de termos específicos do vocabulário de conflitos no Oriente Médio sem preocupação com explicações, conceituações ou diferenciações. Apenas nesse conjunto de cinco reportagens de política externa que mencionam o conflito na Síria, identificamos os termos “islamistas”, “islamitas”, “extremistas islâmicos”, “milícias curdas” (MELLO, 2015), “Hizbullah libanês”, “forças clandestinas do Irã” e “seita alauita de Asad” (GIELLOW, 2015). Não trabalhar esse vocabulário com o leitor,

facilitando a compreensão de um assunto que não lhe é familiar, pode acabar por reforçar uma ideia de diferença, estranhamento e afastamento cultural, em vez de promover a compreensão de uma temática complexa – mas que pode ser melhor abordada.

Outro conjunto de reportagens do eixo busca entender as origens, a estrutura e o funcionamento do Estado Islâmico - facção que causa medo, mas ao mesmo tempo um certo fascínio, em função dos mistérios que a circulam. Tais matérias possuem um nível considerável de aprofundamento, trazendo o histórico do EI, os nomes envolvidos em sua formação, a relação desta com determinados conflitos políticos desde a década de 90, e um apanhado da história do islã de maneira geral. Outro ponto relevante abordado por uma dessas reportagens (MELLO, 2015) é o funcionamento corporativo do EI, que tem seu financiamento baseado na compra de petróleo por diversos “clientes” - inclusive por países que combatem suas ações. Além disso, Patrícia Campos Mello (2015) explicita, em seu texto, que a população vítima do sofrimento mais constante da política do Estado Islâmico é, justamente, a que habita a região de domínio da facção. Nessa área, muçulmanos e não-muçulmanos sofrem com extorsões, sequestros e ameaças do EI.

Mas quem compra o petróleo ‘roubado’ pelo EI? Todo mundo, até o governo do ditador sírio Bashar al-Assad, inimigo da facção. A população civil na Síria, os curdos do norte do país, a oposição, todos dependem do petróleo vendido pelo EI. E muita gente compra do EI como deságio e contrabandeia o combustível barato para a Turquia (MELLO, 2015).

Patrícia Campos Mello, em outra reportagem do eixo, traz também a questão essencial da marginalização social e da negligência dos governos com populações vulneráveis. Ela destaca que o chefe do EI, Abu Bakr al-Baghdadi, está a par da situação dessas comunidades e se aproveita dessa circunstância para conquistar uma posição de poder, baseada na dependência. “Por isso, oferece até ‘bolsa família’ nessas áreas – em 2014, deu US\$ 66 a cada família que declarou lealdade. A facção mantém um programa de subsídio de materiais de construção para recém-casados, vacinação e um órgão de defesa do consumidor” (MELLO, 2015). A abordagem desses aspectos da dominação do EI é de extrema importância para que o próprio leitor da *Folha* possa constatar, com base nos fatos, que o contexto é altamente complexo – e situações complexas não são resolvidas por resoluções simplórias ou pontuais.

Para finalizar a análise do eixo, destacamos a única reportagem com a temática *Muçulmanos na França*. A matéria, assinada pelo repórter Leandro Colon (2015), foi feita a partir de uma visita do jornalista à cidade de Roubaix, onde ao menos 20% da população é muçulmana e o ambiente é conseqüentemente mais amigável às práticas religiosas islâmicas do

que em qualquer outro município francês. Focando na problemática da estigmatização do povo muçulmano como terrorista, Colon conduz a narrativa dando voz aos moradores muçulmanos – que trazem tanto elogios à atmosfera local quanto queixas e angústias quanto ao preconceito que sofrem na França de maneira geral.

À procura de trabalho, por exemplo, está um filho de argelinos que leva nos documentos o nome de Alexandre. Soa estranho neste contexto cultural, mas ele logo explica a tática: “Meus pais decidiram não me registrar com meu nome árabe para que isso facilitasse minha vida na França, sobretudo para conseguir emprego. Virei Alex” (COLON, 2015).

A abordagem do tema *Muçulmanos na França*, embora apareça em apenas uma reportagem como assunto central, durante todo o período analisado da cobertura, é desenvolvida com a profundidade necessária para envolver o leitor e guiá-lo por um caminho de maior empatia e identificação com uma realidade que não é a sua.

4.4. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE

A partir da realização da análise aprofundada do conjunto de 32 reportagens publicadas no jornal *Folha de S.Paulo* entre os dias 14 e 23 de novembro de 2015, período de dez dias após os atentados ocorridos em vários pontos de Paris, podemos fazer uma série de constatações. Os pontos considerados por nós como problemáticos dizem respeito sobretudo à superficialidade com que foram tratados a guerra no Oriente Médio, a discriminação e estigmatização do povo muçulmano, e o uso de termos próprios do vocabulário de estudos da cultura árabe-muçulmana sem as explicações e conceituações necessárias para facilitar o entendimento do leitor. Entendemos a abordagem dessas questões pela *Folha* como passível de crítica por reforçar uma ideia de diferença entre a cultura ocidental – partilhada em certo nível entre a França e o Brasil – e os costumes médio-orientais.

No entanto, foi possível notar um avanço no aprofundamento dos pontos destacados conforme a cobertura foi se estendendo. As reportagens com perspectivas mais abrangentes, espaço para fontes de origem árabe-muçulmana, contextualização histórica, política e econômica, e que desenvolvem uma noção satisfatória de alteridade estão publicadas em edições do jornal quando os atentados já tinham acontecido há alguns dias. Além disso, embora haja a repetição de uma superficialidade em relação a certos pontos que julgamos importantes, nas reportagens onde se observa um esforço maior no sentido de despertar a sensibilidade do

leitor em relação ao Outro, isso é feito de maneira eficiente.

Trazendo considerações para além do *corpus* da análise aprofundada, foi possível perceber também que outros gêneros jornalísticos – sobretudo as colunas, onde há grande autonomia do autor do texto com relação ao posicionamento opinativo – muitas vezes destoam dos esforços feitos nos gêneros informativos para trazer uma maior diversidade de perspectivas. Se por um lado há um visível esforço em determinadas matérias da *Folha* em apresentar uma perspectiva mais ampla e completa dos fatos, por outro lado colunas emocionais e exaltadas publicadas em suas páginas têm o efeito contrário à ponderação, ao respeito e ao aprofundamento das discussões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs, originalmente, a confirmar ou refutar a veracidade da hipótese de que haveria uma representação estigmatizada do muçulmano em coberturas jornalísticas sobre atentados terroristas. Tendo como objeto de estudo o jornal *Folha de São Paulo* no período de dez dias após os ataques a Paris em novembro de 2015, e tendo em vista os conceitos abordados no presente trabalho, podemos concluir que a cobertura em questão traz reportagens que se encaixam em três eixos temáticos: *Impacto*, *O Mesmo* e *O Outro*.

Tais divisões temáticas coincidem com ideias já trabalhadas pelos teóricos apresentados no desenvolvimento deste trabalho, que preveem preocupações comuns quando da cobertura de tragédias, e um tratamento diferente das culturas ocidental e oriental - mais especificamente francesa e árabe-muçulmana - ambas distintas da cultura brasileira. Enquanto a realidade francesa de violência e trauma com os ataques é simbolicamente aproximada da identidade afetiva do leitor da *Folha*, fazendo com que ele se comova com a situação, as questões de violência que ocorrem no Oriente Médio não são exploradas tão a fundo a ponto de sensibilizar o leitor da mesma maneira. Os dados quantitativos e os quatro indicadores usados para análise do nosso *corpus* - menção da situação de conflito no Oriente Médio, referência ao povo muçulmano, aprofundamento da perspectiva francesa e aprofundamento da perspectiva muçulmana - nos levam à constatação de uma frequente simplificação e uso de uma lógica emocional ao abordar a temática do terrorismo, com pouca contextualização histórica, econômica, política e social.

Ao aprofundar nossa análise no aspecto qualitativo, no entanto, foi possível perceber que nos textos onde houve maior preocupação contextual e em profundidade, o desenvolvimento de uma perspectiva de alteridade e sensibilidade em relação ao povo muçulmano se deu com êxito. Em textos de muitos dos gêneros jornalísticos presentes na cobertura da *Folha*, houve espaço para fontes de origem árabe-muçulmana, e para contrapontos contundentes de possíveis relações entre o Islã e o terrorismo. Outro ponto positivo observado foi que, apesar de a maior parte dos textos não explicitar uma preocupação com a quebra dos estereótipos existentes quanto aos muçulmanos, há poucas matérias onde se reforça explicitamente tais estereótipos.

Os exemplos positivos apontados ao longo da análise coincidem com a ideia defendida por Lago (2014), sobre a necessidade de uma visão interdisciplinar do jornalismo, para que se atinja resultados mais fiéis à complexidade dos fatos narrados. Para a autora, esse entendimento

interdisciplinar do mundo torna mais natural para o repórter o desenvolvimento de uma perspectiva de alteridade e sensibilidade em relação a realidades que ele não conhece tão bem.

Nos textos da cobertura da *Folha* que cumprem com a missão do jornalismo, de apresentar diversos pontos de vista ao leitor, tratando os acontecimentos em todo seu contexto e complexidade, é perceptível um esforço grande da parte dos repórteres para abordar pontos que raramente são tocados nesse tipo de cobertura. Entre os obstáculos encontrados pelo jornalista para acolher a diferença e situar uma visão plural em sua narrativa, está a vinculação que ele tem às grandes estruturas sociais já estabelecidas, e também às estruturas, hierarquias, pressões, padrões e prazos presentes nas relações de trabalho do veículo onde o repórter atua (FRANCISCATO, 2005).

Embora se defenda frequentemente uma noção de neutralidade no exercício do jornalismo, as experiências prévias daquele profissional, além das estruturas supracitadas, sempre são influências para o resultado final da produção jornalística. Outro ponto que explica essa dificuldade de se estabelecer uma neutralidade é destacado por Gomis (2004), que lembra que a maior parte dos conceitos que carregamos sobre o mundo dizem respeito a coisas que não conhecemos, pois estas ocorrem em ambientes dos quais não fazemos parte. Ao produzir narrativas sobre aquilo que não se conhece, é evidente que o desafio do jornalista é muito maior.

Cria-se, nesse sentido, o que Lippmann (2008) chama de *pseudoambiente*: um ambiente imaginário, baseado em nossas impressões, que entendemos como real. As consequências de tais impressões, porém, acontecem na realidade dos fatos, o que serve de alerta para a cautela que devemos ter ao tratar de realidades que não conhecemos. Esse pseudoambiente é reforçado por uma série de padrões normativos da produção jornalística (TRAQUINA, 1999), que acabam por habituar o leitor com um determinado formato de texto - que busca trazer fatos complexos ao conhecimento do público com uma linguagem inteligível - e faz com que ele acredite que tem mais domínio do assunto do que de fato poderia ter, já que, a exemplo do terrorismo, são acontecimentos geográfica e culturalmente distantes do público-leitor brasileiro.

Podemos constatar que o leitor da *Folha* encontra, em muitas de suas páginas, um reforço da diferença em relação ao outro - diferença essa que ele abraça, como parte do processo de construção identitária. O reconhecimento da diferença, daquilo que não sou, é apontado por Hall (2006), Bauman (2012), Woodward (2000) e Kellner (2001) como um elemento importante para a criação de um sentido de pertencimento a determinado grupo. O reforço dessa diferença se dá ainda seguindo a lógica discursiva orientalista apontada por Said (2015) de exterioridade: se observa o oriental de fora, falando por ele ao invés de deixá-lo falar por si; e seguindo também um padrão etnocêntrico que faz com que tenhamos nossa cultura como ponto

de referência para definir os comportamentos, hábitos e relações que consideramos corretos (LARAIA, 2009).

No início do processo de pesquisa que deu origem a este trabalho, minhas expectativas em relação aos resultados eram diferentes. Por notar empiricamente, no contato cotidiano com a produção jornalística sobre atentados terroristas - cada vez mais frequentes -, uma representação por vezes estigmatizada do povo muçulmano, imaginei que ao desenvolver uma análise aprofundada de uma determinada cobertura, encontraria aquilo que já supunha ser verdade. Felizmente, não foi o que aconteceu. Na reportagem, gênero jornalístico essencial para o desenvolvimento de uma perspectiva mais aprofundada de qualquer assunto que seja, alguns jornalistas da *Folha* deram atenção especial à preocupação com a quebra de paradigmas culturais e com o entendimento mais amplo da situação a partir da contextualização histórica, política e econômica, e não apenas com o reforço da atmosfera emocional gerada pelos atentados.

Um dos desafios encontrados na exposição dos resultados dessa pesquisa tem relação com o cuidado necessário ao tratar da temática estudada. Ao ressaltar a necessidade de uma abordagem sensível e respeitosa a culturas distantes de nós e daqueles que nos leem, devemos também ser sensíveis e cautelosos em nossos apontamentos - para não cairmos, também, em concepções simplificadas da questão. Foi desafiador, também, entender as problemáticas existentes na produção jornalística sobre atentados terroristas, que aparecem de formas tão sutis nos textos estudados.

Neste sentido, acredito que o desenvolvimento do presente trabalho contribui amplamente para minha formação como jornalista, uma vez que me ajudou a entender o caráter essencialmente humano da profissão. Uma vez que eu estiver graduada e inserida no mercado de trabalho, na pesquisa acadêmica ou mesmo envolvida em questionamentos cotidianos do conteúdo publicado pela imprensa, é de extrema importância que eu possa reconhecer os tantos elementos estudados nesse trabalho, que guiam a atividade jornalística: as relações de poder presentes no exercício profissional; a influência da cultura em nossa forma de enxergar o mundo; a responsabilidade do jornalista na formação do senso crítico da população; e a relação do jornalista com contextos humanos maiores do que ele, que exigem noções de sensibilidade e alteridade.

Desde o início da minha experiência na universidade, acredito no senso de justiça, no papel político e social do jornalismo. Estudar a representação de um povo estigmatizado, vulnerável e violentado historicamente - no contexto de uma situação tão problemática e delicada como a ação de facções terroristas que se apropriam de uma religião milenar para

justificar seus atos - me ajudou a compreender o caráter absolutamente complexo dos acontecimentos narrados pelo jornalismo. Nesse sentido, considero, ao final deste trabalho, ainda mais importante a formação interdisciplinar do jornalista, a continuidade de seu desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional, e o contato constante com realidades distintas daquelas de seu dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Mathias. Terroristas visaram a cidade multicultural de Amélie: Historicamente, o leste de Paris foi bastião de resistência progressista. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 15 nov. 2015. Especial, p. 7.

ARAÚJO, Luiz Antônio. **Paisagens obsessivas: O discurso orientalista nas revistas semanais de informação brasileiras**. 2013. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

AZEVEDO, Reinaldo. Islamofobia uma ova! **Folha de S.Paulo**. São Paulo, p. A8. 20 nov. 2015.

BADIE, Bertrand; BOLDRINI, Angela; SCERB, Philippe. “Intervencionismo francês põe país na mira de extremistas”. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, p. A16. 16 nov. 2015.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. **Após 15 anos de guerra e restrições, EUA ainda temem atentado como 11/9**. 2016. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/09/1812204-apos-15-anos-de-guerra-e-restricoes-eua-ainda-temem-atentado-como-119.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

BALTA, Paul. **Islã**. Porto Alegre: L&PM, p. 52-57, 2010. Tradução de William Lagos.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Tradução de Carlos Alberto Medeiros.

BERCITO, Diogo. Europa tem desafio de conter escalada da radicalização on-line. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 21 nov. 2015. Mundo, p. A11.

_____. Gênese do mal. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 16 nov. 2015. Mundo, p. A12.

_____. Massacre faz Europa reforçar sua segurança. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 15 nov. 2015. Especial, p. 5.

_____. Radicais belgas atraem com assistencialismo, diz analista. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 18 nov. 2015. Mundo, p. A11.

BRUCKNER, Pascal; NEVES, Lucas. “É necessário que o pensamento islâmico chegue ao

Renascimento”. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, p. A14. 18 nov. 2015.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDOSO, Cíntia. Hollande declara emergência e fecha fronteiras da França. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 nov. 2015. Especial, p. 4.

_____. Paris teme queda do turismo no final do ano. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 20 nov. 2015. Mundo, p. A12.

_____. Vítimas são um retrato da vida noturna de Paris. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 16 nov. 2015. Mundo, p. A10.

CASTRO, Isabelle Christine Somma. **Orientalismo na imprensa brasileira**: a representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001. 2007. 174 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COLON, Leandro. Cidade mais islâmica da França vive dias de desconfiança. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 22 nov. 2015. Mundo, p. A16.

_____. EI reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 15 nov. 2015. Especial, p. 2.

_____. França e Rússia se unem contra Estado Islâmico na Síria. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 18 nov. 2015. Mundo, p. A10.

_____. Guerra | Luto. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 15 nov. 2015. Especial, p. 8.

CONHEÇA a Folha de S.Paulo. Folha de S.Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em: 26 jun. 2017.

CUNHA, Joana. Judeus franceses dizem que pretendem ir para Israel. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 nov. 2015. Mundo, p. A16.

ESPINDOLA, Polianne Merie. **O estereótipo na comunicação**: uma análise em documentários sobre terrorismo islâmico. 2013. 211 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013

FOLHA DE S.PAULO. O Horror. São Paulo, 14 nov. 2015. Especial, p. 6.

FONSECA-SOURANDER, Letícia. Bairro de maioria islâmica em Bruxelas se torna alvo de

buscas. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 16 nov. 2015. Mundo, p. A9.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005 “Contornos do jornalismo contemporâneo”, p. 164 a 173.

FREIRE, Vinicius Torres. Agitada e atenta, Paris tenta retomar vida. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 17 nov. 2015. Mundo, p. A10.

_____. Debate sobre poder policial do Estado ganha força. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 18 nov. 2015. Mundo, p. A12.

_____. Saint-Denis concentra imigrantes e pobreza pós-apogeu industrial. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 nov. 2015. Mundo, p. A14.

GIELOW, Igor. Rússia já considera uso de tropas terrestres na Síria. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 nov. 2015. Mundo, p. A18.

FUNDAMENTAL Rights Report 2016 – European Union Agency for Fundamental Rights. Disponível em: <<http://fra.europa.eu/en/publications-and-resources/publications/annual-reports/fundamental-rights-2016#racism>>. Acesso em 27 jun. 2017.

GOMIS, Lorenzo. **Os interessados produzem e fornecem os fatos**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. V. 1, N. 1. Florianópolis: UFSC, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HISTÓRIA da Folha. Folha de S.Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/historia_60.htm>. Acesso em: 26 jun. 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001. Tradução de Ivone Castilho Benedetti.

LAGO, Cláudia. **Ensinaamentos antropológicos**: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. *Brazilian Journalism Research*. Vol. 10, Nº 2/. Brasília: SBPJOR, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de Jacques A. Wainberg.

MARTINS, Marco Antônio. Atentados já afetam Olimpíada de 2016. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 nov. 2015. Mundo, p. A13.

MCEWAN, Ian. Os altares do bulevar Voltaire: Não há lugar para o cinismo aqui. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 nov. 2015. Ilustríssima, p. 10.

MEDINA, Jorge L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão, **Revista Simposim**,

Pernambuco, ano 5, n. 1, 2001.

MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MELLO, Patrícia Campos. Atentado pode ser retaliação a ataque na Síria, diz analista. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 nov. 2015. Especial, p. 4.

_____. Chefe do EI lidera com violência e assistencialismo. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 22 nov. 2015. Mundo, p. A15.

_____. Estado Islâmico S/A. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 20 nov. 2015. Mundo, p. A13.

MONTENEGRO, Silvia M. Discursos e contradiscursos: O olhar da mídia sobre o islã no Brasil. *Mana* [online]. 2002, vol.8, n.1, pp.63-91.

MOUBAYED, Sami; MELLO, Patrícia Campos. Estado Islâmico usa franquias autônomas para espalhar terror: Para analista, facção terrorista aumenta poder de fogo sem precisar dar dinheiro ou ordens a extremistas que se inspiram na matriz. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, p. A14. 23 nov. 2015.

NEVES, Lucas. Alvos são locais favoritos de parisienses. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 nov. 2015. Especial, p. 5.

_____. Armas e spray de pimenta entram na lista de compra de parisienses. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 nov. 2015. Mundo, p. A16.

_____. Em minutos, noite vai da perplexidade ao horror em Paris. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 15 nov. 2015. Especial, p. 6.

_____. Para jovens alvo de terroristas, atentados mudaram preocupações. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 23 nov. 2015. Mundo, p. A12.

NOVO Manual da Redação. Folha de S.Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introducao.htm>. Acesso em: 26 jun. 2017.

PAIERO, Denise Christine. **Mídia e terror: a construção da imagem do terrorismo no jornalismo**. 2012. 259 f. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PERFIL do leitor. Folha de S.Paulo. FGV DPDOC. Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml>.

POR QUE os EUA ainda vivem em estado de emergência nacional 15 anos após o 11 de setembro. 2016. BBC. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37327029>>.

Acesso em: 26 jun. 2017.

PORTO, César Henrique de Queiroz. **Uma reflexão do islã na mídia brasileira:** Televisão e mundo muçulmano, 2001 - 2002. 2012. 374 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PRADO, José Luiz Aidar. **Linhas de Fuga, da Mídia Semanal à Hipermídia:** é possível educar para as mídias? Intexto. Vol. 2, Nº 15. Porto Alegre, 2006.

RUTHVEN, Malise. **Islam:** A very short introduction. Oxford: Oxford University Press, p. 1-19, 2000.

SAID, Edward. **Covering Islam:** How the media and the experts determine how we see the rest of the world. Nova York: Vintage Books, 1997

_____. **A Questão da Palestina.** São Paulo: Unesp, 2012.

_____. **Orientalismo:** O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Tradução de Rosaura Eichenberg.

SILVA, Carla Luciana. **Veja e a cobertura do “11 de setembro”:** a legitimação da guerra imperialista. São Paulo, 2005.

SOUZA, Luciana Barcelos; GURGEL, Adriana Facina. Imagens do outro: O orientalismo na mídia de massa. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2006, Rio de Janeiro. **Artigo.** Rio de Janeiro: Anpuh. p. 1 – 11, 2006.

TERUEL, Ana. **Atos de islamofobia triplicam na França em 2015.** 2016. El País.

Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/internacional/1451510403_463522.html>. Acesso em: 16 abr. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **As Notícias.** In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. 2. ed. Lisboa: Vega, p. 167-176, 1999.

TRINDADE, Carolina Carvalho. **Terrorismo no telejornal:** Os sentidos construídos pelo Jornal Nacional sobre o ato de terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris em novembro de 2015. 2016. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, p. 7-25, 2000.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: O conceito por trás da expressão. **Revista Famecos: Mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, v. 21, n. 3, p.1-25, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1: reportagem *Hollande declara emergência e fecha fronteiras da França*; reportagem *Atentado pode ser retaliação a ataque na Síria, diz analista*.

ANEXO 2: reportagem *Alvos são locais favoritos de parisienses*

ANEXO 3: reportagem *O Horror*

ANEXO 4: reportagem *EI reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra*

ANEXO 5: reportagem *Indícios apontam para estrangeiros em ação coordenada*; reportagem *EUA e Rússia dão passos para a transição na Síria*

ANEXO 6: reportagem *Massacre faz Europa reforçar sua segurança*

ANEXO 7: reportagem *Em minutos, noite vai da perplexidade ao horror em Paris*

ANEXO 8: reportagem *Guerra | Luto*

ANEXO 9: reportagem *Terrorista era reservado e gostava de jogar futebol*; reportagem *Bairro de maioria islâmica em Bruxelas se torna alvo de buscas*

ANEXO 10: reportagem *Vítimas são um retrato da vida noturna de Paris*

ANEXO 11 – reportagem *Gênese do mal*

ANEXO 12: reportagem *Agitada e atenta, Paris tenta retomar vida*

ANEXO 13: reportagem *Ex-militar do Iraque ajudou a estruturar EI*

ANEXO 14: reportagem *França e Rússia se unem contra Estado Islâmico na Síria*

ANEXO 15: reportagem *Radicais belgas atraem com assistencialismo, diz analista*

ANEXO 16: reportagem *Atentados já afetam Olimpíada de 2016*

ANEXO 17: reportagem *Com 5.000 tiros, polícia francesa diz ter evitado novo atentado*; reportagem *Saint-Denis concentra imigrantes e pobreza pós-apogeu industrial*

ANEXO 18: reportagem *Armas e spray de pimenta entram na lista de compra de parisienses*;

reportagem *Judeus franceses dizem que pretendem ir para Israel*

ANEXO 19: reportagem *Rússia já considera uso de tropas terrestres na Síria*

ANEXO 20: reportagem *Paris teme queda do turismo no final de ano*

ANEXO 21: reportagem *Estado Islâmico S/A*

ANEXO 22: reportagem *Câmara dos EUA endurece entrada de sírios*

ANEXO 23: reportagem *UE vai aumentar controle de fronteiras*

ANEXO 24: reportagem *Europa tem desafio de conter escalada da radicalização on-line*

ANEXO 25: reportagem *Chefe do EI lidera com violência e assistencialismo*

ANEXO 26: reportagem *Cidade mais islâmica da França vive dias de desconfiança*

ANEXO 27: reportagem *Para jovens alvo de terroristas, atentados mudaram preocupações*

ANEXO 1: reportagem *Hollande declara emergência e fecha fronteiras da França*; reportagem *atentado pode ser retaliação a ataque na Síria*, diz analista

4 especial ★ ★ ★ SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

“Ouvimos as bombas, mas ninguém fez nada, e eu achei que estava sendo paranoica. Quando terminou o jogo, descobrimos a gravidade da situação. As pessoas no estádio correram para o gramado, a estação de trem estava lotada, um caos”

CAMILA GOMES, 31, jornalista brasileira que estava no Stade de France

“Cheguei em casa, ouvi um barulho, não sabia se era tiro ou bomba. Em seguida muitas sirenes e uma amiga mandou mensagem dizendo que teve ataque no 10º e no 11º distritos. É bem assustador.”

TAMIRIS MORAES, 23, estudante da Sorbonne



O presidente da França, François Hollande, recebe um telefone durante o primeiro tempo do jogo entre França e Alemanha; ao ser avisado sobre os ataques, deixou o Stade de France

Hollande declara emergência e fecha fronteiras da França

Presidente diz que ataques são horror ‘sem precedente’ e afirma haver operações em curso contra suspeitos

Prefeitura e polícia pedem que moradores permaneçam em casa; TVs locais retratam perplexidade e tensão

CÍNTIA CARDOSO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

Depois dos ataques que deixaram dezenas de mortos em Paris, o presidente da França, François Hollande, anunciou “estado de emergência” em todo o país.

Segundo o chefe de Estado francês, a decisão é uma resposta a “ataques terroristas sem precedentes”.

A medida significa o fechamento das fronteiras, poderes especiais para a polícia realizar investigações e operações de busca e limitação da circulação em pontos determinados pelas autoridades em toda a França.

De acordo com o presidente, “o fechamento das fronteiras foi decidido para que as pessoas que cometeram esse crime possam ser detidas”. “Sabemos de onde veio esse ataque. Temos que mostrar compaixão e solidariedade, mas temos também que mostrar união”, disse Hollande.

Em um pronunciamento de cinco minutos com a voz algo trêmula pouco antes da meia-noite (2h em Brasília), o presidente francês disse que os atentados desta sexta (13) foram “um horror”, mas que a França não se deixaria intimidar.

“Frente ao terror, a força tem que ser grande e as autoridades do Estado têm que ser firmes”. Antes de encerrar seu breve discurso, Hollande ressaltou: “Sabemos quem são os criminosos e quem são

esses terroristas” e acrescentou que “operações delicadas” contra o terrorismo ainda estavam em andamento. Antecipando-se às medidas do estado de emergência anunciado pelo presidente, a Prefeitura de Paris pediu que os moradores da capital permanecessem em casa na noite de ontem.

A mesma recomendação foi feita pelo alto comando da polícia parisiense.

FRANÇA EM GUERRA
O estado de emergência no país foi interpretado pela mídia francesa como um declaração de guerra.

A imprensa também destacou que os ataques desta sexta-feira aumentam a preocupação com a segurança da COP21, Conferência Mundial sobre o Clima, que acontece

MEDIDAS DE SEGURANÇA

ESTADO DE EMERGÊNCIA
Regime de exceção declarado quando há “perigo iminente devido a ameaças graves à ordem pública”. Surgiu em 1955, durante a Guerra da Argélia. Dura até 12 dias. O último foi decretado em 2005, por Jacques Chirac, durante onda de violência na periferia de Paris.

CONTROLE DAS FRONTEIRAS

Restabelece, em diferentes graus, a fiscalização costeira nos 26 países que ratificaram o acordo de Schengen. É previsto quando há “ameaça grave à ordem pública e à segurança interna”, por 30 dias no máximo.

entre os dias 30 de novembro e 11 de dezembro na cidade.

A reunião de cúpula pretende reunir 40 mil participantes de 196 países.

As 23h no horário local (20h em Brasília), o clima ainda era de perplexidade com a dimensão dos ataques. As redes sociais se tornaram os principais canais de informação —em tempo real— da ação dos criminosos.

Em entrevista ao site do jornal “Le Figaro”, um espectador que assistia a um concerto na casa de show Bataclan declarou ter visto dois homens armados e vestidos “normalmente” entrarem e atirarem no salão.

Ao canal de televisão BFM, uma testemunha presente no mesmo local disse que um dos atiradores gritou: “É pela Síria!”, referindo-se à guerra de quatro anos no país árabe na qual a França apóia as forças americanas, antes de disparar contra a plateia.

Pelo Twitter, fotos dos pontos atingidos pelos ataques foram partilhadas por internautas. É, a exemplo da hashtag #jesuisCharlie lançada após o atentado contra a redação do jornal satírico Charlie Hebdo, em janeiro deste ano, a hashtag #PrayForParis (ore por Paris) começou a circular durante a noite.

Por medida de segurança, por volta de meia-noite e meia, hora local, as televisões interromperam as transmissões ao vivo dos arredores da casa de shows Bataclan, que pouco depois seria invadida pela polícia.

Durante os ataques de janeiro, alguns canais foram duramente criticados pelas autoridades francesas por se mearem em pânico e atrapalharem a ação policial.



Casal se abraça enquanto espera deixar o Stade de France



Amigos se emocionam após serem retirados da Bataclan



Policial faz guarda ao lado do consulado da França em NY

Atentado pode ser retaliação a ataque na Síria, diz analista

DE SÃO PAULO

Quatro dias atrás, caças franceses destruíram um centro de distribuição de petróleo do Estado Islâmico na Síria, perto da cidade de Deir ez-Zor. Para analistas, os ataques terroristas em Paris podem ser retaliação de extremistas islâmicos contra os bombardeios franceses na Síria.

A França entrou na coalizão que combate o EI no fim de 2014, mas só começou a fazer bombardeios aéreos contra os islamistas na Síria em 27 de setembro passado.

“O petróleo é importante fonte de renda do EI, pode ter sido retaliação aos ataques franceses”, diz Henri Ozi Cukier, professor de relações internacionais da ESPM. “Houve uma grande escalada nos ataques da coalizão contra o EI nos últimos dias.”

Até o início da noite desta sexta (13), nenhuma facção terrorista havia reivindicado os ataques de Paris.

No fim de setembro, caças franceses destruíram um centro de treinamento do EI no leste da Síria.

Até então, a França só havia atacado alvos no Iraque —e, mesmo assim, respondiam por apenas 3% do total de bombardeios da coalizão contra os islamistas.

A França atacou um campo de treinamento do Estado Islâmico na Síria porque era ameaça à nossa segurança”, disse o presidente François Hollande, após reunião na ONU, no fim de setembro.

A coalizão e os EUA, em especial, intensificaram os ataques contra o EI nos últimos dias, tanto na Síria como no Iraque. Eles auxiliaram as milícias curdas que retomaram nesta sexta (13) a cidade de Sinjar, que estava em poder dos islamistas há 18 meses.

Em 31 de outubro, um avião da russa Metrojet caiu no Egito com 224 pessoas a bordo, depois de explosão. O EI disse ter sido autor de atentado que levou à explosão, reivindicando não confirmada. Quatro dias atrás, o premiê russo, Dmitri Medvedev, admitiu que o avião pode ter sido alvo de “ato terrorista”. (PATRÍCIA CAMPOS MELLO)

ANEXO 2: reportagem *Alvos são locais favoritos de parisienses*

FOLHA DE S. PAULO

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO DE 2015 ★ ★ ★ especial 5

PARIS SOB ATAQUE

“Esta noite, mais uma vez a França está em luto pelo ódio e pela violência de terroristas. A Assembleia Nacional exprime sua solidariedade

Comunicado assinado por quase todos os líderes de grupos da Assembleia

“Estou profundamente chocado com os acontecimentos em Paris. Nós somos totalmente solidários ao povo francês

JEAN-CLAUDE JUNCKER, presidente da Comissão Europeia

Alvos são locais favoritos de parisienses

Atentado ocorreu em área entre Belleville e a place de la République, onde jovens de Paris saem para noitadas

Clima era de tensão em meio a cordões de isolamento; amigos que estavam em casa de shows narram drama

LUCAS NEVES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

Nas primeiras horas após a série de tiroteios em Paris na sexta (13), a região em torno de dois dos locais que foram alvo de ataques era tomada por cordões de isolamento, policiais, ambulâncias e militares fortemente armados. Ao menos 5 das 14 linhas de metrô da cidade foram fechadas temporariamente.

Alguns se agrupavam em bares, diante de televisores ligados em canais de notícias. Outros buscavam informações no celular, com interlocutores ou em redes sociais.

Pessoas que tentavam voltar para casa ou saber de parentes e amigos situados na região da avenida Parmentier (11º distrito) e ao sul desta, eram barreadas e interpeladas com aspereza pela polícia.

“Pare! Pare! Saia daqui!”, ordenou aos berros um agente a um homem numa bicicleta. Os paulistas Mônica Lima, 50, advogada, e João Pedro Lima, 20, estudante, estavam na região e encontraram dificuldades para voltar ao hotel, na região da Bastilha. Por cerca de duas horas e 30 minutos, ficaram refugiados em um restaurante brasileiro.

“Tivemos dificuldades em conseguir táxi. Estavam todos lotados”, conta Mônica. A área é uma das mais badaladas da cidade, ponto de encontro da juventude “inoderminha”. É nesse eixo, entre a place de la République e o bairro boêmio de Belleville, a leste dos grandes pontos turísticos, que os parisienses de fato fazem noitadas.

O restaurante cambajano que foi cenário de um dos ataques é um dos hot spots da turma dita “hipster”. O Bataclan, casa de shows onde também houve tiroteio e que estava com lotação esgotada, é outro lugar que atrai parisienses jovens e alternativos.

Os franceses Gregoire, 44, Thomas, 40, e Nicolas, 38, es-



Corpos são cobertos do lado de fora de restaurante que foi alvo de ataques na noite desta sexta-feira (13), em Paris



Equipes de resgate trabalham após ataque a tiros em restaurante de Paris; corpo de vítima é visto entre mesas do local

NO ESTÁDIO

‘Saí com as mãos para o alto’, diz brasileiro após amistoso

DE SÃO PAULO

Dois brasileiros que estavam no Stade de France, em Paris, dizem ter ouvido as bombas que atingiram duas lanchonetes nos arredores durante o amistoso entre França e Alemanha.

Segundo a polícia, os estabelecimentos foram atacados às 22h16 locais (19h16 em Brasília), aos 16 minutos do primeiro tempo da partida.

“Ouvi as bombas, mas ninguém fez nada e eu achei que estava sendo paranoica. Quando terminou o jogo, descobrimos a gravidade da situação”, disse a jornalista Camilla Gomes, 31.

O estudante João Pedro Lima, 21, que faz intercâmbio na capital francesa, disse ter achado estranho o barulho dos explosivos. “Eu achei o barulho mais alto que um rojão e estranhei. Mas as pessoas continuaram torcendo.”

Para os dois brasileiros, a

saída foi o momento mais complicado. Lima afirma que algumas pessoas já sabiam o que estava acontecendo e tentaram sair, mas foram impedidas pela polícia.

“Comecei a receber diversas mensagens. Até então eu não achava que era algo grande. O jogo seguiu normalmente”, disse o estudante.

“Faltando 15 minutos para o fim, a saída foi liberada, mas abriam só um portão. Os policiais observavam a todos pelo acesso. Saímos com as mãos para o alto.”

Já Camilla Gomes teve ainda outro contratempo. Sua casa fica perto de um dos restaurantes atacados no 10º distrito e o acesso foi fechado por policiais parisienses.

“Nunca passei tanto medo na vida. As pessoas dentro do estádio correram para o gramado, a estação de trem estava lotada, um caos. Estou tremendo até agora.” (AMAMI MARTINHO E CAROLINA LINHARES)



Vítima de ataque ao restaurante La Belle Equipe é atendida

ATAQUE AO LADO

Fotógrafo mora entre casa de show e sede do ‘Charlie Hebdo’

DE SÃO PAULO

O fotógrafo Fernando Pinheiro, 37, mora em Paris há 12 anos e nos últimos dez meses passou por dois atentados na porta de casa.

Seu apartamento fica entre a antiga sede do jornal satírico “Charlie Hebdo”, onde 12 pessoas foram mortas em janeiro, e a casa de shows Bataclan, alvo desta sexta (13).

“Ninguém esperava outro atentado no mesmo ano. E muito mais violento. Ainda mais em locais superboêmios”, disse o fotógrafo.

Ele estava em casa no momento do ataque e viu sua rua ser bloqueada e tomada por carros de polícia.

Ao ligar a TV, viu que se tratava de outro atentado na cidade. “Começou com uma rede de amigos se telefonando para saber se estavam bem. Foi como se [atentado ao] Charlie Hebdo.”

Pinheiro afirmou que ia ao

tavam dentro do Bataclan quando os ataques ocorreram. Ficaram entre duas e três horas escondidos na casa de show à espera de resgate. Gregoire e Thomas se refugiaram em um camarim, e Thomas, no topo do prédio. “Eram muitos corpos. Tentei não olhar, mas era impossível não ver. Até porque tivemos que passar pelos corpos até a saída”, diz Gregoire.

Uma jovem que estava descendo a rua que dá acesso ao restaurante cambajano para ir para casa disse à reportagem ter visto um homem atirar “centenas de vezes” de dentro de um carro, na direção do estabelecimento.

“Todo mundo se jogou no chão. Visete pessoas mortas”, disse ela, que não quis se identificar. Segundo a jovem, a polícia chegou ao local em menos de dez minutos.

A estudante de jornalismo Laura Wojcik, chegou aos arredores menos de uma hora depois do ocorrido e disse ter sido levada por policiais, com outras pessoas, a um ginásio na esquina da rua em que fica o restaurante. O local foi transformado em abrigo informal por alguns minutos.

Na avenida Parmentier, a menos de cem metros do cambajano, nove clientes e a proprietária de um restaurante polonês cuja fachada é de vidro se refugiaram durante quase duas horas na cave do estabelecimento, no subsolo.

“Meus parentes me ligaram quatro vezes para saber onde eu estava. Quando vimos no celular que o número de vítimas não parava de subir e que os atiradores ainda não tinham sido presos, resolvemos ir para um local mais protegido”, disse Karen Pignoux, 26, desempregada.

Por volta das 23h30, no horário francês, duas amigas de Orléans (França) tentavam voltar ao apartamento que alugaram para o fim de semana, perto do restaurante.

Souberam dos ataques ao fim de uma peça num teatro da place de la République, a poucos quarteirões. Foram escoltadas por policiais por boa parte do caminho, mas, a alguns metros de casa, eram impedidas de avançar por um cordão de isolamento.

Anne Sophie Chaisemartin/AP

Thibault Camu/AP

Philippe Wojazer/Reuters

CAROLINA LINHARES E LOÍSA NEGRÃO

ANEXO 3: reportagem *O Horror*

6 especial ★ ★ ★ SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

“A gente só escutava as pessoas gritando. Não pudemos ouvir os atiradores. Há uma dezena de pessoas no chão”

Garota que estava no Bataclan na hora do ataque

“Eram muitos corpos. Tentei não olhar, mas era impossível não ver, porque tive que passar pelos corpos até a saída”

GREGOIRE, 44, francês que estava na casa de shows



Parisienses assistem a resgate na casa de shows Bataclan depois de ataque

Christian Hartmann/Reuters

O HORROR

Ataque durante show de heavy metal deixa ao menos **150 mortos**; dos **quatro terroristas**, três **se mataram** com cinto explosivo

DE SÃO PAULO

A casa de espetáculos Bataclan recebia, na noite desta sexta (13), um show da banda de rock americana Eagles of Death Metal quando foi tomada por terroristas. O som do palco abafou os tiros no início do assalto, por volta das 22h (19h de Brasília), após outros ataques no mesmo 11º “arrondissement”, região boêmia no nordeste de Paris. Quatro terroristas morreram durante a ação policial que pôs fim ao cerco, no qual se estima que tenham morrido ao menos 150 pessoas. Segundo o chefe da polícia, três dos assassinos se mataram acionando cintos explosivos.

Alguns presentes conseguiram escapar da sala onde os reféns eram abatidos a tiros. Houve relatos, enviados pelas redes sociais durante o ataque, de que os espectadores estavam sendo mortos um a um dentro do Bataclan. Um jovem chamado Hervé, que fugiu da sala por uma saída de emergência, declarou ao jornal britânico “The Telegraph” que os terroristas chegaram “espalhando balas” no local, que acomoda até

1.500 pessoas de pé. Ele disse que os terroristas, armados com rifles de assalto Kalashnikov, não usavam máscaras, o que permitiu estimar sua idade entre 20 e 30 anos. Segundo entrevista dada por Clément, outro francês que fugiu do local, à rádio France Info, os primeiros tiros foram dirigidos ao teto e, em seguida, os terroristas começaram a atrair no público. Ao jornal “Libération” Anthony Quisiry disse que, “no começo, ninguém percebeu os tiros” porque a música seguia. “Depois houve uma confusão e todo o mundo deitou no chão. Acho que eram dois terroristas no tórax e um no braço.”

Frederic Nowak, que havia ido ao show com o filho de 23 anos, fez ao “Telegraph” um relato do que viveu no cerco. “O show tinha começado havia uma meia hora quando vi dois homens disparando contra a multidão com armas automáticas. Primeiro me escondi atrás de uma caixa de som. Eles atravaram selivamente, mesmo nas pessoas que já estavam no chão.” Nowak conta ter saído com dezenas de pessoas que fugi-

ram pelo teto, de onde avisaram um homem acenar de uma janela no prédio ao lado, pela qual eles entraram. “Ficamos ali até ouvirmos a polícia atacar o local.” É possível que os terroristas tenham sido os responsáveis, pouco antes, pelos ataques ao bar Le Cailillon e ao restaurante Le Petit Cambodge, na mesma vizinhança. Um posto de emergência médica foi montado num café para socorrer os feridos. Até a conclusão desta edição, era desconhecida a situação dos membros da banda Eagles of Death Metal e da equipe que os acompanhava em Paris.

No começo do mês, a organização do festival Lollapalooza havia confirmado a participação do grupo de metal na quinta edição brasileira do evento, em março de 2016.

‘CULPA DO PRESIDENTE’ Um dos sobreviventes do ataque relatou a um jornalista que “era tudo culpa de seu presidente”. Já uma jovem chamada Yasmin declarou à rede

BFMTV ter ouvido um dos terroristas dizer “O que vocês estão fazendo na Síria? Agora vão pagar por isso”. “Ele começou a atirar. Vi corpos caindo à minha volta. Eu levei um tiro no pé. Foi um massacre”, descreveu ela. O presidente François Hollande se dirigiu ao Bataclan depois de encerrada a ação policial. Ele estava acompanhado do primeiro-ministro, Manuel Valls, do ministro do Interior, Bernard Cazeneuve, e da ministra da Justiça, Christiane Taubira. Do lado de fora da casa de espetáculos, o presidente deu uma declaração às redes de comunicação francesas. Ele se disse chocado com os acontecimentos e agradeceu aos profissionais que participam da operação em Paris. “Quando os terroristas são capazes de tais atrocidades, eles precisam saber que terão diante deles uma França determinada”, disse.

O Bataclan fica a poucas quadras do “Charlie Hebdo”, semanal satírico que foi atacado por jihadistas em 7 de janeiro deste ano, num atentado, também a tiros, que deixou 12 mortos.

ESTILO CHINÊS SALA REMETE A ÓPERA E DATA DO SÉCULO 19

A sala de espetáculos, aberta em 1864, foi desenhada pelo arquiteto Charles Duval no estilo de templo oriental. Na ópera “Bataclan”, de Offenbach, de 1855, a trama se desenvolve na China. A palavra francesa significa bagunça e deu nome ao cabaré de Ilhéus em “Gabriela Cravo e Canela” (1958), de Jorge Amado.

ANÁLISE

Ataques mostram fracasso de esquema de segurança de Paris

IGOR GIELOW
DIRETOR DA SUCCURSAL DE BRASÍLIA

Poucos meses depois dos ataques contra o jornal satírico “Charlie Hebdo”, o terror voltou com força multiplicada a Paris. As características da ação, coordenada e envolvendo pelos primeiros relatos armamento pesado e explosivos, demonstra o fracasso do esquema de reforço no policiamento da capital francesa. Ao longo do ano, turistas

contornavam grupos de soldados do Exército com fuzis em frente a pontos sensíveis, como as sinagogas e lojas judaicas do tradicional bairro do Marais, além de todas as diversas atrações parisienses. Nesta sexta (13), uma das ações ocorreu justamente em um restaurante não distante da Redação do “Charlie”. Este texto é escrito sem confirmações de autoria, mas todos os sinais iniciais indicam o tipo de terrorismo que

emergiu com a Al Qaeda, a rede fundada por Osama bin Laden: coordenação, alvos que simbolizam o que o jihadismo vê como a decadência ocidental (restaurantes, boates, eventos de massa) e um senso de espetacularização da violência. Naturalmente, a pergunta central está sobre o envolvimento da facção Estado Islâmico, que domina porções consideráveis da Síria e do Iraque e que está sob fogo do

Ocidente e da Rússia. Até aqui, o grupo parecia mais inspirar do que efetivamente organizar ataques fora de seus domínios. Ao assumir como obra de um grupo afiliado seu a derubada de um Airbus russo sobre o Sinai, no fim de outubro, o EI assustou o mundo com a possibilidade de expandir seu terror para os chamados “soft targets”: turistas e indústria que eles movem, basicamente.

Assim como acontecia com a Al Qaeda, a dificuldade central de vigilância enfrentada pelos governos se dá pelo fato da horizontalidade desse tipo de ação. Qualquer maluco pode alegar ser egresso de uma “célula dormente” do EI, é fato, mas o que os ataques de Paris sugerem é algo completamente diferente. Tudo isso, claro, precisa passar pelo crivo de investigações que começaram há poucas horas. Mas parece

insinuar uma escalada que o Ocidente já viu antes, na esteira dos ataques do 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos.

A proximidade da COP-21, a reunião sobre o clima que levará diversos chefes de Estado a Paris, apenas agrava essa perspectiva.

Há algumas semanas, diplomatas franceses em Brasília comentavam sobre as medidas extremas de segurança que iriam ser tomadas para evitar ataques durante a reunião, que pareciam bem draconianas. Deverão ser duplicadas agora.

ANEXO 4: reportagem *El* reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra2 especial **★ ★ ★** DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO



PARIS SOB ATAQUE



Marca de tiro na vidraça do bar La Bonne Bière, no décimo distrito, um dos sete locais alvos de terroristas na noite de sexta-feira (13), em Paris; ataque a tiros deixou cinco mortos

El reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra

Facção terrorista que atua na Síria diz ter eleito Paris por 'obscenidade'

Governo francês informa que pelo menos 129 morreram na noite de sexta (13) e há 99 feridos graves

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

A facção terrorista Estado Islâmico (EI) reivindicou a autoria dos atentados simultâneos que deixaram ao menos 129 mortos na noite de sexta-feira (13) em Paris, considerados "ato de guerra" pelo presidente François Hollande.

Há ao menos 352 feridos, sendo 99 em estado grave, segundo a Procuradoria. Um arquiteto brasileiro que foi alvejado nas costas está entre eles, mas não corre risco de morte, informou o consulado brasileiro (leia texto ao lado).

Em pronunciamento em cadeia de TV, Hollande disse que os ataques foram "preparados e planejados" fora da França por extremistas ligados ao EI, que atua em territórios na Síria e no Iraque.

A França, disse o presidente francês, vai reagir à altura do que classificou de "guerra" em curso contra a facção. "A França será implacável em sua resposta ao Estado Islâmico", afirmou Hollande. "Foi um ato de absoluta barbaridade. A França é forte, e mesmo em luto, nada vai destruí-la", disse o presidente, que decretou estado de emergência e três dias de luto.

Comunicado atribuído ao Estado Islâmico afirma que os locais dos ataques — uma casa de shows, bares, restaurantes e arredores de um estádio de futebol — foram escolhidos cuidadosamente por seus membros. O texto chama Paris de "capital da prostituição e obscenidade".

O mesmo texto declara ainda que os atentados são uma resposta ao governo francês

pelo ataques aéreos em territórios ocupados pela milícia — desde o fim de setembro, a França tem participado da coalizão de ataques aéreos contra o EI na Síria.

Um bombardeiro francês destruiu, por exemplo, um centro de treinamento da facção no leste sírio.

POLÍTICA DE GUERRA

Em Damasco, o ditador Sírio, Bashar al-Assad, afirmou que a política no Oriente Médio de alguns países ocidentais, como a França, também é responsável pela expansão do terrorismo. "O que a França sofreu com o terrorismo selvagem é o que o povo sírio vem passando há cinco anos", afirmou, citando a guerra civil no país.

O governo francês atualizou o número de mortos nos atentados em relação aos 150 noticiados na sexta, quando as informações ainda eram imprecisas diante da grande quantidade de feridos.

A maioria das vítimas assistia a um espetáculo na casa de show Bataclan e foi tomada refém por três terroristas. A polícia invadiu o local e matou um deles — os outros dois se explodiram. Mais três terroristas se explodiram em outros dos seis pontos atacados na cidade.

As autoridades revelaram poucos detalhes sobre os autores (leia na pág. 4).

O episódio é o mais mortal em tempos de paz na França, e a maior tragédia na Europa desde os atentados de 2004 que mataram 191 em Madri.

Se confirmada, a ligação do EI revela que a facção partiu para uma escalada de retaliação. Na quinta (12), a milícia reivindicou o atentado que deixou mais de 40 mortos em Beirute, Líbano. Uma de suas afiliadas reivindicou ainda a recente queda de um avião comercial russo no Egito com 224 a bordo.



Soldados franceses reforçam segurança no aeroporto Charles de Gaulle, no norte de Paris

Brasileiros feridos em ataques se recuperam

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS DE CURITIBA DE SÃO PAULO DE NOVA YORK

Feridos em um dos ataques terroristas em Paris na noite de sexta (13), os brasileiros Gabriel Sepe, 29, e Camila Issa, 29, passaram por cirurgias e, neste sábado (14), já estavam fora de risco e em recuperação. Um outro brasileiro também se feriu, segundo o consulado em Paris, mas não chegou a ser hospitalizado.

Os dois jantavam com amigos no restaurante Le Petit Cambodge quando os terroristas começaram a disparar contra os clientes, por volta das 21h30 (18h30 em Brasília).

Sepe, que é arquiteto, levou três tiros nas costas e foi operado, mas estava consciente e estável na manhã de sábado (14), afirmou sua prima Adriana Sepe à **Folha**.

"Ele está fora de perigo, em recuperação", disse.

Uma das balas perfurou o pulmão direito de Sepe e já foi removida, segundo o professor da FAU-USP José Lira, que estava com os brasileiros no restaurante e tem acompanhado o caso do ex-aluno. "Ele já acordou e hoje [sábado] estava tranquilo, lúcido e confiante", disse Lira. Sepe, que também fraturou uma perna, deve ficar cerca de dez dias internado.

A psicóloga Camila foi atingida por estilhaços e por um tiro de raspão. Teve que ser submetida a uma cirurgia para recompor tecidos da mão esquerda e do seio.

Em relato à **Folha**, o irmão de Camila, Gabriel Issa, disse ter conversado com ela por volta das 14h30 (em Brasília) de sábado (14) e que ela passa bem, apesar da voz fraca. Morador de São Paulo e formado na USP, Sepe estava na Europa para apresentar um trabalho de arquitetura num congresso em Valencia (Espanha). Sua família é de São Carlos, no interior paulista. Ele se mudou ainda pequeno para São Paulo, onde trabalha em um escritório de arquitetura.

Os pais do rapaz, que ficaram sabendo do ataque por volta das 21h de sexta (13), viajaram no sábado a Paris. Segundo Adriana, uma tia de Sepe que vive em Londres já tinha ido para a capital francesa para acompanhar o sobrinho no hospital.

Camila é formada em psicologia pela PUC-SP e mora em Paris, onde cursa o segundo ano de mestrado na Unive-

risade Paris Diderot - Paris 7.

À mãe da psicóloga, Victória Mendes Gonçalves, 58, viajou neste sábado para Paris.

A família da psicóloga vive em São Paulo e tem ascendência árabe — eles são cristãos ortodoxos.

FAISCAS

Em seu perfil no Facebook, o professor José Lira relatou o momento do ataque.

"Estávamos numa mesa à calçada, o som da metralhadora muito próximo. Vi faiscas do outro lado da calçada. Juro que pensei que eram bombinhas de São João. Achei meio estranho as pessoas saírem correndo", escreveu. "Mas os tiros não paravam e começaram a atingir os pratos e as garrafas em toda parte."

Ele diz ter então buscado refúgio com amigos num supermercado vizinho. Dez minutos depois, a polícia chegou, e o grupo voltou à rua.

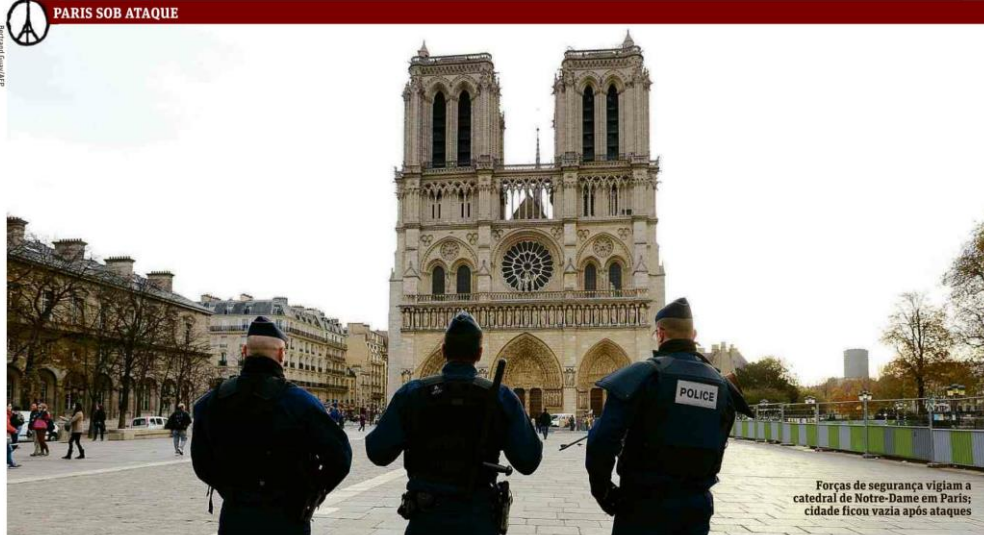
"Não sabia pra onde olhar, [havia] pessoas pelo chão, grupos de amigos consolando os seus feridos, pessoas chorando, algumas pessoas já mortas sozinhas, outras quase morrendo", descreveu.

(LUCAS NEVES, ESTELITA HASS CAZZALI, PHILIPPE SCERB, THAIS BILENKY)

ANEXO 5: reportagem *Indícios apontam para estrangeiros em ação coordenada*; reportagem *EUA e Rússia dão passos para a transição na Síria*

4 especial **PARIS SOB ATAQUE** DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S.PAULO



Forças de segurança vigiam a catedral de Notre-Dame em Paris; cidade ficou vazia após ataques

Indícios apontam para estrangeiros em ação coordenada

Ministério Público parisiense cita pelo menos sete terroristas, um deles de nacionalidade francesa

Para analista, novos métodos de ataque deverão mudar forma como a França vem combatendo terrorismo

CÍNTIA CARDOSO COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

Três equipes coordenadas de terroristas "muito provavelmente estão na origem da barbárie" que atingiu Paris, disse o procurador da Repú-

blica François Molins na noite de sábado (14). Quase 24 horas após a tragédia, Molins deu as primeiras pistas da identidade dos autores dos atentados de sexta (13) e seu modo de operar. Os sete terroristas estavam armados com o mesmo tipo de material bélico — metralhadoras Kalashnikov e explosivos "altamente voláteis". O objetivo era "fazer o máximo possível de vítimas". Três homens-bomba detonaram explosivos nos arredores do Stade de France, matando uma pessoa. Um agressor cometeu um atentado suicida em frente ao restaurante Comptoir Voltaire (11º distrito de Paris), deixando vários feridos, e outros três terroristas também usaram o mesmo método de ataque à casa de shows Bataclan.

Um dos indivíduos foi identificado pelas autoridades como o francês Ismael Mostefai, 29. Nascido nos arredores de Paris, foi incluído em 2010 na lista de suspeitos de radicalização islâmica. Segundo o jornal "Le Monde", esteve por pelo menos três meses na Síria entre 2013 e 2014. O terrorista morreu ao detonar um cinto de explosivos que levava consigo e foi identificado a partir de impressões digitais de um dedo. Na noite deste sábado, a polícia prendeu o pai e o irmão de Mostefai. Outro francês foi detido pela manhã na fronteira da França com a

Bélgica. Ele havia alugado um carro de placa belga que levou três dos terroristas até a casa de shows Bataclan. Quanto ao passaporte de um homem sírio nascido em 1990 encontrado ao lado do corpo de um dos terroristas do lado de fora do estádio, o procurador pediu cautela. O governo grego confirmou que as informações do passaporte correspondem a um homem registrado no arquivo no país em outubro. Durante a noite, as buscas continuavam pela cidade.

NOVA ESTRATÉGIA

Para Frédéric Gallois, comandante do Grupo de Operações Especiais da Polícia Francesa, os novos métodos dos terroristas farão a França mudar de estratégia. "O modo de operação dos terroristas já era conhecido. O fator surpresa era a data e o local desses ataques, algo difícil de descobrir", afirmou ele à **Folha**. "Daqui para frente, devemos adotar uma estratégia abrangente que inclua empresas privadas de segurança e a sociedade civil."

Em discurso neste sábado, o ex-presidente Nicolas Sarkozy falou em "guerra total" contra o terrorismo. "É nosso dever levar em consideração a gravidade extrema da situação. Nada poderá ser como antes. O terrorismo fez vítimas demais. Nossa política externa tem que considerar que estamos em guerra."

EUA e Rússia dão passos para a transição na Síria

Para conter guerra civil, ideia é processo sob supervisão da ONU; Assad participaria

THAIS BILENKY DE NOVA YORK

Após o passo que os presidentes da França e dos EUA reforçaram a aliança para combater o terrorismo após os ataques a Paris, diplomatas de ambos os países, da Rússia e outros sugeriram que a transição política na Síria comece em 2016 sob supervisão da ONU e com participação do ditador Bashar al-Assad. Em comunicado, a Casa Branca relatou que Barack Obama e François Hollande conversaram por telefone horas após os atentados e "se comprometeram a trabalhar juntos e com nações ao redor do mundo para derrotar o flagelo do terrorismo".

Em encontro neste sábado (14), em Viena, que já estava agendado antes dos ataques de sexta na França, para tratar do conflito na Síria, o grupo de representantes de 20 países reconheceu a urgência da transição política para conter a falta de estabilidade que tem levado à expansão de facções extremistas.

O envio da ONU à Síria, Staffan de Mistura, começará imediatamente a mediar o diálogo para definir quem estará nas negociações entre o governo do ditador Bashar al-Assad e a oposição a partir de 1º de janeiro.

No encontro, sugeriu-se que, assegurado um cessar-fogo, em seis meses, as partes deveriam elaborar uma nova Constituição que regeria eleições em 18 meses.

A participação do ditador sírio na transição é motivo de divergência, especialmente quanto a sua eventual candidatura. Os EUA, antes contrários a qualquer negociação com Assad, passaram a moderar exigências após a ofensiva militar russa no país.

"Fomos informados por nossos parceiros de que ele [Assad] está preparado para agir seriamente, para mandar uma delegação, para participar de uma negociação real", declarou o secretário de Estado americano, John Kerry, no encontro.

A Arábia Saudita apoia a transição desde que resulte na saída de Assad. Do contrário, defende sua retirada à força. Rússia e Irã rechaçam a interferência externa. "Para os russos, o que importa é a manutenção da estrutura do regime pró-Moscou", afirma Hussein Kalout, pesquisador da Universidade Harvard (EUA).

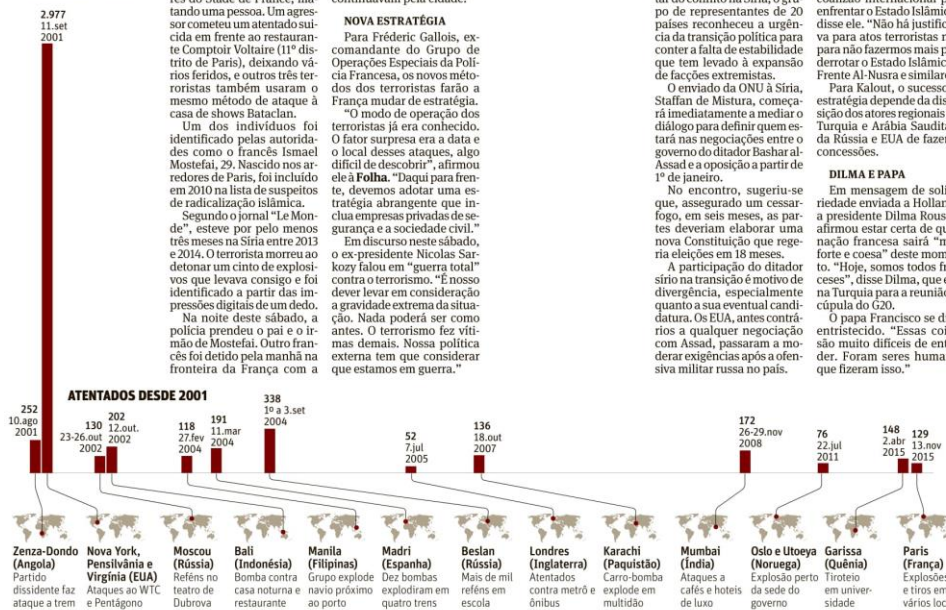
O chanceler russo, Serguei Lavrov, afirmou que esperava que a reunião permitisse avanços. "Sinto que há um reconhecimento crescente da necessidade de criar uma coalizão internacional para enfrentar o Estado Islâmico", disse ele. "Não há justificativa para atos terroristas nem para não fazermos mais para derrotar o Estado Islâmico, a Frente Al-Nusra e similares."

Para Kalout, o sucesso da estratégia depende da disposição dos atores regionais (Irã, Turquia e Arábia Saudita) e da Rússia e EUA de fazerem concessões.

DILMA E PAPA

Em mensagem de solidariedade enviada a Hollande, a presidente Dilma Rousseff afirmou estar certa de que a nação francesa sairá "mais forte e coesa" deste momento. "Hoje, somos todos franceses", disse Dilma, que está na Turquia para a reunião de cúpula do G20.

O papa Francisco se disse entristecido. "Essas coisas são muito difíceis de entender. Foram seres humanos que fizeram isso."



ANEXO 6: reportagem *Massacre faz Europa reforçar sua segurança*

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 2015

PARIS SOB ATAQUE



Série de motocicletas queimadas em rua próxima à casa de show Bataclan, alvo de ataque terrorista na sexta (13); não se sabe se ação está relacionada aos demais atentados em Paris

G20 divulga texto fraco sobre terror na capital francesa

CLÁVIS ROSSI
ENVIADO ESPECIAL ANATLYA
(TURQUIA)

Os negociadores do G20 fecharam neste sábado (14) uma declaração específica sobre terrorismo, mas seus termos enxutos nem sequer se aproximam da conexão provocada pelos atentados de Paris—que na sexta (13) atingiram sete locais da capital francesa e deixaram pelo menos 129 mortos e 352 feridos. Há apenas referências genéricas à necessidade de cooperação internacional para enfrentar o terrorismo, sem sugerir novos mecanismos.

É citado, em especial, um organismo já antigo, o Gafi (Grupo de Ação Financeira Internacional), que visa estrangular o financiamento do crime organizado e do terrorismo.

O documento sobre terrorismo será um texto separado da declaração final da cúpula do G20—o grupo de 19 grandes economias mundiais mais a União Europeia—, reunião que começa neste domingo, 15, em Antalya, no Mediterrâneo turco.

O documento preparado pelos negociadores será discutido no jantar que abre a cúpula, por proposta do anfitrião, o presidente Recep Tayyip Erdogan.

DISCUSSÃO EXISTENTE

Já estava previsto, antes dos eventos de Paris, um documento à parte, sempre por insistência de Erdogan, que levava em conta o maior atentado na história turca, ocorrido em outubro na capital, Ancara, com 97 mortos.

Os ataques a um segundo país-membro do G20, a França, só deram mais corpo a uma discussão que já estava em andamento. Os negociadores citam, também, a necessidade de combater as causas do terrorismo, mas não houve uma discussão aprofundada a respeito.

É possível que ela surja, no jantar dos líderes no domingo, mas não se espera que produza alguma ação específica de coordenação global para combater o terrorismo.

Como o próprio presidente Barack Obama admitiu neste sábado, 14, em seu pronunciamento, não são conhecidos ainda todos os detalhes do que ocorreu.

Em sendo assim, torna-se complicado tomar decisões sobre algo cujo formato total não está claro.

Sapatos abandonados em rua nas proximidades do Bataclan



Charles Platiau/Reuters

Peritos trabalham nos arredores do café Voltaire



Marius Becker/EPA/Efe

Homem deixa homenagem em restaurante atingido



Dominique Faget/AFP

Calçada do restaurante Le Petit Cambodge é limpa após ataques



Dominique Faget/AFP

Massacre faz Europa reforçar sua segurança

Reino Unido mantém nível de alerta; Polônia ameaça barrar refugiados

Atentados em Paris fazem espanhóis se lembrarem de ataques de 2004, vistos como retaliação por guerra

DIOGO BERCITO
EM MADRÍ

Entendido como ameaça à Europa, e não apenas à França, o massacre de Paris motivou uma série de medidas de segurança em todo o continente durante o sábado.

Se confirmada a linha que une o atentado à França com a queda do avião russo no deserto do Sinai, há duas semanas, terão sido dois grandes ataques a alvos europeus em um curto período.

O governo belga deteve diversas pessoas em Bruxelas que poderiam estar ligadas a um carro preto visto em Paris e supostamente utilizado no atentado. O veículo, alugado na Bélgica, estava próximo à sala de concertos Bataclan.

A Polônia, por sua vez, anunciou que não irá aceitar mais refugiados em seu território até que receba garantias—não especificadas, por enquanto— de segurança.

O país havia concordado com o programa europeu para realocar refugiados ao redor do bloco econômico. A medida é contestada pelo governo conservador que tomara posse na segunda-feira.

No Reino Unido, a polícia afirmou estar empenhada em impedir ataques ao solo britânico. O país mantém em um nível anterior ao máximo seu alerta contra ataques terroristas. Lá, em 2005, atentados ao transporte público deixaram 52 pessoas mortas.

Forças especiais foram posicionadas para monitorar locais públicos como estações de metrô e shoppings.

E a Alemanha anunciou que é possível haver conexão

entre um homem detido neste mês no país e os ataques a Paris. O suspeito foi preso com um carro cheio de explosivos.

Para o pesquisador francês Moussa Bourekba, do think tank espanhol Gidob, o ataque a Paris indica que a Europa "importa" conflitos do Oriente Médio onde está envolvida. "Estamos trazendo a guerra, o modus operandi."

"A regra, agora, é que não existe um 'risco zero'. Não podemos mais agir no Oriente Médio sem esperar uma resposta. Tudo está relacionado", afirma à **Folha**.

CALIFADO ESPANHOL

Na Espanha, as notícias do massacre de Paris foram recebidas com um temor particular. O país acompanhou o desenrolar da crise enquanto tuitava sobre os califados de al-Andalus—termo dado à parte da península Ibérica sob presença árabe. O nome é hoje usado pelo Estado Islâmico ao ameaçar o país.

O ataque contra Paris tem sido entendido, com as informações até agora disponíveis, como uma represália às ações francesas no Oriente Médio. O país bombardeia alvos na Síria, por exemplo.

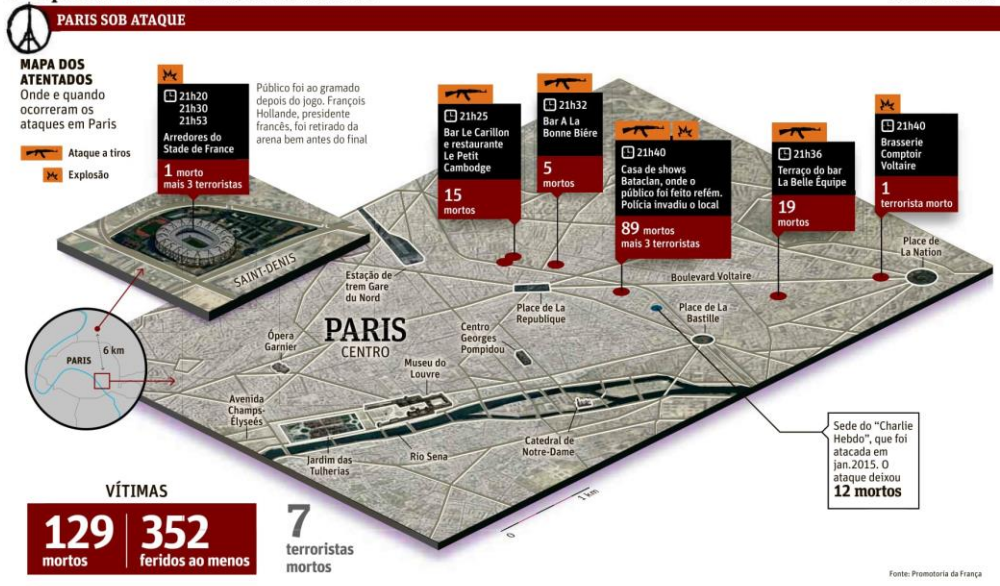
Não será um argumento estranho à Espanha. "Aqui, os atentados de 2004 foram relacionados ao papel de protagonismo que tivemos na guerra, como um castigo", diz à **Folha** Ignacio Álvarez-Ossorio, professor da Universidade de Alicante.

Em 11 de março de 2004, explosões contra trens espanhóis mataram 191 pessoas. Em Madri, o custo político foi alto. Nos dias seguintes, nas eleições, a direita—então no governo—foi punida nas urnas. José Luis Rodríguez Zapatero, de esquerda, venceu.

O fantasma da década passada é utilizado, no país, como argumento contrário às intervenções externas.

ANEXO 7: reportagem *Em minutos, noite vai da perplexidade ao horror em Paris*

6 especial ★★ ★ DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 2015 FOLHA DE S. PAULO



Em minutos, noite vai da perplexidade ao horror em Paris

Informações desencontradas e atentados múltiplos mergulham cidade em sua madrugada mais tensa

Brasileiros relatam como se esconderam de tiros e como buscaram entender o que ocorria em meio a medo e caos

LUCAS NEVES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

Às 21h20 de sexta-feira, 13 de novembro, no horário de Paris (18h20 de Brasília), quando a primeira explosão foi ouvida no Stade de France, em Saint-Denis (região metropolitana), três grupos de brasileiros jantavam ou passeavam em diferentes pontos da cidade, alheios aos acontecimentos.

Numa mesa na calçada diante do restaurante Le Petit Cambodge, no 10º distrito, uma turma de oito amigos, que incluía arquitetos, estudantes e psicanalistas, terminava de comer e aproveitava o "allegre, descontraído, juvenil" dessa região parisiense, nas palavras de um deles, o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP José Lira.

Um pouco a sul, nos arredores da praça da Bastilha (1º distrito), o estudante de administração e negócios João Pedro Lima, 20, se preparava para sair do hotel com a mãe, a advogada Monica Lima, 50, rumo à rua Oberkampf, que concentra bares, restaurantes e casas noturnas muito frequentadas pelos parisienses na mesma área.

Do outro lado do rio Sena, a fotógrafa brasileira Claudia Jaguaribe era a cicerone de um jantar para um grupo de cerca de 30 colegas de escritório vindos à cidade para uma grande feira de arte.

Às 21h25, o restaurante cambójano em que estavam os oito amigos foi alvejado por disparos de fuzil Kalachnikov disparados de dentro de um carro.

Quinze pessoas morreram. Na mesa brasileira, o arquiteto Gabriel Sepe, que viera à Europa apresentar um trabalho num congresso, levou três

tiros nas costas e, na confusão, feriu a perna.

Já a mestrande em psicanálise Camila Issa foi atingida por sete tiros de raspão, segundo Lira, que conseguiu se abrigar num supermercado vizinho e, dez minutos depois, ao ser resgatado do esconderijo por bombeiros e policiais, avistou os amigos no chão, ensangüentados.

ESTÁDIO

A essa altura, já tinham ocorrido pelo menos mais três episódios de violência: uma segunda explosão no entorno do Stade de France (onde logo seria achado o corpo de um terrorista); um tiroteio a três quadras do Le Petit Cambodge, no bar Bonne Bière (cinco mortos); e um ataque à bala na rua de Charonne, no 11º distrito (19 mortos).

A polícia começava a bloquear ruas e avenidas, os primeiros relatos pipocavam nas redes sociais e na TV, o metrô passou a não parar nas estações próximas aos locais visados pelos terroristas — provocando resmungos de usuários que não sabiam do ocorrido na superfície.

Daí em diante, a perplexidade e as informações desencontradas nas ruas, na mídia e nas redes sociais evoluíram juntas, em progresso geométrica. Por volta das 21h40, deu-se o ataque mais sangüinaro: três homens invadiram a casa de shows Bataclan (num grande boulevard do 11º distrito) atirando. Foram confirmadas 89 mortes no local até a noite deste sábado (14).

A notícia então passou a se espalhar como rastilho de pólvora, e boatos proliferaram. Há quem diga que os terroristas saíram do alto de Belleville (no 20º distrito, extremo leste da cidade) fazendo uma raia, com vítimas na praça da República, no grande centro comercial e de lazer Les Halles (no 3º distrito).

E até no Trocadéro, esplanada com vista privilegiada para a Torre Eiffel, do outro lado da cidade, os rumores dão conta também de que ha-

via quatro policiais mortos — no fim das contas, um policial de folga perdeu a vida.

MADRUGADA

O nervosismo dos agentes de segurança e das pessoas impedidas de circular ou simplesmente voltar para casa aumentava exponencialmente. Numa rua perto do Le Petit Cambodge, policiais buscam explosivos embaixo de carros estacionados.

A um quarteirão dali, ao se aproximar de um grupo de jovens transtornados, a reportagem é firmemente repelida. Isso é uma conversa de irmiões. Tire suas órelhas de perto. Não é o momento.

Restaurantes então fecharam as portas e, fosse o caso, levaram a clientela para caves e depósitos no subsolo.

Na internet, apareciam as primeiras hashtags de solidariedade: Portas Abertas, em que pessoas ofereceram suas casas para quem está sem rumo na rua, será usada mais de um milhão de vezes na madrugada, segundo o "Figaro".

Por volta das 22h30, a notícia chegava ao jantar da fotógrafa Claudia Jaguaribe.

O galerista Paulo Kassab mandou a um dos convivas uma mensagem de voz dizendo que estava no Petit Cambodge na hora do ataque e que se protegeu atrás do balcão. Ao levantar, deparou com vários corpos.

A fotógrafa Betina Samaia, que veio lançar um livro na feira Paris Photo (suspensa desde então), ficou no apartamento até 0h30. Ontem, dizia não saber se adiantava o voo de volta para o Brasil, previsto para quinta.

"É uma coisa horrível. Aeroporto é visado. A gente não sabe onde mora o perigo."

Também às 22h30, João Pedro Lima e sua mãe chegaram no bar brasileiro Barracão, na rua Oberkampf, de onde só conseguiriam sair às 2h.

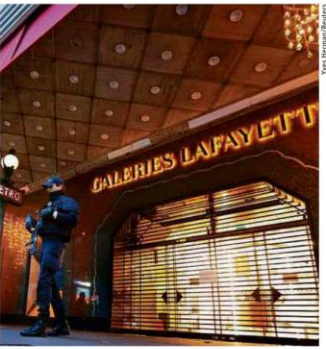
As portas do estabelecimento foram baixadas quando funcionários começaram a receber telefonemas de parentes contando o ocorrido.

O QUE FECHOU

- » Torre Eiffel
- » Catedral de Notre-dame
- » Museu do Louvre
- » Museu d'Orsay
- » Arco do Triunfo
- » Sainte Chapelle
- » Subprefeituras (à exceção dos 10º e 11º distritos)
- » Museu de l'Orangerie
- » Palácio de Versalhes
- » EuroDisney
- » Galeria Lafayette
- » Haussmann e Montparnasse
- » Instituto do Mundo Árabe
- » Centro Georges Pompidou
- » Hôtel des Invalides
- » Museu da Armada
- » Museu do Quary Branly
- » Parque Astérix
- » Lojas do grupo Kering (Gucci, Puma, Dior, Yves Saint Laurent)
- » Lojas H&M, Sephora, Printemps e Bon Marché
- » Piscinas públicas
- » Bibliotecas (incluindo a Biblioteca Nacional da França)
- » Cinemas
- » Feiras de rua
- » Suspensos eventos esportivos na região de Ile-de-France

O QUE ABRIU

- » Mesquitas e igrejas
- » Mercado de pulgas de St. Ouen
- » Aeroportos
- » Transporte (metrô, ônibus, trem e bondes)



De cima para baixo, Galeria Lafayette, Jardim das Tulherias e Torre Eiffel fechados

ANEXO 8: reportagem *Guerra / Luto*8 especial **★ ★ ★** DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO



PARIS SOB ATAQUE



Vídeo feito por jornalista francês mostra pessoas fugindo da casa de show Bataclan, em Paris, pela porta dos fundos e pelas janelas; terroristas fizeram reféns no local na sexta (13)

GUERRA | LUTO

Horas após ataques, Paris amanhece assustada e sob marcas de balas; poucos se arriscam a sair às ruas

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

Horas depois dos atentados de sexta-feira (13), a cidade de Paris amanheceu assustada, vazia e sob marcas de balas do terrorismo.

As janelas do restaurante Le Carillon estampam os buracos dos tiros dos ataques.

Para tentar apagar as manchas de sangue das vítimas, muita areia foi espalhada no chão da calçada do bar, um espaço de bebidas baratas e decoração despojada.

Na esquina em frente, o restaurante cambodjano Le Petit Cambodge, onde dois brasileiros foram feridos, recebeu flores e velas em homenagem aos mortos.

Os restaurantes, obviamente, estão fechados, sem previsão de abertura. Quinze pessoas perderam a vida ali.

Moradores da região se emocionam ao lembrar do horror. Logo pela manhã, o francês Jonathan, 27, e a sua companheira Charline, 26, foram ao local dos restaurantes abalados. Eles moram na rua de trás.

"Estava em casa na hora do ataque, ouvi dois tiros, acabou a luz e minutos depois ouvi uma sirene. Fiquei em

casa por segurança, porque comecei a acompanhar pelas redes sociais o que ocorria. É triste demais", conta Jonathan, que pediu para preservar o sobrenome.

Por volta das 22h (19h, horário de Brasília) do sábado, 24 horas depois dos ataques reivindicada, dezenas de pessoas ainda fazem vigília em frente ao La Belle Équipe, na rua de Charonne, onde 19 pessoas foram mortas por dois terroristas.

Um restaurante de comida japonesa ao lado esquerdo também guarda memória dos tiros, assim como a doceria à direita, marcada com dois buracos de bala.

O La Belle Équipe estava cheio na hora do ataque, como também o Le Carillon e o Le Petit Cambodge. A ação nesses lugares, sexta-feira à noite, horário de pico de frequência, revela que seus autores estudavam e conheciam seus alvos.

LUGARES FECHADOS

Lojas, museus, bibliotecas e algumas estações de metrô fecharam durante o dia. Poucas pessoas se arriscaram a sair pelas ruas, seguindo orientação das autoridades francesas. Ao mesmo tempo,



Homem presta homenagem no restaurante Le Carillon



Fila para doação de sangue em Paris neste sábado (14)

policiais estavam de prontidão nas principais esquinas e avenidas.

A polícia isolou a área da casa de show Bataclan, onde ao menos 80 pessoas foram mortas pelos terroristas. Somente peritos e investigadores têm acesso ao local.

A estudante Lola Dhers, 20, é um dos poucos que podem cruzar a barreira, por morar a poucos metros dali. Ela se descreve como frequentadora assídua do Bataclan.

"Estava em casa e, ao ouvir as sirenes, fui buscar informação. Comecei a telefonar para amigos que vivem por aqui para ter certeza de que estavam bem", conta, ao lembrar da noite anterior.

"Não sinto medo, é muito mais um choque. Mas temos que seguir a vida, fazer as nossas coisas, não posso ficar trancada em casa", acrescenta a estudante.

Em uma rua próxima ao Bataclan, a Folha flagrou dezenas de motos queimadas ao lado de uma farmácia.

Segundo moradores, o episódio ocorreu na manhã de sábado, mas ninguém tinha mais detalhes sobre os autores e seus motivos.

Apesar do clima de tensão entre os moradores, muitos

turistas tentavam manter uma rotina de passeio, visitando restaurantes e praças.

DOAÇÃO DE SANGUE

Desde a noite de sexta-feira, voluntários formam filas em hospitais de Paris para doar sangue às vítimas.

"Acho que todos têm de fazer alguma coisa em solidariedade, e doar sangue é uma forma que encontrei de ajudar", declarou a publicitária Hortensia Metais, 26, após fazer sua doação no Hospital George-Pompidou.

Os atentados fizeram a equipe desse e de outros hospitais pedir reforço — em certos casos, isso nem foi necessário: alguns médicos e enfermeiros foram por conta própria ajudar no socorro às vítimas.

A reportagem da Folha chegou a Paris no sábado por trem, no primeiro horário vinda do Reino Unido pela manhã, por volta de 6h.

Apesar de todos os bilhetes vendidos, os vagões estavam vazios — a Eurostar, empresa que administra o trecho da via férrea entre Londres e Paris, anunciou que devolveria os valores pagos pela viagem em caso de desistência por causa dos atentados.

ANÁLISE

Terrorismo não tem identidade

MUSSEN KALOIT
ESPECIAL PARA A FOLHA

Paris viveu um cenário impiedoso de horror. Sob o impacto de profunda consternação, é complexo manter a temperança e conter a suprema indignação.

Em primeiro lugar, há um problema patológico na forma como se observa e se interpreta a impetração de atos terroristas em domínios de países que compõem as fronteiras do mundo ocidental em comparação à atos similares ocorridos em territórios de nações que professam a fé muçulmana.

Há dois dias, a capital do Líbano, Beirut, sofreu com o terrorismo do EI. Em uma série de explosões, ao menos 40 pessoas perderam a vida, e o número de feridos ultrapassa as duas centenas.

Na Turquia, recentemente, a mesma organização ceifou a vida de cerca de cem pessoas que se manifestavam pacificamente nas proximidades à estação central de trens de Ancara. No Kuwait, não faz tempo, uma explosão culminou na morte de dezenas de inocentes que rezavam numa mesquita na capital do país.

Essa visão intermitente de olhar para esse tipo de flagelo

com um espelho de diferentes reflexos é uma das matizes dos equívocos em que se incorre com frequência no Ocidente.

DOIS PESOS

Um ataque terrorista perpetrado em qualquer cidade europeia ou médio-oriental, deveria ser visto com a mesma gravidade.

Ao consentir, ainda que inconsistentemente, com o terrorismo no Oriente Médio como algo corriqueiro, as democracias do mundo civilizado abrem caminho para que esse mesmo chaga adentro e se instale em seu território.

Em segundo lugar, é necessário afrontar a questão do terrorismo internacional não apenas sob os meros questionamentos ideológicos, mas sob o olhar de quem dolosamente patrocina tais atrocidades contra civis indefesos nos mais variados lugares no mundo.

A dualidade existente na correlação entre interesses econômicos e geopolíticos, por um lado, e de combate aos terroristas e seus mantenedores, por outro, fragilizam qualquer esforço internacional de segurança coletiva.

É importante realçar que agravações criminosas como o EI são financiadas pelos petrodólares dos mesmos países que financiam a indústria bélica do mundo ocidental,

inclusive a francesa.

O terrorismo que assola o mundo ocidental e médio-oriental emana da mesma matriz islâmica. A ultraortodoxia doutrinária de fendas minoritárias do Islã, como o do salafismo-wahabita, tem sido a corrente de inspiração dos terroristas de Al Qaeda, El e Frente al-Nusra.

A inércia da diplomacia europeia ao negligenciar a gravidade da realidade síria pode ter servido, ainda que indiretamente, como um elemento facilitador dessa lamentável tragédia.

Os chamados "rebeldes", na nomenclatura política de alguns países, em sua maioria, eram ou são, simplesmente, parte da teia do EI.

O modus operandi de praticar o terror mudou. Os ataques não mais necessariamente ocorrem contra símbolos políticos ou econômicos, como foi o 11 de Setembro, mas em qualquer ambiente.

As ações terroristas do Estado Islâmico mostram a vulnerabilidade e a impotência da condição humana.

Contra esse método, não há aparato de inteligência capaz de cobrir todas as lacunas. Somente um esforço internacional sério poderia limitar sua expansão e salvar a vida de inocentes.

A impunidade confere aos terroristas a ousadia e a sensação do "poder fazer" contra quaisquer indivíduos em qualquer fronteira.

MUSSEN KALOIT é pesquisador da Universidade Harvard

ANEXO 9: reportagem Terrorista era reservado e gostava de jogar futebol; reportagem Bairro de maioria islâmica em Bruxelas se torna alvo de buscas

FOLHA DE S.PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2015

PARIS SOB ATAQUE



Amine Ibnolmoubarak
Muçulmano, era arquiteto e professor na faculdade Ensa Paris-Montparnasse. Sua mulher levou três tiros e se encontra em estado crítico



Thomas Ayad
Francês, 34, era gerente de produtos internacionais na gravadora Mercury Records, da Universal. Morreu com dois amigos no Bataclan



Marie Mosser
Trabalhava com comunicação e marketing digital; era uma das duas pessoas que estavam com Ayad na casa de espetáculos

Fotos Reprodução



Feira no bairro Molenbeek, em Bruxelas, onde suspeitos de ligação com ataques foram detidos

Terrorista era reservado e gostava de jogar futebol

Ismael Mostefai foi identificado como um dos que mataram 89 no Bataclan

Autoridades passaram a monitorá-lo em 2010 por eles com radicais; fiéis de mesquita dizem não se lembrar dele

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A CHARTRES

O francês Ismael Omar Mostefai, 29, era um jovem reservado, religioso e que gostava de jogar futebol semanalmente na cidade de Chartres, a 100 km de Paris. Viveu com os pais e quatro irmãos num pequeno sobrado no bairro Le Madeleine até 2012. Não tinha emprego fixo e chegou a trabalhar numa padaria. Nas palavras de um antigo vizinho, ele fazia bicos, "pegava o que aparecia".

Ganhou fama de delinquente, problemático, após ser detido por leves infrações, como dirigir sem carteira, algumas brigas e porte pequeno de droga. Nada além disso. Mostefai foi identificado, pelas digitais, como um dos três terroristas que mataram 89 pessoas na casa de show Bataclan, em Paris, do total de ao menos 129 que perderam a vida nos ataques da sexta (13). Suicidou-se em seguida.

Ele nasceu em Courcouronnes, arredores de Paris, no dia 21 de novembro de 1985. Seria filho de mãe portuguesa e pai argelino, segundo vizinhos — algo não confirmado oficialmente.

"Não temos informação so-

bre quando exatamente se mudaram para Chartres. Sei que ele morou aqui com os pais, dois irmãos e duas irmãs até 2012. Naquele ano, todos foram embora", disse à Folha Jean-Pierre Gorges, prefeito de Chartres. "A grande questão é saber o que ocorreu com ele de 2012 até sexta."

O prefeito confirmou que, no período em que viveu na cidade, o jovem foi detido e condenado por pequenos delitos, mas sem necessidade de cumprir pena na cadeia.

Gorges ainda criticou o governo francês por não tomar providências para evitar a radicalização de jovens islâmicos. "Algo tem de ser feito para controlar isso", disse.

O ano crucial para a mudança de comportamento de Mostefai teria sido, na verdade, 2010, quando as autoridades passaram a monitorá-lo por vínculos com radicalismo religioso — nunca houve, porém, investigação sobre ligações com células terroristas.

As primeiras investigações apontam que, entre 2013 e 2014, Mostefai teria passado alguns meses na Síria, por onde entrou via Turquia. Interrogado pela polícia após os atentados, um dos irmãos disse estar surpreso e alegou que a família perdera o contato com Mostefai fazia alguns anos. O pai, que vive na cidade de Romilly-sur-Seine, foi posto em custódia e afirmou que, sem muito contato, soubera que o filho havia se mudado com a filha e a mulher para a Argélia.

Os investigadores suspeitam que, nesse período de "sumiço", Mostefai tenha mantido vínculos com grupos terroristas na Bélgica, país apontado como um dos focos de planejamento dos atentados de sexta em Paris.

Os jornais franceses e o prefeito de Chartres informaram que Mostefai era frequentador de uma mesquita na região, próxima da cidade de Lucé. Não deu outra: no domingo (15) pela manhã, dezenas de veículos de mídia locais e estrangeiros, entre eles a Folha, foram para o local. Uma entrevista coletiva foi convocada. Em árabe, o imã (chefe da mesquita) Ibrahim Elghoul fez um discurso em homenagem às vítimas dos atentados. O seu antecessor teria sido afastado do posto após ter o visto cancelado por causa de uma viagem suspeita ao Paquistão.

Num comunicado tumultuado, Elghoul e assessores, que dirigem o espaço religioso desde 2012, afirmaram que jamais viram Ismael Mostefai. "Não lembro dele, frequentei há anos. Eu nunca o vi aqui", reforçou a reportagem Ismael Smous, 35, auxiliar do chefe da mesquita.

Apesar do discurso, eles não puderam garantir que o terrorista de sexta não frequentou a mesquita antes disso, ou seja, justamente no período em que vivia com a família na cidade francesa.

Bairro de maioria islâmica em Bruxelas se torna alvo de buscas

Três dos terroristas que agiram em Paris viviam em Molenbeek

LETÍCIA FONSECA-SOURANDER
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
EM BRUXELAS

Quem passa por Molenbeek-Saint-jean se sente mais em um país do norte da África do que na Europa, tamanha a quantidade de passantes trajando longas túnicas até os pés e de mulheres usando o hijab (tipo de véu das muçulmanas) a circular pelas ruas do bairro, onde se veem lojas de produtos árabes e comida halal.

Os moradores desse bairro na zona oeste de Bruxelas são basicamente imigrantes, em sua maioria islâmicos.

Há famílias que passeiam pelas ruas e crianças nos parques, como no resto da cidade. Mas Molenbeek é também conhecido por abrigar religiosos e extremistas. O bairro já exportou vários jihadistas para a Síria.

Após os atentados de Paris, o ministro do Interior belga, Jan Jambon declarou que está pronto para "fazer uma limpeza na área".

Três dos autores dos atentados de sexta (13) em Paris moravam em Molenbeek — dois franceses e um belga. Desde o último final de semana, a polícia faz buscas no bairro. A presença de policiais armados e de cães farejadores é maciça na região.

"O Islã não tem nada a ver com isso. O Islã diz que se você mata alguém, é como

se matasse toda a humanidade. Não se pode suspeitar apenas de Molenbeek", desabafa um morador que vive no bairro há 35 anos.

Os jovens da região têm medo da estigmatização. Um deles, que preferiu guardar o anonimato, diz que, "para muitos, Molenbeek é considerada a área perigosa de Bruxelas, bastião do islamismo, dominada pelo radicalismo". "Mas que retórica é essa? A maioria dos moradores daqui é tranqüila."

O místico francês Philippe Le Guével, parisiense que mora há 20 anos em Bruxelas — mas não em Molenbeek — dá sua visão sobre o bairro. "Em Paris existem guetos. Os pobres moram em bairros distantes das áreas nobres da cidade. Em Bruxelas, porém, a diversidade social se acotovelou."

Segundo Le Guével, além de receio, o bairro inspira certo fascínio sobre os belgas, justamente por ser diferente do resto da cidade.

FATURA

Para lutar contra o radicalismo e jihadismo em solo belga, o governo belga acaba de aprovar um plano no valor de € 1 milhão.

O primeiro-ministro da Bélgica, Charles Michel, declarou que "agora é preciso pagar a fatura do que não foi feito no passado".

A Bélgica é o país europeu que produz o maior número de combatentes islamitas em proporção à sua população.

Nessa nação de 11 milhões de habitantes, já foram identificados 494 jihadistas. De acordo com autoridades belgas, 272 estão na Síria e no Iraque; presume-se que 75 estejam mortos, 134 tenham voltado para a Europa e 13 a caminho do continente.

Apesar do reforço das leis antiterroristas no país e do desmantelamento das redes de recrutamento e células terroristas, a Bélgica permanece um reduto relativamente seguro para os jihadistas.

Molenbeek foi endereço temporário de Mehdi Nemmouche, atirador que matou quatro pessoas no Museu Judaico de Bruxelas, em maio de 2014, e de Ayoub El-Khaznani, autor do ataque frustrado em um trem de alta velocidade entre Paris e Amsterdã, em agosto passado.

O tráfico de armas também é intenso no país. Segundo a imprensa belga, foi de Bruxelas que saiu parte das armas usadas em Paris pelos irmãos Cherif e Saïd Kouachi, que mataram 12 pessoas no ataque ao jornal satírico "Charlie Hebdo", em 7 de janeiro, e por Amédy Coulibaly, que dois dias tomou um supermercado kosher da capital francesa, matando 4 pessoas.



Casa em Paris onde vivia Ismael Omar Mostefai, suspeito francês

“Sei que ele morou aqui com os pais, dois irmãos e duas irmãs até 2012. Naquele ano, todos foram embora. A grande questão é saber o que ocorreu com ele de 2012 até sexta-feira

JEAN-PIERRE GORGES
prefeito de Chartres (França), sobre o terrorista Ismael Mostefai, que viveu na cidade

ANEXO 10: reportagem *Vítimas são um retrato da vida noturna de Paris*

A10 mundo ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE



Élodie Breuil
Cursava design na École de Contis. Seu irmão conta que ela esteve nas manifestações após o ataque terrorista ao "Charlie Hebdo", em janeiro



Guillaume Decherf
Pai de duas filhas, o jornalista francês de 43 anos escrevia sobre música na revista "Les Inrockuptibles" e estava no Bataclan



Nick Alexander
Britânico, nascido em Essex, na Inglaterra, 36 anos, vendia produtos da banda Eagles of Death Metal na casa de shows atacada

Fotos Reprodução



Ian Langsdon/EPA/Efe

Etienne Laurent/EPA/Efe



Franceses lamentam mortes em frente ao restaurante Carillon

Vítimas são um retrato da vida noturna de Paris

Jovens, músicos, jornalistas e estrangeiros estão entre os mortos na sexta

Redes sociais são usadas para ajudar a localizar vítimas e para conseguir doadores de sangue para hospitais

CÍNTIA CARDOSO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

À medida que os nomes das vítimas dos atentados do dia 13 de novembro em Paris são divulgados, a tragédia começa a ganhar um rosto, que é um retrato da vida noturna parisiense: hipsters, boêmios, jovens, músicos, jornalistas e estrangeiros.

"Os bairros que foram atingidos são os lugares que amamos, da Paris que amamos. Essa Paris popular e aberta", declarou a prefeita de Paris, Anne Hidalgo.

Entre os 129 mortos, 103 foram identificados, afirmou o premiê francês, Manuel Valls, neste domingo (16).

No final de semana, a imprensa francesa e familiares começaram a divulgar a identidade das vítimas.

Uma delas é Guillaume B. Decherf, 43, crítico musical francês especializado em heavy metal e que trabalhava para a revista "Inrockuptibles". Ele foi morto durante o concerto da banda Eagles of Death Metal no Bataclan.

Seu último texto havia sido justamente uma resenha de um álbum do grupo. O site da revista publicou um texto em sua homenagem. "Toda a Redação da revista está chocada com a sua morte."

Também francês, o operador de câmera da televisão France 24 Mathieu Hoche, 37, morreu durante o ataque ao Bataclan. Sua última mensagem no Facebook comemorava a compra de ingressos para o concerto.

Lassana Diarra, jogador da seleção de futebol da França, informou em um comunicá-

do do site do Olympique de Marselha que sua prima Asta Diakite morreu em um dos ataques da capital francesa.

Na hora do atentado, Diarra disputava um jogo amistoso contra a Alemanha no Stade de France, em cujos arredores parte dos ataques foi realizada. "Nesse clima de terror, é importante que todos permaneçamos unidos diante desse horror que não tem nem cor nem religião", escreveu o jogador.

PAIXÃO PELO ROCK

Colegas de faculdade no Instituto de Ciências Políticas (Sciences Po) de Rennes (oeste da França), Cédric Mauduit, 41, e David Perchirín são descritos no site da universidade como "jovens cheios de energia cujo elo da amizade era a paixão pelo rock. Eles foram os primeiros a apresentar o Nirvana aos colegas de turma", diz o texto.

Os dois amigos morreram no atentado durante o show do Bataclan. Como forma de homenagem, os ex-colegas pedem que as pessoas assinem um abaixo-assinado para a realização de um concerto de David Bowie ou dos Rolling Stones em Paris.

As irmãs tunisianas Halima Saadi, 37, e Houda Saadi, 35, morreram juntas no restaurante Belle Equipe. As duas comemoravam o aniversário de uma amiga na hora do ataque.

No mesmo local também morreu Hyacinthe Koma, 34. Originário de Burkina Fasso, ele bebia uma cerveja com os amigos quando foi baleado.

REDES SOCIAIS

Fotos das pessoas desaparecidas ao lado da hashtag #RechercheParis são um dos principais instrumentos utilizados por médicos e funcionários dos hospitais parisiens-

es para ajudar a localizar as vítimas. Os internautas pedem que as descrições dos desaparecidos sejam difundidas para o maior número possível de usuários.

De acordo com a célula interministerial de crise, 4.600 telefonemas com pedidos de informação foram recebidos nas desde sexta-feira passada. O Ministério do Interior da França também colocou no ar um site especial para a busca de vítimas (securite.interieur.gouv.fr) mas, devido ao excesso de acessos, a plataforma tem enfrentado problemas de conexão.

A rede de solidariedade virtual também ajudou para a campanha emergencial de doação de sangue. Em Paris e nas cidades vizinhas, mais de 2.000 doadores se apresentaram no sábado, abastecendo o estoque dos hospitais da região. Em todo país, foram 9.000 doadores.

Exposição na mídia espanta brasileiro ferido em ataque "surreal"

LUCAS NEVES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

O arquiteto paulista Gabriel Sepe, 29, ferido a bala em um dos ataques de sexta (13) em Paris, classificou o episódio como "surreal" para amigos que foram vê-lo no hospital, pediu que acalmassem os pais dele e se mostrou espantado com a exposição de sua história na mídia.

Ele levou três tiros na cabeça por volta das 21h25 de sexta, enquanto jantava na calçada do restaurante Le Petit Cambodge (no 10º distrito da capital francesa) com um grupo de sete amigos.

A estudante de psicanálise Camila Issa também foi atingida por disparos de fuzil kalachnikov provenientes

de dentro de um carro.

Ontem à noite, ambos estavam conscientes e passavam bem, segundo a consulgar do Brasil em Paris, Maria Edileuza Fontenele Reis.

Os pais de Sepe chegaram na manhã de domingo a Paris, assim como a mãe e uma tia de Issa. Eles não quiseram dar entrevistas.

Sepe havia ido à Europa para apresentar um trabalho em congresso dedicado ao legado do arquiteto de origem suíça Le Corbusier (1887-1965), em Valência (Espanha).

Discreto e tímido de costume, ele estava falante e brincalhão na noite do atentado, segundo os amigos. O arquiteto e Issa eram os mais próximos ao veículo de onde vizinhos os disparos.

"Vimos pontos de luz e um vulto de homem", descreve o também arquiteto Guilherme Pianca, 28, que estava na mesa, mas não se feriu.

"Achei que era brincadeira, rojão. Nunca iria passar pela minha cabeça que pudesse ser um atentado."

ABRIGO

Pianca e os amigos Diego Mauro Ribeiro, 28, e José Lira, 48, conseguiram se abrigar no depósito de um supermercado vizinho. Ribeiro teve um corte no canto direito do rosto e arranhões.

Depois de cinco minutos, ele pediu para sair dali e foram procurar o resto do grupo. Acharam Sepe deitado no chão, de lado, ensanguentado, mas calmo.

"Como ele estava falando, consciente, os primeiros bombeiros que chegaram não deram muita atenção. Levaram mais de 20 minutos para dar uma máscara de oxigênio a ele, e depois vieram o soro e uma maca. Falávamos o tempo inteiro: 'Não dorme, Gabriel'", conta Pianca.

Ninguém pôde acompanhar Sepe na ambulância. Lira e Pianca chegaram ao hospital antes dela. "Na recepção, ninguém queria passar qualquer informação. Ficamos com medo", diz Lira.

Segundo os amigos, Sepe recebeu transfusão de sangue antes de passar por uma cirurgia torácica para a remoção de um projétil do pulmão.

Já era mais de meia-noite quando veio a notícia de que

o procedimento tinha sido bem-sucedido e que a hemorragia fora estancada. O paciente estava sedado. Mais ou menos nesse horário, Lira conseguiu ligar para o pai de Sepe, Abel, e tranquilizá-lo.

No sábado, já acordado, o arquiteto recebeu visitas dos amigos à tarde e à noite.

"Que surreal, hein!", disse Sepe sobre o que tinha vivido. Ao saber que estava no centro das atenções da mídia, brincou: "Que merda!". Ele afirmou já não sentir dores, apenas um leve incômodo.

Ribeiro, que antes de sexta só era amigo próximo de Lira, diz agora se sentir ligado permanentemente aos outros seis. "Foi estranho e bonito ver a vulnerabilidade e a força de cada um."

'Fomos pulando corpos', diz policial que foi ao Bataclan

DO ENVIADO ESPECIAL A PARIS

"É difícil de acreditar que o som de telefones possa parecer uma coisa muito terrível quando se olha para dezenas de corpos. Mas, acredite, naquele silêncio de morte, foi", diz um dos policiais que invadiram o Bataclan, na sexta-feira (13).

O som era dos celulares de muitos dos 89 mortos na casa de shows. Pais, parentes e amigos já sabiam do massacre e procuravam os jovens.

Sim, como se suspeitava, a maioria dos mortos era jovem, diz um dos policiais que conversa com a Folha sobre como foi a invasão.

"No momento, não era possível precisar a idade deles. Mas era evidente que dezenas eram adolescentes ou quase isso."

"Não chegamos a falar com os terroristas. Trocamos alguns gritos, arrombamos a porta e fomos atrás deles. O essencial era neutralizar os terroristas. Fomos pulando os corpos no chão, correndo, mas eles explodiram grandes e se mataram."

Os policiais contam que foi difícil convencer as pessoas de que eles eram policiais.

"Havia gente escondida em forros de tetos, que eles arrebentaram. Havia gente dentro de caixas minúsculas, escondidas em uma vitrina de lugares. Havia jovens desmaiados sob cadáveres. Mesmo nós não aguentamos ver aquilo, passamos mal." (vfr)

ANEXO 11: reportagem *Gênese do mal*

A12 mundo ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2015

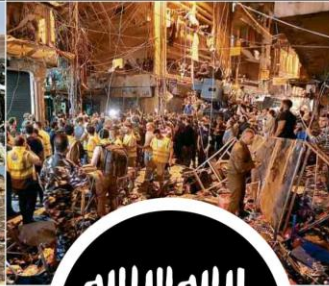
FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

Destrosos do avião comercial russo vítima de suposto ataque do EI, que caiu no Egito, em 31.out.2015



Ataque a bairro de Beirute, no Líbano, reivindicado pelo EI, que deixou ao menos 41 mortos, em 12.nov



Feridos são socorridos após ataques em Paris na noite da última sexta-feira (13)



A bandeira segue a tradição da cor preta associada aos primeiros anos do islã. Suas palavras dizem "Não há um deus a não ser Deus, e Maomé é seu mensageiro"

DIÓGO BERCITO EM MADRI

O pai do Estado Islâmico foi o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, um radical como diversos em sua geração, cuja formação se deu no Afeganistão durante o conflito com a antiga União Soviética.

Em 1999, Zarqawi fundou o Al-Tawhid wa al-Jihad (Monoteísmo e Jihad, em árabe). Em menos de duas décadas, a organização iria se tornar globalmente conhecida como Estado Islâmico, com um histórico de crucificar crianças, escravizar mulheres e decapitar inocentes.

No período, estendeu seu território no oeste da Síria e no norte do Iraque para algo entre 90 mil km² (Jordânia) e 250 mil km² (Reino Unido), conforme a estimativa.

As ações terroristas de Zarqawi foram marcadas pela sua interpretação restrita do que é o islã. Ao contrário de outros líderes fundamentalistas, ele levou ao extremo a ideia de "takfir" — declarar um muçulmano apóstata e, assim, justificar sua morte.

O Iraque, após a invasão americana de 2003, era terreno fértil para a ideologia do Al-Tawhid wa al-Jihad. Ali, a organização passou a se chamar Al Qaeda no Iraque.

Zarqawi aproveitou-se das rivalidades locais para estimular a violência sectária entre sunitas e xiitas. No caos, pensava, triunfaria. Organizações como a Al Qaeda insistiam em que a criação de um Estado Islâmico era um objetivo futuro, quase idealizado. Zarqawi, por outro lado, acreditava que poderia estabelecê-lo a partir da desordem política.

Não à toa a revista oficial do Estado Islâmico hoje cita Zarqawi em todas as suas edições, nas primeiras páginas: "A fagulha foi acendida aqui no Iraque e seu calor vai continuar a intensificar-se, se Deus assim permitir". Zarqawi foi morto em 2006 por duas bombas lançadas por um avião americano, cada uma pesando 230 quilos. Sua liderança foi herdada por Abu Ayyub al-Masri e Abu Omar al-Baghdadi, por sua vez mortos em 2010.

A organização terrorista passou a ser controlada por Abu Bakr al-Baghdadi, uma misteriosa figura com uma biografia ainda carcomida por lacunas. De formação religiosa e passagem pela prisão durante a presença americana, Baghdadi espalhou sua sombra pela região. Mais uma vez, o caos. A guerra civil na Síria, respingada no vizinho Iraque, lançou a região em novos conflitos sectários a partir de 2011. Dois anos depois, a organização terrorista trocou seu nome para Estado Islâmico no Iraque e no Levante.

SADDAM Uma das figuras centrais nesse processo foi Haji Bakr. Antes membro da Inteligência de Saddam Hussein, Bakr estruturou as forças do Estado Islâmico, incluindo ex-militares iraquianos entre os líderes. Ele morreu em janeiro de 2014, no norte da Síria. Fortalecidos, militantes in-

O QUE É O ESTADO ISLÂMICO

É uma organização terrorista que declarou, em 29 de junho de 2014, um califado em um território entre a Síria e o Iraque

QUAL É O OBJETIVO

A meta do Estado Islâmico é estabelecer um califado — Estado regido pela lei do islã, a sharia — e governar todos os muçulmanos

TERRITÓRIOS



PRINCIPAIS ATAQUES



CRONOLOGIA

1999 O jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, radical envolvido no conflito entre Afeganistão e URSS, funda o Al-Tawhid wa al-Jihad (Monoteísmo e Jihad, em árabe)

2006 Zarqawi é morto por ataques americanos e Abu Ayyub al-Masri e Abu Omar al-Baghdadi assumem a liderança do grupo, que passa a se chamar Estado Islâmico no Iraque (ISI)

2004 Zarqawi prega lealdade a Bin Laden e a organização passa a se chamar Al Qaeda no Iraque (AQI)

2010 Com a morte dos dois líderes, a organização passa a ser conduzida por Abu Bakr al-Baghdadi, que havia sido mantido preso pelos EUA entre 2005 e 2009

2011 Começa a guerra civil na Síria, que opõe forças do ditador Bashar al-Assad, grupos rebeldes, curdos e radicais islamitas

Jun. 2014 Conquista a cidade de Mossul, no Iraque. No dia 29, Baghdadi declara a criação de seu califado

COMBATENTES

O EI é composto por muçulmanos sunitas do Iraque e da Síria e por estrangeiros que se unem à causa jihadista

Mais de 25 mil estrangeiros foram combatentes em grupos nos dois países, a maioria no EI

Segundo o EI **50 mil** na Síria e **30 mil** no Iraque

PRINCIPAIS OPOSITORES

- EUA, Rússia e França** Têm realizado ataques aéreos em posições do Estado Islâmico
- Exército iraquiano** Disputa o domínio do país com o EI
- Peshmergas** (forças curdas) Defendem cidades curdas dos avanços do EI no Iraque
- Exército sírio** Envolvido na guerra civil tem no EI seu mais forte adversário

O LÍDER

Abu Bakr al-Baghdadi Nascido de família salafista (vertente estrita do islã). Juntou-se à Al Qaeda no Iraque em 2003

DE ONDE VEM O DINHEIRO

O EI controla poços e refinarias de petróleo, lucrando com o seu contrabando. Também cobra impostos e obtém dinheiro de resgates

filtraram-se em cidades sírias e iraquianas, aproveitaram-se das vistas grossas dos governos regionais e, em junho de 2014, moveram as peças no tabuleiro: conquistaram a cidade de Mossul, no Iraque. Ali, em 29 de junho, Baghdadi declarou seu califado. A organização passou a ser chamada Estado Islâmico, agora com pretensão global. Em vestes negras, Baghdadi discursou na Grande Mesquita de al-Nuri. Declarou-se califa de todos os muçulmanos. Ao dizer-se representante do islã e definir todos os outros governos regionais como apóstatas, o Estado Islâmico tornou-se inimigo de potências como a Arábia Saudita. Apesar dos bombardeios constantes de forças ocidentais, a organização terrorista mantém o controle territorial. Financiada por meios que incluem o tráfico de petróleo e a venda de reféns, o Estado Islâmico reúne uma multidão de militantes — cuja estimativa ainda varia enormemente.

Um relatório recente afirma que 30 mil milicianos estrangeiros viajaram à Síria e ao Iraque desde 2011. Alguns deles, descontentes com a exclusão social. Outros, seduzidos pela aventura. Muitos, como o belga Brian de Mulder, filho de uma brasileira, foram convencidos pelo projeto de califado baseado na religião.

Em Mossul, esses guerreiros vivem a partir de regras restritas que proíbem fumo, mistura entre os sexos e música. Mas, apesar da ideia corrente de que o Estado Islâmico tenha devolvido a região à Idade Média, seu território é governado por um emaranhado de instituições públicas apropriadas por terroristas a partir das estruturas modernas que existiam ali.

Assim, numa imitação perversa, moedas foram cunhadas, passaportes foram impressos, multas de trânsito foram emitidas e currículos escolares foram modificados.

UTOPIA O califado islâmico que esses militantes querem estabelecer no Oriente Médio é uma construção idealizada do modelo político surgido no século 7 no que é hoje a Arábia Saudita. O "califa", como explica o próprio termo em árabe, era o "sucessor" do profeta Maomé, que havia unificado a região em torno da religião islâmica.

Invasões e crises dinásticas levaram à constante reformulação de como se poderia administrar uma comunidade de muçulmanos. O califado do século 7 transformou-se, progressivamente, em uma utopia, e o espelho de dias de esplendor e justiça.

Diversos pensadores voltaram a essa ideia durante a história. Mas, com o esfacelamento do Império Otomano, no início do século 20, o califado foi oficialmente abolido. E, apesar de Baghdadi, segue existindo para as principais lideranças islâmicas e quase totalidade dos muçulmanos.

Não, porém, para o Estado Islâmico — organização terrorista cujo obitório, diante dos fatos recentes, ainda não pode ser escrito.

ANEXO 12: reportagem *Agitada e atenta, Paris tenta retomar vida*

A10 mundo TERÇA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO



Mathieu Hoche
Francês, 38, era técnico da TV France 24 e, segundo amigos, fascinado por rock. Morreu no show do Eagles of Death Metal no Bataclan



Lola Salines
A francesa trabalhava no time de patinação La Boncherie de Paris e foi uma das vítimas do ataque a tiros na casa de shows Bataclan



Alban Denuit
Francês, 32, era artista plástico e professor da Universidade Bordeaux-Montaigne. Estava no show do Eagles of Death Metal junto com a namorada

Agitada e atenta, Paris tenta retomar vida

Movimentação na cidade é a de sempre, mas cuidados com segurança e desconfiança se integram ao cotidiano

Governo cancela eventos paralelos à conferência do clima; lojas colocam detectores de metal

VINICIUS TORRES FREIRE
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

As ruas de Paris estavam cheias de gente e de sirenas postas bombas no primeiro dia útil depois dos atentados terroristas. Estações importantes de metrô ficaram fechadas por algumas horas de vida e não mais do que volumes suspeitos abandonados. A estação Cité, na ilha onde ficam Notre Dame e a igreja de polícia, foi fechada porque um funcionário que entrava em uma espécie de bueiro foi tido como possível terrorista e causou algum pânico na região, sede de instituições centrais da Justiça.

Medo ou precaução levaram o governo a anunciar que a conferência da ONU sobre clima (COP21) não vai contar com eventos paralelos, apenas negociações oficiais.

As escolas voltaram a funcionar (há aulas nos sábados pela manhã), com postos de assistência psicológica. Mas estão proibidos passeios de grupos de estudantes.

A vida na cidade parecia normal, agitada. Os parisienses pararam às 12h para o minuto de silêncio — inclusive os trens do metrô. O presidente François Hollande foi à cerimônia na Universidade de Paris-Sorbonne. Chegou às 11h58, fez o silêncio, cantou o hino e se foi sem discursar, o que irritou estudantes.

Além de estações de metrô fechadas e trens mais lentos, não houve incidentes maiores. Fechados no final de semana por causa dos atentados, os museus abriram. A torre Eiffel também, com poucos interessados em subir. À noite, ela estava iluminada com o azul, branco e vermelho da bandeira francesa.

No Louvre, havia as filas e a segurança de sempre. O museu informou que o número de visitantes foi o “estimado para a baixa estação, 15 mil

por dia”. Uma exposição temporária é “Uma Breve História do Futuro”. No cartaz do anúncio, se lê: “E se o futuro estiver por um fio?”.

A avenida Haussman, de grandes lojas de departamentos, como Printemps e Galeries Lafayette, estavam lotadas, com grupos tirando fotos das vitrines animadas.

Seguranças discretos, com braceiras, revistavam quem entrava, por apenas uma porta em cada loja. Os vendedores pareciam desanimados. “Caiu um pouco o movimento. Estamos preocupados é com um fracasso de Natal e da COP21”, dizia Marion X., que vende cosméticos na Printemps.

A associação de hotéis notou um ligeiro aumento de cancelamentos de reservas, “nada especial ou forte”.

Um mendigo muçulmano reclamava da vida piorada após os atentados. O senegalês Yvon Constantin, da cidade periférica de Les Mureaux, pede dinheiro no metrô Grand Boulevard com a tia, o soldado muçulmano. “Pararam de me dar moedas. Se vem, vem dez centavos. Estou com mais raiva de nós. Por causas desses loucos, que têm vida boa e usam o que têm para matar”. Constantin não trabalha há 11 anos por “problemas de saúde”.

CLIMA PESADO
A conferência da ONU sobre o clima será “restrita às negociações [diplomáticas]”, disse ontem o premiê Manuel Valls. “Concertos, manifestações mais festivas, tudo isso será sem dúvida cancelado.”

O encontro, de 30 de novembro a 11 de dezembro, previa eventos em vários locais da região metropolitana, além das negociações oficiais, e a Marcha Mundial pelo Clima. A passeata deveria fazer o percurso tradicional de manifestações parisienses, da Place de la République até a place de la Nation, que atravessa a região de bares onde morreu a maioria das vítimas dos atentados. A République tornou-se ainda o principal centro de homenagens aos mortos.



Alunos da Sorbonne recebem o presidente François Hollande e o premiê Manuel Valls

Viagens do Brasil são canceladas; aéreas remarcam

DE SÃO PAULO

Os atentados em Paris alteraram a rotina de brasileiros que pretendiam viajar para a cidade.

A administradora carioca Maria José Soares, 69, embarcaria com a sobrinha no sábado (14), mas desistiu ao ver a cobertura dos ataques na madrugada anterior ao voo. “A cada hora, mais imagens terríveis apareciam... achei que seria ariscado”, ela diz.

Gracy Gaglielmi Baldo, 46, de Criciúma (SC), ainda não decidiu o que fazer com a viagem que fechou, em junho, para as duas filhas, e estava marcada para a 12 de dezembro. “Se achar que será melhor para a segurança delas, claro que vou cancelar.”

Agências de viagens também têm sido procuradas por pessoas preocupadas. Na Interpoint, um cliente pediu para deixar de fazer uma conexão em um dos aeroportos de Paris. Outros, que começariam a viagem por Paris, querem encerrá-la por lá, na esperança de que o clima esteja menos tenso.

As companhias de operam a rota São Paulo-Paris vão permitir a remarcação sem custos: na Air France, dos bilhetes marcados para até o dia 22; na TAM, dos emitidos até dia 30.

A associação de defesa do consumidor Proteste sugere que o turista que não se sentir seguro procure os operadores o quanto antes. “Como é uma circunstância excepcional, a chance de conseguir um acordo é maior”, diz a supervisora Sônia Amaro.

O Consulado da França no Brasil recomenda “não desistir de viagens e não ceder ao pânico, que é o objetivo dos terroristas”.

MÉXICO
VIVA PARA ACREDITAR

CANCUN - 6 noites (8 dias)
Inclui | Passeagem aérea, hospedagem com café da manhã, traslado e seguro. a partir **US\$ 9.110** (p.p. 200)

VALLARTA-NAYARIT - 6 noites (8 dias)
Novo Vallarta - Puerto Vallarta
Inclui | Passeagem aérea, hospedagem, todos os impostos
ALL INCLUSIVE, traslado e seguro. a partir **US\$ 1.544** (p.p. 100)

ARRIBA MÉXICO COM CANCUN
11 noites (14 dias)
Apaxtlan - Cancun - Orizaba - Oaxaca do México - Cuernavaca - México - Toluca - Orizaba
Inclui | Louvre, T. Eiffel e o Louvre, passeagens aéreas, todos os impostos, traslado e seguro. a partir **US\$ 2.424** (p.p. 200)

Para mais informações e reservas, entre em contato conosco:

Belo Horizonte (31) 3223-1158 0800-170677	Porto Alegre (51) 3234-6344 0800-6426044	S. J. do Rio Preto (07) 3286-1158 0800-7726455	São Paulo (11) 3118-4388 0800-170677
---	--	--	--

Preços por pessoa em duplo, incluindo de São Paulo, sujeitos a aprovação e disponibilidade de lugar. Câmbio: R\$ 1 (US\$ 1,00) = R\$ 2,10. Condições de cancelamento: até 60 dias antes do embarque. Pagamento em até 10x (10% de entrada + 9x em cheque, cartão de crédito, débito automático ou boleto - consulte regras). Não inclui taxes de embarque. *Preços mínima US\$ 150.

www.novaworld.com.br

Após ameaça em vídeo, cidades norte-americanas reforçam alerta

Aviões dos EUA atacam, na Síria, caminhões de combustível do EI

THAIS BILENYK
DE NOVA YORK

Um vídeo do Estado Islâmico, grupo terrorista que reivindicou a autoria dos atentados a Paris na sexta-feira (13), ameaçando realizar ataques aos Estados Unidos reforçou o alerta em grandes cidades americanas nesta segunda-feira (16).

Os extremistas citaram a capital, Washington, e países que bombardeiam o Oriente Médio no vídeo, cuja autenticidade não foi comprovada.

A ameaça aconteceu no mesmo dia em que aviões americanos atacaram, no leste da Síria, 116 caminhões usados pelo Estado Islâmico para contrabandear petróleo do país — uma das principais fontes de financiamento da milícia radical.

De acordo com o “New York Times”, o ataque aos veículos estava previsto an-

tes dos atentados em Paris. Autoridades norte-americanas estimam que os extremistas consigam dezenas de milhões de dólares mensalmente, com a produção e exportação de petróleo.

Até então, os ataques estavam concentrados em áreas de infraestrutura, como plataformas de petróleo.

CIDADES EM ALERTA

Desde sexta-feira, capitais e cidades dos Estados Unidos com grande trânsito de pessoas incrementaram a segurança.

A polícia de Nova York acionou um grupo para situações críticas e anunciou, nesta segunda-feira, que 500 oficiais e oito K9 (equipes com cachorros) foram destacados para medidas antiterrorismo. Desde sexta, policiais foram enviados a pontos de concentração de pessoas.

A Universidade Harvard es-

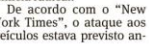
vaziou quatro prédios de seu campus, em Cambridge (Massachusetts), na segunda, por uma suspeita não confirmada de bomba.

No final do dia, a universidade proibiu a universidade disse que a polícia informou que o campus estava seguro, mas ainda investigava a origem da ameaça.

A polícia do Estado de Connecticut reforçou a segurança em seu sistema ferroviário e no aeroporto. Em Los Angeles, o policiamento está em alerta e foi reforçado, especialmente em locais críticos como o aeroporto.

As cidades de Filadélfia, na Pensilvânia, Baltimore, em Maryland, e Boston, em Massachusetts, anunciaram aumento de equipes policiais, apesar de não terem identificado ameaças diretas a suas populações.

Em Miami e San Francisco, o alerta foi acionado.



ANEXO 13: reportagem *Ex-militar do Iraque ajudou a estruturar EI*

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 2015

PARIS SOB ATAQUE



Luis Felipe Zschoche
Radicado em Paris, o chileno de 35 anos era militante de uma banda francesa alternativa. Estava no Bataclan com amigos quando foi morto



Patricia San Martín
Chilena, 61, chegou à França junto com os pais no início da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990); era produtora de eventos no Bataclan

NA INTERNET
Veja outras vítimas da série de atentados
folha.com/no1706732

Ex-militar do Iraque ajudou a estruturar EI

Documentos expõem papel de Haji Bakr, morto em 2014, na adesão de ex-membros do Exército iraquiano à facção

Dissolução das Forças Armadas do Iraque por parte dos EUA teria alienado militares, que se juntaram a radicais

DIOGO BERCITO
ENVIADO ESPECIAL A BRUXELAS

O autodeclarado califa Abu Bakr al-Baghdadi é por vezes visto como a principal força do Estado Islâmico.

Mas, quanto mais informações são reunidas sobre essa organização, mais se torna evidente que as suas maquinações dependeram de outro personagem: o enigmático Haji Bakr.

Até recentemente sem ter recebido atenção internacional, o ex-militar iraquiano Haji Bakr teve um papel central na estruturação do Estado Islâmico desde que Baghdadi tornou-se o seu líder.

Em especial, esse "senhor das sombras" — como era co-

nhecido entre alguns — incluiu ex-membros do alto escalão do Exército iraquiano nas fileiras do Estado Islâmico, uma decisão que pode ter sido decisiva para a rápida expansão desse seu projeto.

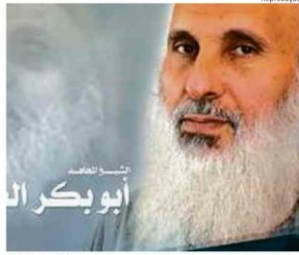
São dezenas de militares que, unidos às multidões de estrangeiros que viajaram à Síria e ao Iraque, em parte explicam a receita dos sucessos dessa organização em comparação com os outros grupos militantes na região.

Foi só depois da morte de Haji Bakr, em janeiro do ano passado, que a sua participação no processo foi desentranhada.

Em especial, depois de a revista alemã "Der Spiegel" ter tido acesso a uma série de documentos encontrados em Tal Rifaat, no norte da Síria, detalhando o planejamento do califado. A reportagem foi publicada em abril de 2015.

PARALELO COM SADDAM
A identidade real de Haji Bakr era Samir Abd Muhammad al-Khifawi. Os nomes, porém, eram conhecidos apenas em círculos restritos, entre alguns militantes dessa organização terrorista.

O semanário alemão recolheu relatos sobre o ex-militar, descrito por adjetivos que



Site com foto do iraquiano Haji Bakr, morto em 2014

TERRITÓRIOS

Área que o EI quer ocupar Área ocupada pelo EI



incluam "educado", "atençioso", "desonesto" e "malicioso". Ele é até hoje uma das figuras mais controversas do Estado Islâmico.

Os papéis recolhidos em Tal Rifaat foram importantes especificamente para determinar o papel desempenhado por ex-membros do Exército de Saddam Hussein (1937-2006), ditador deposto e morto após a invasão americana de 2003.

Parte da explicação está nos métodos: há paralelos entre as ações do Estado Islâmico e aquelas do duro regime iraquiano de Hussein.

Haji Bakr viajou à Síria em 2012 para preparar um território fértil ao Estado Islâmico. Ali, estudou o aparato de segurança e infiltrou-se no tecido da sociedade local.

Documentos mostram, por exemplo, que ele tomou nota de quais eram as famílias influentes da região e quais eram suas fontes de renda. Haji Bakr também teria estudado ali como chantageá-los a partir de suas faltas diante do código religioso do Islã.

No processo, ele reproduzia a lição aprendida em sua passagem pelo governo iraquiano: "Ninguém, nem mesmo generais no serviço de inteligência, estava segu-

ro de que não era espionagem", segundo o semanário "Der Spiegel".

SEM ALCORÃO

Haji Bakr, diferentemente do autoproclamado califa Baghdadi, é descrito como um homem nacionalista, mais que como um islamista.

Ele teria sofrido um forte baque quando, em 2003, os EUA decidiram dissolver todo o Exército iraquiano — alienando militares bem treinados e influentes que, mais tarde, iriam unir-se a radicais e buscar vingança.

Enquanto assistia ao sucesso de seus planos, com a expansão do Estado Islâmico, Haji Bakr foi morto por rebeldes em janeiro do ano passado, durante embates em território sírio.

Segundo a revista "Der Spiegel", militantes rivais encontraram passaportes, celulares e documentos na casa dele. Mas não havia nenhum Alcorão.

COMUNICADO AOS PROPRIETÁRIOS DOS VEÍCULOS JETTA HIGHLINE E FUSCA, EQUIPADOS COM MOTOR 2.0 TSI A GASOLINA

A Volkswagen do Brasil informa os proprietários dos veículos Jetta Highline 2.0 TSI e Fusca, incluídos nos intervalos de chassis não sequenciais abaixo relacionados, sobre a possibilidade de quebra do eixo comando de válvulas do motor. Neste caso, a luz de advertência do motor acenderá no painel de instrumentos.

MODELO	ANO MODELO	CHASSIS NÃO SEQUENCIAIS
Jetta Highline 2.0 TSI Fusca	2015 e 2016	FM016817 até GM012303 FM633860 até GM608153

Data de fabricação dos veículos:
De 14/11/2014 até 12/9/2015

Data do início do atendimento:
17/11/2015

Local de agendamento e atendimento do serviço:
Rede de Concessionárias Volkswagen.

Componente envolvido:
Eixo comando de válvulas do motor.

Razões técnicas:
Foi constatada a possibilidade de quebra de uma das extremidades do eixo comando de válvulas do motor, o qual também aciona a bomba de vácuo do sistema auxiliar de freio. Neste caso, haverá a perda da geração de vácuo, com consequente aumento do espaço de frenagem. Nessa situação, a luz de advertência do motor acenderá no painel de instrumentos.

Para verificar se seu veículo está afetado ou para informações adicionais, consulte a Central de Relacionamento com Clientes pelo telefone **0800 019 5775** ou acesse o site da empresa na internet - **www.vw.com.br**



Volkswagen do Brasil

Risco:

Em casos extremos, risco de danos graves ou fatais aos ocupantes e/ou terceiros, em razão do inesperado aumento do esforço de acionamento do freio, após o esvaziamento do reservatório de vácuo.

Solução:

A solução definitiva se encontra em desenvolvimento e, tão logo seja possível, será realizado um chamamento aos proprietários dos veículos envolvidos.

Notificação:

Com a ocorrência mencionada, o proprietário deve contatar imediatamente uma Concessionária Volkswagen para avaliação e reparo gratuitos. O tempo de reparo é estimado em 8 horas. Para melhor informar e atender os clientes, a Volkswagen do Brasil enviará cartas aos proprietários dos veículos afetados.

ANEXO 14: reportagem *França e Rússia se unem contra Estado Islâmico na Síria*

FOLHA DE S.PAULO
QUARTA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO DE 2015 A10

o mundo

França e Rússia se unem contra Estado Islâmico na Síria

Putin e Hollande definem ação militar conjunta contra facção responsável por atentados da sexta (13) em Paris

Moscou admite pela 1ª vez que uma bomba derrubou avião com 224 a bordo no Egito, em ação atribuída ao EI

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

Os atentados que mataram 129 pessoas em Paris na última sexta-feira (13) e a recente queda de um avião russo no Egito, com 224 a bordo, uniram militarmente França e Rússia no combate à facção radical Estado Islâmico em território sírio.

O acordo foi selado nesta terça-feira (17) numa conversa telefônica entre os presidentes François Hollande e Vladimir Putin.

Putin determinou que um navio russo no Mediterrâneo ajude forças francesas ao mesmo tempo em que um porta-aviões Charles de Gaulle seria deslocado à região para ação conjunta.

"Precisamos estabelecer uma ligação direta com os franceses e trabalhar juntos como aliados", ordenou o presidente da Rússia à sua equipe militar, de acordo com declaração divulgada por seu governo.

A Rússia diz que 34 mísseis de cruzeiro de suas forças atingiram nesta terça 14 posições militares do Estado Islâmico — outros 65 ataques aéreos teriam sido realizados, destruindo ao menos seis postos de comando.

Enquanto isso, a França voltou a bombardear a cidade de Raqqa, apontada como "capital" do Estado Islâmico em território sírio.

Só que essa ação francesa, assim como outras, foi coordenada pelos Estados Unidos, que lideram a coalizão das potências ocidentais.

E aí mora o impasse: o presidente Barack Obama resiste a uma aliança com os russos no combate ao EI.

Hollande vai a Washington no dia 24 se encontrar com o líder americano e, dois dias depois, a Moscou para reunir-se com Putin.

O francês tem a missão de buscar uma forma de unir lados historicamente opostos militar e politicamente, mas que agora lutam contra um inimigo comum.

BOMBA NO EGITO
Putin encontrou na tragédia aérea do Egito o argumento para justificar, segundo suas próprias palavras, uma "aliança" com os franceses.

Nesta terça, Moscou admitiu pela primeira vez que uma bomba derrubou o Airbus-321 da empresa russa Metrojet com 224 pessoas a bordo no dia 31 de outubro, na península do Sinai, apenas 23 minutos depois de decolar e sem deixar sobreviventes.

Um artefato explosivo de um quilo de TNT foi empregado para derrubar a aeronave, segundo a Rússia. "Podemos dizer que, definitivamente, foi um ato terrorista", declarou o chefe do serviço de segurança russo, Aleksandr Bortnikov.

No dia da queda, um grupo extremista que atua na península do Sinai, aliado do

Estado Islâmico, reivindicou a derrubada, mas as autoridades reagiram com cautela naquele momento.

O atentado contra o avião seria uma reação ao movimento russo de atacar o EI na Síria, em parceria de Putin com as forças do ditador sírio, Bashar al-Assad.

Os governos britânico e americano já haviam levantado a hipótese de que uma bomba fora colocada na bagagem do avião.

O presidente russo, porém, vinha resistindo a admiti-la por saber que uma retaliação do EI, com mortes de civis russos, poderia enfraquecê-lo internamente.

Isso também era um problema no cenário externo porque a coalizão liderada pelos EUA, incluindo a França, reagiu com ressalvas à intervenção russa na Síria.

Os atentados do dia 13 na capital francesa, no entanto, mudaram o enredo do conflito, aproximando Putin e Hollande e abrindo caminho para uma aliança militar que, até pouco tempo atrás, parecia improvável.

A RÚSSIA NA SÍRIA
País ataca desde setembro

2014
set - Coalizão liderada pelos EUA e integrada por 21 países (entre eles, França, Alemanha, Catar, Arábia Saudita Turquia e Reino Unido) inicia ataques ao EI na Síria

2015
30.set - Rússia começa ataques ao EI na Síria e informa que vão durar 3 ou 4 meses. Grupos e países dizem que rebeldes sírios também são alvo dos ataques

2.out - Putin e Hollande se reúnem em Paris para tratar de ação conjunta contra o Estado Islâmico na Síria



31.out - avião da companhia russa Metrojet com 224 pessoas cai na península do Sinai (Egito); grupo Província do Sinai, leal ao EI, diz ter abatido o avião em retaliação a bombardeios russos na Síria

2.nov - Metrojet descarta possibilidade de falha técnica na queda de seu avião

13.nov - EUA atacam Raqqa e acreditam ter matado o britânico 'Jihadi John'; EI mata 129 pessoas em Paris

17.nov - Rússia informa que bomba derrubou avião no Egito. França e Rússia concordam em coordenar ações contra o EI

26.nov - François Hollande irá a Moscou para tratar da ação na Síria com Vladimir Putin

MARCOS TROYJO
Hoje, Guerra ao Terror vive sua globalização
folha.com/ncl707718



PARIS SOB ATAQUE



Força Aérea russa prepara bomba para ataque à Síria

Foto: Reuters/Associated Press

INAUGURE O SEU NATAL
COM O TENDER SEARA.
A QUALIDADE VAI TE
SURPREENDER.

Alemanha cancela jogo por ameaça de bomba

Em outro amistoso, ingleses jogam com franceses e homenageiam as vítimas

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O amistoso entre Alemanha e Holanda que seria disputado na cidade alemã de Hannover, nesta terça (17), foi cancelado pela polícia uma hora e meia antes do início do jogo. A chanceler alemã, Angela Merkel, e o ministro do Interior, Thomas de Maiziere, estariam no estádio.

Após a decisão, o chefe da polícia local, Volker Klutwe, afirmou que existiam "pistas concretas" de que alguém poderia explodir uma bomba dentro do estádio.

Até a conclusão desta edição (0h de Brasília), porém, a polícia alemã não havia dado detalhes das pistas.

Nos atentados de sexta em Paris (13), um alvo foi o Stade de France, onde o presi-



Policiais observam arena HDI antes de Alemanha x Holanda

dente François Hollande assistia à partida entre França e Alemanha. Os três homens-bomba não puderam entrar, explodiram-se do lado de fora e mataram uma pessoa.

Em Hannover, a polícia achou um objeto suspeito na arena e rapidamente a esva-

ziou. Mais tarde, informou que o objeto era inofensivo. Mas ressaltou, depois, que a ameaça era concreta.

"A segurança vem em primeiro lugar. Confio que a polícia tenha tomado a decisão correta", disse Stefan Schostok, prefeito de Hannover.

A seleção da casa já estava nos vestiários quando o estádio foi esvaziado. A Holanda ainda não havia chegado. Os trens que passam perto da arena de Hannover pararam, e torcedores seguiram a pé.

A atual campeã mundial se opunha à realização da partida por causa dos atentados em Paris, mas decidiu jogar em solidariedade à França.

Na segunda (16), o amistoso entre Bélgica e Espanha, em Bruxelas, também foi cancelado por segurança.

Em Wembley (Londres), o amistoso entre Inglaterra e França, que a seleção da casa venceria por 2 a 0, registrou um momento histórico: os ingleses cantaram a Marselhesa, hino dos rivais tradicionais, em homenagem às vítimas do atentado.

ANEXO 15: reportagem *Radicais belgas atraem com assistencialismo, diz analista*

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO DE 2015

★ ★ ★ mundo A11

PARIS SOB ATAQUE



EUROPA EM ALERTA

Continente busca foragidos suspeitos de ataques

● Operações desde o ataque



FRANÇA
Presos: 23 (16 em Paris)

ALEMANHA
Cancelou jogo em Hannover por ameaça de atentado
Detidos: 7 (depois liberados)

BÉLGICA
Presos: 2 (ambos estavam com o fugitivo Salah Abdeslam no carro que atravessou a Alemanha)

EUA
El ameaçou, em vídeo atacar a capital, Washington

Após ação, suspeito teria sido parado 3 vezes por policiais

Sem alerta francês, possível terrorista pode continuar viagem de carro pela Bélgica no dia seguinte ao atentado

Autoridades buscam outro suspeito de ter participado no ataque a três restaurantes da capital francesa

DO ENVIADO A PARIS

Os lugares usados como hospedagem pelos terroristas em Paris, um outro carro ligado à ação, a suspeita de um nono homem envolvido, além da busca sem fim por um dos operadores.

Esse foi o saldo divulgado pelas investigações das autoridades francesas e belgas nesta terça-feira (13) em torno dos atentados que mataram 129 pessoas no dia 13 na capital francesa.

As operações policiais estão em curso em meio à preocupação de que novos ataques possam ocorrer, sobretudo por causa do risco de suspeitos estarem circulando pelos dois países.

Descobriu-se que um quarto no hotel Appart City Alfortville, no sul de Paris, foi reservado de 11 a 17 de novembro por Salah Abdeslam, 26, foragido e apontado como quem alugou o Polo VW usado pelos três terroristas que mataram 89 pessoas na casa de shows Bataclan.

Um outro carro, um Renault Clio, localizado na manhã de terça, também teria sido alugado por ele.

A polícia acredita que o hotel foi usado na véspera da ação — não haveria, no entanto, câmeras de segurança no local, o que prejudica a investigação. Um outro apartamento também teria sido alugado por eles no subúrbio de Paris.

Salah Abdeslam é considerado o homem-chave para desvendar a operação que aterrorizou Paris.

A busca por ele causa mal-estar entre as autoridades francesas e belgas. Isso porque ele poderia ter sido detido no sábado (14) pela manhã, quando cruzou a fronteira entre os dois países num carro com mais duas pessoas.

Até terça, a versão era a de que chegaram a ser parados uma vez pela polícia da Bél-

gica, mas foram liberados porque, naquele momento, não haveria alerta da França sobre Abdeslam.

O advogado do motorista do carro declarou que, na verdade, foram abordados três vezes. O condutor, segundo a mídia belga, se chama Mohammed Amri, 27, e o outro passageiro, Hamza Attouh, 21.

Assim como Abdeslam, ele é do bairro de Molenbeek, considerado berço de formação de extremistas islâmicos ligados ao terrorismo.

Sob custódia em Bruxelas, os dois ocupantes do veículo alegaram que não sabiam do envolvimento de Abdeslam com os ataques — na versão deles, o amigo pediu que o buscassem em Paris porque seu carro havia quebrado.

"Eles não conversaram sobre isso [atentados]", disse em Bruxelas Xavier Carette, advogado de Amri.

Os investigadores acreditam que Abdeslam ainda esteja na região da Bélgica, o que aumenta o temor de novos atentados.

NOVO SUSPEITO

Além dele, intensificou-se a busca por um outro suspeito que também teria atuado naquela noite. Um vídeo, segundo a mídia francesa, confirmaria sua presença no carro que atacou três restaurantes em Paris. Se confirmado, seria o nono homem ligado aos atentados.

Numa das cenas dos ataques, a polícia encontrou um telefone que acredita ser de um terrorista. Nele, havia apenas uma mensagem de texto "OK, estamos prontos", enviada pouco antes da ação.

O risco de mais ataques levou ao cancelamento do amistoso entre a seleção belga e a Espanha, que ocorreria em Bruxelas.

Como também foi cancelado o jogo entre Alemanha e Holanda, na cidade de Hannover — neste caso, por suspeita de bomba. As autoridades alemãs, aliás, soltaram sete pessoas que chegaram a ser presas por suposto envolvimento com os ataques em Paris, mas foram liberadas por falta de indícios.



Geert Vanden Wijngaert/Associated Press



Policia armado em Molenbeek

Radicais belgas atraem com assistencialismo, diz analista

Divisão linguística do país, que tem ao menos 440 militantes na Síria e no Iraque, pode dificultar ação policial

DIOGO BERCITO
ENVIADO ESPECIAL A BRUXELAS

Bruxelas, em especial o bairro de Molenbeek, está repleta de militantes lutando na Síria e no Iraque (em torno de 40), se comparado com outras nações europeias. Estima-se que ao menos 440 belgas tenham viajado à região, dezenas deles ao Estado Islâmico.

Analistas internacionais têm tentado entender qual é a relação entre esse pequeno país de 11 milhões de habitantes e as ações terroristas.

A resposta que vem imediatamente, como veio tam-

bém em Paris após o atentado de janeiro ao semanário "Charlie Hebdo", é que jovens muçulmanos não estão suficientemente integrados. O desemprego é maior entre bairros com concentração de muçulmanos, por exemplo.

Essas características, porém, não são exclusivamente belgas. Há críticas, além disso, diante de explicações exclusivamente socioeconômicas para um complexo fenômeno como o terrorismo.

O jornalista local Guy Van Vlietden, especializado em radicais belgas, sugere que um dos fatores decisivos tenha sido a atuação de influentes grupos terroristas, em especial o Sharia à Bélgica, cuja liderança foi recentemente condenada à prisão.

"Eles exploraram jovens

nas escolas públicas, distribuíram comida a pobres enquanto pregavam ideias radicais", afirma. "Em pouco tempo, recrutaram e radicalizaram diversos militantes."

Também pode ter sido determinante uma capacidade menor de inteligência no governo belga, comparado ao francês. As capitais são próximas — três horas de carro —, o que torna possível organizar um ataque em Bruxelas e colocá-lo em prática em Paris.

Além disso, a Bélgica tem três línguas oficiais, o que para analistas pode dificultar a cooperação entre diferentes regiões e a troca de informações com o vizinho serviço francês de inteligência.

Mas Vlietden discorda que o governo belga não tenha feito o bastante para impedir

a radicalização de jovens.

"Era difícil atuar contra grupos como a Sharia à Bélgica, porque eles não tinham feito nada contra a lei. Talvez não fossem leis severas o suficiente, mas é exagero dizer que o governo não agiu."

Outro fator problemático na Bélgica é a facilidade com que se pode comprar armas ilegalmente no país. Estima-se ser possível adquirir um fuzil por R\$ 4.000 na periferia de Bruxelas. As armas usadas no ataque ao "Charlie Hebdo" em janeiro vinham dali, segundo relatos.

RECLAMAÇÕES

No bairro de Molenbeek, meia hora a pé do centro de Bruxelas, moradores evitavam na terça-feira (17) conversar com a imprensa. Quan-

do falavam, reclamavam de segregação e preconceito contra muçulmanos.

Abdelhamid Aabaoud, suspeito de ter planejado o massacre de Paris, nasceu ali. Salah Abdeslam, outro envolvido, morava no bairro.

"Ele não é desses de Allah akbar", afirma a Folha um vendedor paquistanês, referindo-se a Abdeslam — a quem, diz, conhecia das ruas. "É impossível que ele seja um terrorista. É uma coisa que inventaram, porque precisamos de um culpado."

O vendedor, que não diz o nome, reclama das buscas policiais nos últimos dias. Ele acha que a razão é o preconceito contra o islã. "Veja a tela do meu laptop. Estou assistindo a vídeos de luta, não falando com a Al Qaeda."

ANEXO 16: reportagem *Atentados já afetam Olimpíada de 2016*

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO DE 2015

PARIS SOB ATAQUE



Atentados já afetam Olimpíada de 2016

COI, comitê organizador local e União já discutem mudanças no número de agentes de segurança durante evento

Ministério da Defesa pede que não se deixe de pedir vistos aos turistas que viajarão ao país para os Jogos

MARCO ANTÔNIO MARTINS DO RIO

Os atentados na sexta (13), em Paris, já trazem reflexo à Olimpíada do Rio, em 2016.

Na próxima semana, uma reunião entre o COI (Comitê Olímpico Internacional), o comitê organizador e o governo federal discutirá mudanças no número de agentes envolvidos no evento e no custo dos serviços de segurança.

Autoridades francesas também tentam evitar qualquer retaliação. Nesta terça (17), o cônsul no Rio, Brice Roquefeuil, 42, se reuniu com o secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame. A Polícia Militar disponibilizará uma equipe para segurança do consulado, no centro da cidade, e outra para a escola francesa, em Laranjeiras, na zona sul do Rio.

Roquefeuil também tem agendada uma conversa com Mário Semprini, superintendente da Polícia Federal.

Oficialmente, os ministros da Justiça e da Defesa discutem o tema "sem clima de histeria". Seus representantes falam que o plano de defesa será mantido, mas servidores informam que mudanças estão em andamento.

O custo com a segurança para a Olimpíada, hoje, é de R\$ 930 milhões. Ao Ministé-

rio da Defesa cabe R\$ 580 milhões. Já o Ministério da Justiça fica com R\$ 350 milhões.

A conta começará a aumentar na prestação de serviços. Há um entendimento de que deve se ampliar o número de pessoas envolvidas no monitoramento de redes sociais, por exemplo. Outro ponto é o número de pessoas envolvidas na segurança das delegações. Em julho se definiu que 315 agentes da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) viriam ao Rio para o evento. Já se discute o aumento no número desses servidores.

Na Copa de 2014, as delegações de EUA, Inglaterra e Alemanha estavam entre as que mereciam maior atenção da área de segurança.

Para a Olimpíada, Rússia, Israel e França passam a integrar este grupo. Outra mudança esperada é o número de agentes estrangeiros em território brasileiro durante os jogos.

Os americanos conseguiram autorização do governo para instalar um escritório no Rio. Após o evento, o local servirá ao DEA, a agência de combate às drogas. Com os atentados de sexta (13), o efetivo irá aumentar.

A França também montará um escritório no Rio durante os jogos. Tudo para acompanhar a movimentação dos atletas na cidade.

A prática será seguida por representantes de outros países. Israelenses e russos já têm equipes na cidade fazendo o levantamento sobre a violência e o trajeto de desloca-

mento dos atletas e das autoridades.

VISTO

Entre as mudanças também está o pedido do Ministério da Defesa de não isentar turistas de visto de entrada no país. Segundo o general José Carlos De Nardi, chefe do Estado Maior das Forças Armadas, a isenção facilita a entrada de criminosos e terroristas no país.

A medida foi aprovada pela Câmara e vai a sanção da presidente Dilma Rousseff até a próxima semana.

O ministro do Turismo, Henrique Eduardo Alves, disse que a medida deve contemplar apenas quatro países — Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão, definidos a partir de critérios como baixo risco migratório e baixo ou nenhum risco para a segurança nacional.

Ele disse ainda que a atuação da Polícia Federal nas fronteiras independe de o estrangeiro estar ou não com o visto.

"A triagem é feita em todas as pessoas que entram no país, com ou sem visto. Há uma série de recursos tecnológicos à disposição para controlar de forma efetiva a entrada de estrangeiros", disse.

De acordo com a pasta, a medida pode aumentar em 20% o número de turistas internacionais entre janeiro e setembro do próximo ano, um incremento de 1 milhão de pessoas.

Colaboraram FLÁVIA FOREQUE e MARINA DIAS, de Brasília

ANEXO 17: reportagem Com 5.000 tiros, polícia francesa diz ter evitado novo atentado; reportagem Saint-Denis concentra imigrantes e pobreza pós-apogeu industrial

FOLHA DE S. PAULO
QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2015 A14

munio

129 MORTOS
Vítimas foram identificadas; confira lista
folha.com/161708010



Com 5.000 tiros, polícia francesa diz que ter evitado novo atentado

Operação em Saint-Denis localiza célula terrorista e culmina com pelo menos dois mortos

Perícia determinará se um dos mortos é Abdelhamid Abaoud, apontado como mentor dos ataques em Paris

LEANDRO COLON
VINÍCIUS TORRES FREIRE
ENVIADOS ESPECIAIS A SAINT-DENIS

As autoridades francesas afirmam terem evitado mais um atentado em Paris ao desmantelar nesta quarta (18) uma célula terrorista após operação policial que deixou pelo menos dois mortos e oito presos.

Explosões e tiros acoraram os moradores do centro de Saint-Denis, no norte da capital, por volta das 4h20 (1h20, horário de Brasília), a menos de dois quilômetros do Stade de France, onde três homens-bomba se explodiram na sexta-feira (13).

Estações de metrô e o comércio fecharam, e aulas escolares foram canceladas —um clima de pânico e medo tomou conta da região.

Em Paris, homens armados vigiavam vagões.

O alvo em Saint-Denis era um apartamento entre as ruas République (a principal da cidade) e Corbillion. Ao menos cem policiais foram escalados e 5.000 tiros disparados. Suspeitava-se que no terceiro andar estivesse o belga Abdelhamid Abaoud, 27, suposto mentor dos ataques que mataram 129 pessoas.

“Ouvi as primeiras explosões e levei meus filhos para debaixo da mesa, pois achei que algo estava desabando. Quando vi que eram tiros, fui para o banheiro”, conta Letty, que vive no prédio da frente. “Os policiais gritavam para não abrimos nada”, disse o vizinho Kessentini Imed.

Por volta das 8h, o prefeito de Saint-Denis, Didier Paillard, tremia e parecia transornado: “Pedi a todos que fiquem em casa”.

Uma ordem foi deixada no prédio da brasileira Ana Paula Sharpers, 33, a 300 metros dali: “O aviso era para não sair de casa, pois um ‘kamikaze’ havia se explodido e a rua foi tomada por militares”.

O “kamikaze” seria uma mulher que teria explodido no confronto. Seria prima de Abaoud —a mídia francesa a identificou como Hasna Ait-boulachen, 26.

Um homem morreu, mas não teve o nome revelado. Um terceiro suspeito teria perdido a vida, algo que as autoridades não confirmam.

O jornal “The Washington Post” informou que Abaoud morreu na ação. A procura-

doria francesa, porém, declarou que o terrorista, ligado à facção radical Estado Islâmico, não está entre os presos, mas não descartou que esteja entre os mortos.

Foi dito o mesmo de Salah Abdeslam, 26, foragido e considerado o operador dos atentados a Paris, tendo alugado três carros para os ataques.

Para anunciar a morte deles, as autoridades esperam a identificação dos corpos, o que deve levar um tempo pelo fato de estarem despedaçados —ou seja, é real a possibilidade de que Abaoud tenha de fato sido morto.

O procurador-geral François Molins declarou que a operação em Saint-Denis conseguiu impedir um novo ataque terrorista a Paris. Um dos alvos seria La Défense, centro financeiro da cidade.

“O arsenal [fuzis Kalashnikov] e o nível de preparação dos terroristas a acreditar que estavam prontos para agir”.

Para chegar ao imóvel de Saint-Denis, foi crucial a interceptação telefônica e, sobretudo, o aparelho celular de um dos três terroristas achado na casa de shows Bataclan, onde mataram 89 pessoas sexta. Nele, havia a mensagem: “Estamos prontos”.



Corpo é tirado de apartamento em Saint-Denis usado por terroristas, que polícia invadiu

DEPOIMENTO

“Você não terão o meu ódio”, escreve viúvo em carta aos terroristas de Paris

DE SÃO PAULO

Antoine Leiris publicou carta no Facebook dirigida aos terroristas que mataram sua mulher, Helene Muryal-Leiris, assassinada na casa de shows Bataclan, na sexta (13), em Paris.

“Na noite de sexta vocês roubaram a vida de um ser excepcional, o amor de minha vida, a mãe de meu filho, mas vocês não vão receber meu ódio. Não sei quem vocês são e não quero saber, vocês são almas mortas. Se esse Deus por quem vocês matam cegamente nos criou em sua imagem, cada bala no corpo de minha mulher deve ter sido uma ferida no coração dele.

Por isso eu não vou lhes dar o presente de ódio-lós. Bem que se esforçaram, mas responder ao ódio com cólera seria ceder à mesma ignorância que fez de vocês o que são. Vocês querem que eu tenha medo, que eu olhe meus concidadãos com desconfiança, que eu sacrifique minha liberdade pela segurança. Perderam. O mesmo jogador ainda está jogando.

Eu vi hoje de manhã. Finalmente, depois de noites e dias de espera. Ela estava tão bela quanto quando foi embora, tão bela quanto era quando me apaixonei perdidamente por ela, há mais de 12 anos. É claro que estou arrasado de dor —concedo essa pequena vitória, mas ela terá curta duração. Sei que ela nos acompanhará todos os dias e que nós nos reencontraremos nesse paraíso das almas livres ao qual vocês jamais terão acesso.

Somos dois, meu filho e eu, mas somos mais fortes que todos os exércitos do mundo. Além, não tenho mais tempo para dedicar a vocês —tenho que cuidar de Melvil, que está acordando da soneca. Ele tem apenas 17 meses. Ele vai tomar seu lanche, como todos os dias, depois vamos brincar, como todos os dias, e durante toda sua vida esse garotinho lhes fará a afronta de ser feliz e livre. Porque não, vocês não terão o ódio dele, tampouco.”

ONDA DE TERROR EM PARIS Polícia deteve 8 suspeitos

2 Mortos em operação da polícia francesa desta quarta; dois terroristas não identificados

LOCAL DA OPERAÇÃO



Foragido ABDELHAMID ABAOUD, 27
Belga

É suspeito de ser o mentor dos ataques. Organizava uma célula terrorista na Bélgica em janeiro; antes disso, lutou na Síria pelo EI

Morto BILAL HADFI, 19 ou 20
Francês

Conhecido dos radicais, foi encontrado com suicida, mas não se sabe se é verdadeiro. Digitais são compatíveis com refugiado sírio

Morto AHMAD AL-MOHAMMAD, 25
Sírio

Nome estava no passaporte sírio encontrado com suicida, mas não se sabe se é verdadeiro. Digitais são compatíveis com refugiado sírio

Morto SAMY AMIMOUR, 28
Cidadania francesa

Foi interrogado em 2012 por ligações terroristas e uma tentativa de viagem ao Irã. Foi liberado e não se sabe se saiu da França

Morto ISMAEL OMAR MOSTEFAI, 29
Francês

Era monitorado pela França —quase na esquiua fica o prédio invadido pela polícia. Desde 2010. Passou meses na Síria entre 2013 e 2014. Turquia diz tê-lo registrado como potencial terrorista

Morto BRAHIM ABDESLAM, 30 ou 31
Belga

Explodiu bomba em frente ao café; não sabe se atacou os restaurantes. Pertencia à mesma célula de Abaoud e era rastreado na Bélgica e liberado

Saint-Denis concentra imigrantes e pobreza pós-apogeu industrial

DO ENVIADO ESPECIAL A PARIS

A história de Saint-Denis não difere muito do que se passa no subúrbio belga de Molenbeek, ninho de terroristas e combatentes islâmicos onde se organizaram os atentados de Paris, na sexta. Talvez seja menos extrema no radicalismo islâmico, no número de mesquitas problemáticas e no alcance da pobreza. Assim como o subúrbio belga fica na periferia imediata de Bruxelas, Saint-Denis fica no limite norte de Paris. Foi uma grande cidade industrial, de metalurgia e máquinas, que en-

taram em crise terminal nos anos 70 e 80, como a maioria de Molenbeek.

Com a crise, o esvaziamento da cidade e da construção de conjuntos habitacionais, migrantes do norte da África começaram a chegar em grandes levas. Muitos se juntaram à massa que perdia emprego. O crime aumentou.

Saint-Denis elegeu o primeiro prefeito socialista da França, no final do século 19. Ainda hoje, é um bastião comunista, partido do prefeito Didier Paillard, que em 2006 promoveu um plebiscito para dar direito de voto a estrangeiros, desqualificado como

ilegal pela Justiça francesa.

Na cidade fica a antiga sede do jornal comunista “L’Humanité”, projetada por Oscar Niemeyer. Além de uma mesquita salafista (fundamentalista) e radical, Saint-Denis abriga a grande catedral gótica que leva o nome da cidade e conserva os túmulos dos reis da França.

Não longe dali, a cerca de 8 km, começará em 11 dias a Conferência do Clima, COP21. Hoje, Paillard era reclinado nas ruas próximas onde ocorreu o ataque da polícia ao “aparelho” terrorista. Moradores da região dizem que o prefeito não quer auto-

rizar a instalação de câmeras de segurança e que as ruas de La République e Corbillion são centros de tráfico de drogas —quase na esquina fica o prédio invadido pela polícia.

Dizem ainda que a polícia não ligava nem para os salafistas nem para os traficantes e seus tíquetes usuais. Um adolescente que mora no prédio vizinho ao do confronto desta quarta (18) fazia piadas sobre a polícia, que arriscava provocar com caretas.

Ismael Bechar não cansava de repetir a gravação das explosões, que fez em seu celular: “Não tive medo. Logo todo mundo falou que a po-

lícia estava atacando terroristas. Ninguém aqui do bairro é radical como dizem por aí.”

Você está se sentindo mais discriminado após os atentados deste ano (em janeiro, contra o “Charlie Hebdo” e agora), indaga a Folha. “Não mais que o normal. Dizem que a gente não se integra, é piada. Sou como qualquer moleque francês”, responde.

“A gente não é mais integrado porque nossa escola é pior e porque não tem mais emprego. Quando meu avô veio do Marrocos, ele arrumou a vida, foi operário depois vendedor. Agora isso não existe mais”. (P11)

AS VÍTIMAS DO ATENTADO

129 mortos
368 feridos

- 195 ainda internados
- 41 em UTIs
- 3 sob risco de morte

Fonte: Ministério da Saúde da França

Kalunga

ANEXO 18: reportagem *Armas e spray de pimenta entram na lista de compra de parisienses; reportagem Judeus franceses dizem que pretendem ir para Israel*

A16 mundo

QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S.PAULO

PARIS SOB ATAQUE

Armas e spray de pimenta entram na lista de compra de parisienses

Comerciantes da cidade dizem que cresceu a procura por artigos de defesa pessoal após ataque

Vendedores dizem temer endurecimento das leis referentes a compra e porte de armamentos de fogo

LUCAS NEVES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

As armas, cidadãos? Os atentados da última sexta (13) em Paris provocaram um aumento sensível na venda de artefatos de defesa pessoal, principalmente de spray de pimenta, e na busca por informações sobre compra e porte de armas de fogo. Houve ainda quem perguntasse sobre coletes à prova de bala para uso no metrô da cidade.

Os relatos são de comerciantes ouvidos pela reportagem, que esteve na tarde desta quarta-feira (18) em cinco estabelecimentos do gênero, localizados em três distritos diferentes da capital.

Perto da gare de l'Est (no nordeste da cidade), a vitrine de uma loja oferece armas de gás comprimido sob os disfarces de ímã (€ 19, equivalentes a R\$ 76) ou de caneta (€ 23, ou R\$ 92).

"Na segunda (16) e na terça (17), a procura foi cerca de 20% acima da habitual", diz o funcionário Stéphane Brusson, acrescentando ter recebido muitos clientes na faixa dos 60 anos. "Eles vêm pedir



Homem testa rifle em feira de perto de Paris; cresce busca por artigos de defesa pessoal

informações sobre porte, querem saber o que é liberado."

A legislação francesa que rege essa matéria é bastante restritiva. Só três categorias de pessoas podem possuir armas: agentes de forças de ordem, praticantes de tiro esportivo e caçadores.

Em 2013, havia cerca de 160 mil inscritos na federação francesa de tiro, e 1,4 milhão de pessoas detinham licença para caçar no país. Ambos de-

vem se submeter regularmente a testes psicológicos.

Segundo o jornal "20 Minutes", obter uma permissão para porte de arma na região de Ile-de-France, onde fica Paris, leva ao menos um ano.

Os comerciantes afirmam que o pico de interesse por artefatos de gás comprimido repete a oscilação verificada nos dias após o ataque ao "Charlie Hebdo" e a um mercado kosher, em janeiro.

O gerente de uma loja ao lado da praça da Bastilha (no 11º distrito) lembra que, naquela ocasião, judeus temerosos de novas investidas de extremistas islâmicos buscaram aerosóis de defesa e portes.

COLETE

Desta vez, além de vender sprays de pimenta, o dono de um estabelecimento na região da antiga Bolsa de Paris

(no 2º distrito) deparou com um cliente que pretendia comprar um colete à prova de balas para andar de metrô pela cidade.

"Trata-se de uma peça de sete, oito quilos, que é visível através da roupa. Disse a ele que a polícia o pararia a toda hora para ver o que era aquilo", conta Yves Gollety.

Ele também preside a câmara sindical das lojas de armas da Europa e teme o endurecimento, pós-atentados, das leis referentes a compra e porte das mesmas. "Sempre sobra para nós."

O colecionador de artefatos e praticante de tiro esportivo Vincent Galfie faz coro: "Fuzis históricos da Segunda Guerra, que já haviam sido liberados para compra [por quem detém licença], talvez sejam novamente proscritos. Não é o fato de tornar a legislação mais severa que vai impedir o tráfico de armas, a chegada delas às mãos dos terroristas".

Uma das lojas visitadas pela reportagem fica no bulevar Voltaire, em que está a casa de shows de Bataclan —cenário do maior ataque de sexta passada, com 89 mortos. Os funcionários não quiseram conceder entrevista, mas disseram que o movimento caiu nos últimos dias. Foi o único dos cinco estabelecimentos percorridos a dar essa informação.

Kalunga +140 lojas

GRANDE SÃO PAULO
11 3347-7000 0800-0195566
OUTRAS LOCALIDADES
EMPRESAS
VENDAS PELA
EMPRESA
Não abrimos embalagens.
Oferta válida até 22.11.2015

Telefone com headset
ELGIN de chamadas, preço de chamadas, preço
Cód. 677234

Monitor LED 18,5" AOC 6970594ML Cód. 478917

Monitor LED 19,5" PHILIPS 205954652 Cód. 47700

Monitor LED 21,5" PHILIPS 225954652 Cód. 47700

OPERTAS CONFIRMADAS

semináriosfolha
Fórum Infraestrutura de Transporte

Os caminhos que o Brasil já pode percorrer e os que ele ainda precisa construir.

Com o objetivo de discutir as soluções de transporte para o Brasil, a Folha vai reunir grandes especialistas e convidados no Fórum Infraestrutura de Transporte. Serão debatidos temas como o impacto das concessões de rodovias e aeroportos, mobilidade urbana, integração entre modais e os desafios da iniciativa privada nos próximos anos. Participe. Não dá pra não ir.

24 e 25 de novembro São Paulo/SP

folha.com/infraestruturaportante

#sigafolha

Patrocínio: **CCR** Apoio: **ARTESP** Mediadora: **FOLHA**



Raphael Marciano, funcionário de restaurante em Paris

Judeus franceses dizem que pretendem ir para Israel

Volume de migrantes já bateu recorde em 2014 e deve continuar crescendo neste ano

JOANA CUNHA
EM PARIS

"A França acabou para os judeus." Essa é a opinião de Raphael Marciano, funcionário de um restaurante na rue des Rosiers, que reúne o comércio judeu de Paris, na região mais turística da cidade.

Ele se prepara para abandonar suas raízes parisienses e partir para Israel no mês que vem. A decisão, que Marciano justifica pela escalada da ameaça terrorista, é partilhada na comunidade francesa judaica, uma das maiores do mundo, com cerca de meio milhão de pessoas.

Cerca de 40 judeus franceses desembarcaram em Tel Aviv nesta segunda (16), segundo uma agência que auxilia o processo de imigração. É o primeiro grupo que parte após os ataques de sexta (13).

O comerciante Raphael Marciano, quase homônimo do funcionário do restaurante e dono de padaria, disse que nem todos podem sair. "Quem já tem negócio instalado aqui, como eu, não consegue ir tão facilmente."

AMEAÇAS
A mídia francesa chegou a

anunciar nos últimos dias que a casa de shows Bataclan, onde 89 pessoas foram assassinadas, fora escolhida por ter donos judeus —eles, porém, já a tinham vendido.

Em outras ocasiões recentes, porém, judeus foram alvo de ataques extremistas.

Em janeiro, um mercado kosher em Paris foi alvo nos desdobramentos da chacina no "Charlie Hebdo". Em 2012, em Toulouse, três crianças e um adulto foram mortos em uma escola judaica em um ataque por um homem que dizia ser da Al Qaeda.

Desde então, instituições judaicas reforçaram a segurança e a onda de imigração ganhou força. Quase 10 mil judeus franceses devem ir para Israel neste ano, superando o recorde de 2014.

Para Sylvie Adler, de uma associação da comunidade judaica, os ataques de sexta podem reforçar a ideia de que todos estão vulneráveis, não só os judeus. "Quem sabe isso possa ajudar a melhorar a segurança para todos?"

Nesta quarta, um professor de uma escola judaica em Marselha (sul da França) foi ferido a faca por três pessoas. Ele não corre risco de vida.

ANEXO 19: reportagem Rússia já considera uso de tropas terrestres na Síria

A18 mundo ★★ ★ QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO



ATENTADOS NOS Estados Unidos em 2001. Responsáveis? Radicais islâmicos, reunidos na Al Qaeda.

Atentados aos trens na Espanha, três anos depois. Responsáveis? Radicais islâmicos.

Atentados a ônibus e ao metrô em Londres, em 2005. Responsáveis? Radicais islâmicos.

Atentados de sexta-feira em Paris. Responsável? O Estado Islâmico.

O Islã é, então, a fonte da violência que assusta o planeta? Não.

Não é minha opinião, irrelevante, mas de dos líderes dos principais países do mundo, congregados no G20, cujo comunicado final sobre terrorismo é claro:

"Nós reafirmamos que terrorismo não pode e não deve ser associado com qualquer religião, nacionalidade, civilização ou grupo étnico".

Mas, como disse à Folha o filósofo Pascal Bruckner, "o desafio do século 21 é o islamismo, ponto". Resposta fundamental: "O radical é a degeneração ideológica do Islã".

Ai, chega se ao ponto. Na verdade, há uma guerra surda entre a maioria islamista não radical e os fanáticos que praticam atentados e tentam recriar o Califado, o governo de um Estado com base na sharia, a lei islâmica, cuja última expressão (o Império Otomano) foi abolida há quase um século (em 1924) pelo turco Mustafa Kemal Atatürk.

Dessa guerra dá bem ideia Hisham Hellyer, pesquisador sênior do Conselho Atlântico de Washington, em artigo para o "Financial Times": "O grupo [Estado Islâmico] visa nu-

A guerra pela alma do islã

CLÓVIS ROSSI

A religião não tem culpa, mas cabe também aos seus moderados derrotar os radicais que a deturpam

culmanos bem mais do que quaisquer outros — e a maioria das pessoas que lutam contra o EI também é muçulmana".

A questão seguinte é saber se é possível "eliminar" os fanáticos (verbo usado pelo presidente Barack Obama) e, com isso, pôr fim ao terrorismo.

É esse esforço militar que foi agudizado pelos atentados em Paris, mas o mais lógico é admitir que não

se ganha a guerra apenas pelas armas.

Tim Arango lembra, no "New York Times" desta quarta-feira, 18, que um predecessor do Estado Islâmico (Al Qaeda na Mesopotâmia), criado para combater a invasão norte-americana do Iraque em 2003, foi destruído e teve seus líderes mortos em 2009.

Mas, "depois que os americanos deixaram o Iraque, o grupo ascendeu de novo das sombras e, em sua reencarnação [o Estado Islâmico], tornou-se ainda mais brutal e determinado".

O sentido comum determina, pois, que, por mais que a ação militar se-

ja indispensável, ela só será de fato vitoriosa se houver, também, uma guerra cultural pela alma do islã.

"Necessitamos uma forte identidade religiosa que convoque as pessoas à ação, mas ação de um modo construtivo, não destrutivo, e que promova a vida, não a morte", disse ao "New York Times" o imã Mohamed Magid, líder espiritual da comunidade muçulmana na Virgínia.

Mas que ninguém se iluda: não só a vitória militar não está à volta da esquina, na Síria ou no Iraque (bases do Califado), como a batalha cultural também leva tempo. É como disse o filósofo Bruckner à Folha: "Desativar militar, policial e judicialmente o radicalismo vai levar várias gerações".

Mas ou se começa já — e se esterminará o medo —, com ele, a islamofobia.

crossi@uel.com.br

A ESCALADA RUSSA

Moscou desloca mais poder bélico para conflito sírio



Tupolev Tu-95 Bear

Bombardeiro estratégico turboélice, lançado em 1956, equivalente soviético ao B-52 americano

Carga bélica	15 t
Alcance	15 mil km
Raio de combate (sem reabastecer)	3.000 a 7.600 km

Velocidade máxima	920 km/h
Comprimento x largura x altura	46 m x 50 m x 12 m
Produção	500



Tupolev Tu-160 BlackJack

Estrela tardia da aviação soviética, lançado em 1987, é um supersônico desenvolvido para guerra nuclear

Carga bélica	40 t
Alcance	12,3 mil km
Raio de combate (sem reabastecer)	2.000 a 7.000 km

Velocidade máxima	2.200 km/h
Comprimento x largura x altura	54 m x 55 m x 13 m
Produção	35

AVIÕES ENVOLVIDOS NO CONFLITO

Bombardeiro tático



Sukhoi-34 - 12 unidades / Sukhoi-24 - 30 unidades

Aviões de ataque



Sukhoi-25 - 12 unidades

Caças



Sukhoi-30 - 8 unidades ou mais / Sukhoi-27 - 4 unidades

Helicópteros de ataque



Mi-24 - 7 unidades

Apoio



Transportador An-124 e reabastecedor Il-76, entre outros

ROTA DOS AVIÕES

Os aviões têm saído de bases no sul da Rússia, voado sobre o mar Cáspio, entrado pelo Irã até chegar à base de Latakia



Rússia já considera uso de tropas terrestres na Síria

Objetivo é tornar situação militar estável para dar início a transição do regime

Operação já é a maior do país desde campanha afegã; ampliação das ações deve se dar com ou sem ajuda ocidental

IGOR GIELOW

DIRETOR DA SUCCURSAL DE BRASÍLIA

Com ou sem cooperação com o Ocidente, a Rússia decidiu ampliar sua intervenção na Síria e já considera o uso de tropas terrestres.

O objetivo informal é tornar a situação estável do ponto de vista militar o suficiente até março, para então tentar iniciar a transição para a saída do ditador Bashar al-Assad, aliado de Moscou.

A Folha apurou o cenário com interlocutores do Ministério da Defesa russo. Março surge como meta porque, a partir daí, o clima na Síria torna-se progressivamente insuportável para operações militares, mas ninguém irá comprometer-se com datas precisas.

Desde que resolveu instalar-se na região de Latakia e atacar alvos em apoio ao Exército de Assad, esta é a semana mais importante para a campanha russa, a maior operação do país no exterior

desde a invasão soviética do Afeganistão (1979-89).

Atacada pelo Estado Islâmico na sexta (13), a França pediu cooperação de Rússia e EUA contra a facção terrorista, que domina parte da Síria.

A medida caiu como luva para a estratégia do presidente russo, Vladimir Putin, e pôs os EUA em xeque. A gestão Barack Obama denunciava a ação russa como desestabilizadora, até por ser focada em todos os inimigos de Assad — a quem Washington quer ver deposto, dando ajuda a rebeldes atacados por Moscou.

Já Putin, no mesmo dia em que admitiu, após inicialmente descartar, que o EI matou 224 pessoas ao explodir um Airbus russo em outubro, acenou ao colega francês François Hollande com "coordenação de ataques".

Segundo a reportagem apurou, por ora isso se resume à troca de informações por comando sobre quem ataca qual alvo. Isso pode até mudar, mas é uma hipótese.

No dia seguinte ao anúncio, a terça (17), o Kremlin ordenou seu maior ataque aéreo na história recente. Desta vez, os alvos são majoritariamente do EI, pelos relatos disponíveis e avaliados pe-

la França, que usou caças.

Já a Rússia fez uma exibição de força para impressionar o Ocidente. Usou caças-bombardeiros baseados em Latakia e colocou pela primeira vez em serviço ao mesmo tempo 23 bombardeiros estratégicos de longo alcance, que lançaram 34 mísseis de cruzeiro, inclusive o modelo furtivo ao radar Kh-101, em sua primeira missão.

Segundo o editor da publicação moscovita "Exportações de Armas", Andel Frolov, o Kh-101 "é o que há de melhor no arsenal russo do tipo". "É difícil avaliar sua eficácia, em especial sobre um alvo como o EI. É antes de tudo propaganda", diz.

Participaram duas estrelas da antiga aviação soviética, criados para uma guerra nuclear com os EUA: os bombardeiros Tupolev Tu-160 e Tu-95, estreantes em combate.

Outro modelo usado a partir de uma base no sul da Rússia, o Tu-22, já servira no Afeganistão, na Tchetchênia e na Geórgia. A Defesa russa já anunciou um reforço em Latakia, elevando talvez para 90 aeronaves a força residente.

GRUPO DE ASSAD

O rumor do uso de tropas

intensificou-se, apesar das negativas do Kremlin, devido ao baixo desempenho do Exército de Assad, que estava em colapso antes do início da intervenção russa.

Além das tropas sírias, os russos apoiam do ar o Hizbullah libanês e forças clandestinas do Irã, todos do ramo xiita do Islã, ao qual é afiliada a seita alaíta de Assad que domina o governo e o oficialato em Damasco.

Em um mês e meio de campanha, a situação foi estabilizada, e houve vitórias importantes contra facções rivais de Assad. O EI, até aqui, pouco havia sido atingido.

A avaliação no Kremlin é que talvez seja preciso entrar em solo para transformar a estabilidade em posição de força, para permitir colocar em ação um plano em que o grupo de Assad permaneça no jogo mesmo sem o ditador.

Para a Rússia, isso visa o objetivo estratégico de firmar-se no Oriente Médio como potência e negociar em melhores condições o fim das sanções ocidentais devido à intervenção na Ucrânia.

Há cerca de 4.000 militares do país envolvidos na Síria, incluindo forças no Mediterrâneo e no mar Cáspio.

FORÇAS NAVAIS

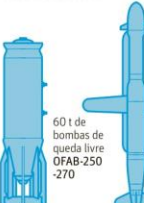


Mediterrâneo Força-tarefa liderada pelo cruzador pesado de mísseis Moskva

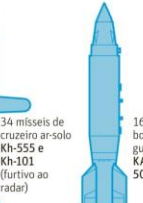


Mar Cáspio Fragata Dagestan, lançadora de mísseis Kalibr, e corvetas

MÍSSEIS E BOMBAS



60 t de bombas de queda livre OFAB-250 -270



34 mísseis de cruzeiro ar-solo Kh-55 e Kh-101 (furtivo ao radar)



16 bombas guiadas KAB-5005

ANEXO 20: reportagem *Paris teme queda do turismo no final de ano*

A12 mundo ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

Governo francês propõe 'Febem' de radicais

Medida integral nova proposta de segurança; Assembleia aprova alongar estado de emergência por três meses

Premiê aponta risco de ataque com armas químicas e é criticado por analistas; Grande Mesquita cancela prece

DO ENVIADO ESPECIAL A PARIS

O governo francês vai criar uma espécie de Febem (instituição para menores infratores, atualmente chamada de Fundação Casa) para "cuidar" dos jovens muçulmanos "radicalizados". O anúncio foi feito nesta quinta pelo premiê, o socialista Manuel Valls, na Assembleia.

Até o fim do ano será criada uma "estrutura" de reeducação, um "centro de desra-

dicalização". Os internos serão admitidos com aprovação da Justiça; não serão aceitos jovens que tenham passado por países como Síria ou Iraque, que irão para a prisão. Valls não deu mais informações sobre essa espécie de reformatório, uma das medidas de um pacote da atitude agora mais dura do governo com possíveis terroristas.

Nesta quinta (19), por exemplo, a nova lei do estado de emergência, que vai vigorar por mais três meses, foi aprovada por 551 deputados, três ecologistas e três socialistas votaram contra (a Assembleia tem 577 cadeiras).

O Senado também deve dar seu aval nesta sexta (20).

Em resumo, trata-se de

uma lei de exceção moderada, que dá mais poderes de polícia a autoridades como o ministro do Interior, chefe da polícia, e permite a policiais fazer investigações e batidas sem autorização judicial.

O estado de emergência vai valer em todo o território francês pela primeira vez desde 1961, na crise da independência da Argélia, quando houve mesmo ameaça de golpe militar na França.

O Executivo pode determinar prisão domiciliar (ou outro local à escolha) para quem pareça ameaçar a ordem pública e exigir o uso de pulseiras eletrônicas de vigilância.

Podem baixar toque de recolher e dissolver associações que ameacem a segurança

— com o que se pretende facilitar o fechamento de mesquitas salafistas (fundamentalistas) radicais.

Uma emenda dos deputados permitirá a autoridades do Executivo tomar medidas para fechar ou bloquear sites e redes sociais ligados à execução, promoção ou apologia de atos de terrorismo.

Os policiais poderão usar armas fora do horário de serviço, desde que avisem os superiores e usem braçadeiras com o aviso "polícia".

Vários policiais franceses, afora a polícia militar e de choque, nem usam armas de fogo no patrulhamento.

ARMAS QUÍMICAS
No discurso, Valls também

afirmou de passagem que "não descarta" a possibilidade de ataques terroristas com armas químicas e biológicas, embora tenha enfatizado que afirmava tal coisa com "a precaução necessária".

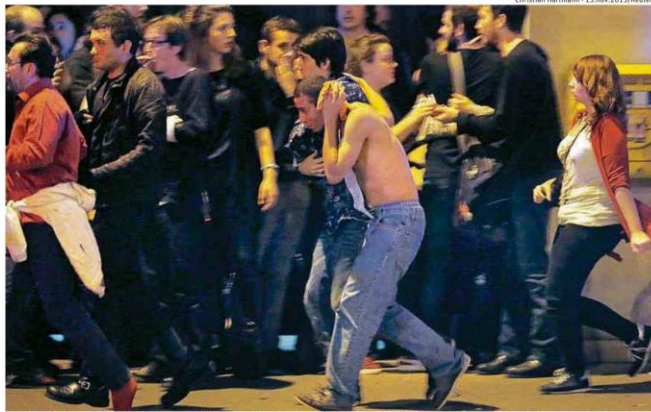
Durante o dia, especialistas em armas químicas apareceram na TV dizendo que tal ataque é "improvável", embora a facção Estado Islâmico disponha de gás mostarda, usado em na Síria.

Segundo os especialistas, faltaria tecnologia para o Estado Islâmico transformar seu estoque de gás em armas eficientes e que pudessem ser carregadas Europa.

Depois das críticas, em entrevista à TV France 2, de noite, Valls disse que não queria

"assustar os franceses" e que não tinha indícios da existência de planos de ataques desse tipo, mas que a população deve estar preparada para uma "guerra muito longa". O premiê afirmou que a perseguição de terroristas continua e que "há informações de que novos ataques estão sendo preparados".

PRECE CANCELADA
A Grande Mesquita de Paris cancelou a oração solene dos muçulmanos pelas vítimas dos atentados. Segundo os responsáveis pela mesquita, conversas com a chefe de Polícia deixaram claro que não havia condições de segurança para a cerimônia, marcada para esta sexta. (vrr)



Christian Hartmann - 13.nov.2015/Reuters
HORROR O estudante franco-brasileiro Nicolas Lafargue (sem camisa) deixa o Bataclan, em Paris, após o ataque na sexta (13) que deixou 89 mortos no local; ele contou a noite de horror dentro da casa de show em folha.com/no1708550

Brasil não está livre do risco de atentado, afirma especialista

Para o israelense Boaz Ganor, que estuda contrterrorismo, Olimpíada pode ser 'imã'

DANIELA KRESCH
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE TEL AVIV

Para Boaz Ganor, um dos maiores especialistas em contrterrorismo de Israel, o Brasil não está menos vulnerável do que a Europa a ataques terroristas.

O diretor-executivo do Instituto de Contrterrorismo da Centro Interdisciplinar de Herzeliya e presidente da Academia Internacional de Contrterrorismo diz que o Ocidente não deve ter ilusões sobre a lógica dos combatentes islâmicos e deve achar o equilíbrio entre antiterrorismo e valores democráticos.

A França, nos últimos anos, se tornou uma incubadora de fundamentalistas. A surpresa foi modus operandi dos atentados. Até agora, havia o que chamam "ataques de iniciativa pessoal", cometidos por lobos solitários ou células pequenas inspiradas no EI. Mas o que ocorreu em Paris foi um "atentado organizacional". O EI tomou a iniciativa, recrutou e treinou os terroristas, foi responsável pela confecção dos explosivos, a compra de armas, a coleta de informações. Essa é a novidade, um modus operandi que imita o da Al Qaeda.

Por que atacar a França?

O Ocidente pensa que os terroristas ou são malucos ou são totalmente racionais.

Errado. Eles são racionais, mas sua lógica é diferente da ocidental. Um dos motivos do atentado foi atacar contra países que estão atacando o EI no Iraque e na Síria.

Houve um atentado no Sinai contra o avião russo, em Beirute contra o Hizbullah, e em Paris. O Estado Islâmico quer passar uma mensagem de dissuasão contra quem atua contra eles, a coalizão iraniania-xilita-russa e a americana-européia-ocidental.

A segunda explicação está mais no plano psicológico. O EI precisa demonstrar sucessos perante seus seguidores e crentes para continuar recrutando-os. Como, nos últimos meses, não registram sucessos militares, precisam realizar atentados desse tipo.

O que a Europa deve fazer?

Entender a lógica dos terroristas. A maioria absoluta dos muçulmanos não apoia o terrorismo. Mas não se pode ignorar o fato de que há um aspecto religioso profundo na base do fenômeno. Você pode lidar com isso pelo apaziguamento, mas estará pondo a cabeça dentro da terra.

O que ocorreu em Paris era esperado?

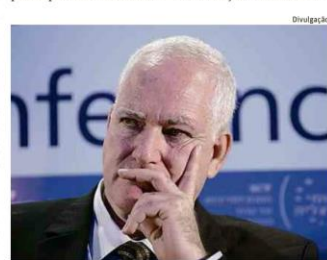
Sim e não. Não é uma surpresa que houve atentados.

Há risco de atentados nas Olimpíadas do Rio, em 2016?

Claro. O Brasil não faz parte da coalizão que está atacando as bases do Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Mas, quando representantes de EUA, França, Alemanha estiverem no Rio para a Olimpíada, tudo será diferente. Os atentados em Paris tinham como alvo também um jogo de futebol. Eventos esportivos são imãs para terroristas. Se a concepção for a de que o Brasil está seguro, temo um choque profundo.

O que ocorreu em Paris era esperado?

Sim e não. Não é uma surpresa que houve atentados.



O especialista em contrterrorismo Boaz Ganor, de Israel

Paris teme queda do turismo no final de ano

Segundo consultoria, taxa de ocupação dos hotéis na cidade já tem baixa de 23 pontos

CÍNTIA CARDOSO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

O patrulhamento ostensivo nos pontos turísticos de Paris mudou a caia da cidade. Depois dos atentados de sexta-feira (13), o clima de apreensão, com revistas minuciosas nas lojas de departamento e nos museus, já traz impactos negativos para o setor de turismo.

Representantes do setor ouviram na **Folha** dizer temer pelo desempenho da temporada de festas de fim de ano.

O site oficial de Turismo de Paris atualiza desde a sexta-feira passada uma lista das atrações que estão abertas na cidade. Na última quarta (17), o Arco do Triunfo e as torres da catedral Notre-Dame permaneceram fechadas.

As visitas ao Stade de France estão suspensas até esta sexta (20), pelo menos. Por causa de uma operação antiterrorista na terça (16) a basílica de Saint-Denis, onde estão enterrados os reis da França, também foi fechada.

"Os turistas ficam meio assustados com tanto policial e tanto militar nas ruas, mas explico a eles que está mais seguro passear agora do que antes dos atentados", conta Ricardo Blanche, proprietário da agência Minha Paris, especializada no atendimento a turistas brasileiros.

"Nos passeios desta semana, por exemplo, tenho mostrado para os brasileiros que, apesar de todo esse aparato de segurança, os cafés e restaurantes continuam abertos. A vida continua em Paris", completa ele.

Entre abril e outubro deste



Charles Platiau - 9.jul.2014/Reuters
 Turistas tiram foto perto do Museu do Louvre, em Paris

ano, 80 mil brasileiros usaram os serviços da agência. Por semana, são, em média, 1.500 pessoas. "Registramos uma queda de 8% das reservas até agora. Para o final do ano, ainda não tivemos cancelamentos mas, infelizmente, sabemos que vai ocorrer."

QUEDA

Segundo a consultoria MKG Hospitality, a taxa de ocupação dos hotéis parisienses caiu 23,1 pontos do domingo passado (15) ante a mesma data de 2014 na escala adotada pela consultoria.

"O objetivo da nossa metodologia de comparar o mesmo dia em anos diferentes é o de permitir a leitura do impacto específico dos atentados em relação a uma situação considerada normal", explicou Adrien Lanotte, responsável do departamento de pesquisas e marketing da consultoria.

O indicador da consultoria representa 30 mil quartos de hotel em Paris. Ou seja, cerca de 40% da oferta da capital francesa.

Quanto à queda dos preços das diárias, ele afirma que

ainda é cedo para ver uma queda sustentada.

"A situação ainda está muito volátil. Por esse motivo, também fica difícil fazer projeções para o final do ano", pondera.

IMPACTO

Lanotte considera, porém, que o impacto dos atentados será maior que o efeito sentido pelo turismo no começo deste ano, quando ocorreu o ataque contra a sede do jornal "Charlie Hebdo".

Principal grupo hoteleiro da França, o Accor também considera que agora há uma tendência de retração maior do que a registrada após os ataques de janeiro.

A rede não quis divulgar o total de reservas anuladas desde sexta, mas informou que decidiu estender por até seis meses a possibilidade de adiamento das reservas sem custo adicional.

O Paris Info, organismo oficial do turismo em Paris, afirma em comunicado que ainda "não é possível reunir neste momento todas as informações dos setores do setor de turismo para fazer previsões".

No entanto o comportamento recente do mercado permite ter uma noção do que está por vir.

No primeiro semestre de 2015, a capital francesa registrou 75 milhões de entradas nos hotéis, uma queda de 1,8% em relação ao mesmo período de 2014.

"Esse recuo deve-se essencialmente aos efeitos dos atentados de janeiro. No primeiro trimestre, a queda das entradas contra o ano anterior foi de 3,3%", diz relatório do órgão.

ANEXO 21: reportagem *Estado Islâmico S/A*

FOLHA DE S.PAULO

SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2015 ★ ★ mundo A13



PARIS SOB ATAQUE



Refinaria de petróleo de Baiji, ao norte de Bagdá, que o Iraque diz ter retomado do EI

Thaler Al-Sudani - 16.out.2015/Reuters

estado islâmico S/A

PATRICIA CAMPOS MELLO DE SÃO PAULO

O Estado Islâmico funciona como uma corporação muito bem administrada, que detém o monopólio do petróleo numa área com mais de 12 campos de exploração, só faz negócios em dinheiro e vive de extorquir seus "clientes". Ao contrário da Al Qaeda, que dependia principalmente de doações de milionários estrangeiros, o EI é autossuficiente e tem um "portfólio" de atividades variado.

O principal negócio é o petróleo. O EI detém 60% da produção de petróleo da Síria e controla cerca de 12 campos de exploração em território sírio e iraquiano.

Segundo estimativas, o petróleo rende cerca de US\$ 2 milhões por dia para a facção. Mas quem compra o petróleo "roubado" pelo EI? Todo mundo, até o governo do ditador Bashar al-Assad, inimigo da facção. A população civil na Síria, os curdos do norte do país, a oposição, todos dependem do petróleo vendido pelo EI. É muita gente compra do EI com deságio e contrabanda o combustível barato para a Turquia.

Em algumas cidades turcas na divisa com a Síria, moradores usam tubos de plástico enterrados no solo, originalmente utilizados para irrigação, para trazer o petróleo sírio. Caminhões-tanque de toda a Turquia vêm comprar.

A polícia turca fazia vista grossa, mas, pressionada pelos EUA, começou a fechar o cerco. As restrições só tornaram os contrabandistas mais criativos. Eles agora atravessam a fronteira a pé, em mulas ou cavalos, levando galões de petróleo sírio.

Em um dos maiores campos sírios sob controle do EI, o de Al-Omar (bombardeado pelos franceses dias antes dos ataques em Paris), há uma fila de 6 km de caminhões-tanque, segundo o "Financial Times". Esses caminhões compram o petróleo e vendem para contrabandistas ou direto para refinarias.

Muitas instalações de refino foram bombardeadas pela coalizão liderada pelos

Facção terrorista funciona como corporação cujo principal negócio é o petróleo; organização ainda lucra com extorsões, sequestros e doações de simpatizantes

EUA. Então sírios "empreendedores" montaram refinarias de fundo de quintal, em que queimam o combustível e usam buracos no chão.

O diesel resultante é de péssima qualidade – por isso muitos carros na Síria estão quebrados. Mas o preço é um terço do "oficial".

"A única coisa que existe nessa região é o petróleo, e as pessoas precisam disso para viver", explica o especialista em Síria Joshua Landis, chefe do centro de estudos de Oriente Médio da Universidade de Oklahoma.

Nesta segunda (16), os EUA anunciaram que bombardearam uma fila de caminhões-tanque em Deir Ezzor, na Síria. Caças jogaram folhetos avisando aos caminhoneiros que eles deveriam deixar os

veículos. Depois disso, jogaram 24 bombas de 225 quilos, destruindo cem veículos.

Os americanos relutam em bombardear caminhões, porque os motoristas são civis. E não podem simplesmente destruir todas as instalações de exploração e refino controladas pelo EI, porque isso dificultaria a recuperação do país no pós-guerra.

"O maior desafio é cortar as fontes de financiamento do EI sem prejudicar a população civil que vive sob controle da facção (cerca de 10 milhões)", diz Yezid Sayigh, pesquisador do Carnegie Middle East Center, em Beirute.

"A maior parte do petróleo produzido pelo EI na Síria é vendido para outras partes do país, então interromper o fornecimento afeta hospitais e transportes, que precisam de diesel para funcionar."

Restringir a compra do petróleo contrabandeado para o exterior também é difícil. Vários países impõem sanções contra indivíduos que compram petróleo do EI, mas a Força-Tarefa de Ação Financeira, órgão de combate ao terror, admite ser impossível determinar de onde veio o petróleo apreendido. Para completar, o EI só vende a dinheiro.

"Mesmo assim, um fechamento completo da fronteira da Turquia com a Síria [muito porosa] é essencial para bloquear o mercado para pe-

tróleo e antiguidades contrabandeadas, e interromper esse comércio não afeta a população local, mas prejudica o EI", afirma Sayigh.

Os bombardeios da coalizão vêm diminuindo a capacidade de exploração e refino do EI. A queda do preço do petróleo, abaixo de US\$ 40 o barril, é outro golpe na maior fonte de receita da facção.

Além disso, o EI tem muitos gastos, porque mantém um Estado: paga salários de servidores, subsidia pão para a população e usa cada vez mais combustível em suas operações militares.

EXTORSÃO E SEQUESTRO

Mas o EI tem a vantagem de ter diversificado negócios. A facção lucra cerca de US\$ 12 milhões por mês com "impostos" (eufemismo para extorsão) cobrados nas cidades que domina, estima o centro de estudos Brookings.

Caminhões que trafegam no oeste do Iraque pagam "taxa alfandegária" de US\$ 300. Em Raqqa (Síria), o EI cobra US\$ 20 de comerciantes a cada dois meses em troca de eletricidade, água e segurança.

Farmácias em Mossul, capital da facção no Iraque, pagam uma taxa de 10% a 35% do valor dos remédios. Estudantes de ensino fundamental pagam US\$ 22 por mês, e universitários, US\$ 65.

Os agricultores precisam

entregar parte da colheita de trigo e cevada ao EI a título de "zakat" (imposto religioso). Cristãos vivendo em cidades dominadas pela facção pagam a taxa chamada "ly-zia", para evitarem ser mortos por não ser muçulmanos.

O governo dos EUA suspeita que o EI tenha levantado o equivalente a pelo menos US\$ 500 milhões ao se apoderar de bancos no oeste do Iraque em 2014. Nas agências, o EI instalou gerentes e cobra 5% de todas as retiradas.

Outra fonte de receita são os sequestros, que renderam mais de US\$ 40 milhões ao EI em 2014, estima a FTAI. EUA e Reino Unido se recusam a pagar resgates. Mas a França, por exemplo, teria pago US\$ 18 milhões para soltar quatro reféns. A facção também sequestra iraquianos e sírios.

O EI também usa as redes sociais para levantar recursos. Membros pedem doações pelo Twitter, feitas por meio da compra de cartões pré-pagos de telefone, cujo número é enviado por Skype.

Os terroristas também têm programas de fidelidade: um clérigo usou o Twitter prometendo que, para cada doação de 50 dinares do Iraque, equivalentes a 50 balas de rifle, o doador receberia o "silver status".

Cem dinares, que compram oito balas de morteiro, equivalem ao "gold status". É muito difícil ter estimativas, mas cálculos do governo americano, FTAI e analistas indicam que o EI faturou pelo menos US\$ 1,2 bilhão no ano passado. Como comparação, o Taleban chegou a arrecadar US\$ 200 milhões por ano no Afeganistão, com tráfico de drogas e contrabando.

Contra a Al Qaeda, sanções financeiras eram mais eficientes porque os doadores muitas vezes usavam o sistema financeiro internacional.

No Estado Islâmico, só dinheiro vivo circula, normalmente por portadores, e a maioria das transações se dá dentro da Síria e do Iraque.

"O EI é a facção terrorista com maior poder financeiro que nós já enfrentamos", disse em discurso no ano passado David Cohen, subsecretário do Tesouro americano.

TERRITÓRIOS



FINANCIAMENTO DO ESTADO ISLÂMICO

Grupo terrorista obtém recursos com petróleo e sequestros



Contrabando de petróleo
O EI assumiu o controle de vários poços na Síria e no Iraque e vende o combustível a baixíssimos preços dentro dos dois países e para a Turquia



'Impostos'
Nas cidades dominadas pela facção, como Mossul e Raqqa, a população precisa pagar taxas para ter eletricidade e outros serviços públicos



lizia
Cristãos vivendo em cidades dominadas pelo EI pagam a taxa chamada "lizia", para que não sejam mortos por não serem muçulmanos



Resgate
EI sequestra estrangeiros, cidadãos sírios e iraquianos de classe média e pede resgate



'Dizim'
Muitos dos funcionários públicos em áreas dominadas pelo EI ainda recebem do governo e são obrigados a pagar um "dizim" ao EI



Contrabando de obras de arte
Vários museus foram saqueados pelo EI, que vende as obras no mercado negro



Doações
Seguidores da forma mais radical do islamismo, o wahabismo, de países como Arábia Saudita e Kuwait fazem doações à facção

ANEXO 22: reportagem *Câmara dos EUA endurece entrada de sírios*

A14 mundo ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

Câmara dos EUA endurece entrada de sírios

Projeto de lei, que Obama pode vetar, prevê análise individual de cada pedido de refúgio feito por sírios e iraquianos

Em Nova York, Hillary Clinton defende uma ampliação na ofensiva aérea e mais soldados para apoio contra o EI

MARCELO NINIO
DE WASHINGTON

A Câmara dos Deputados dos EUA aprovou uma lei que torna mais rigoroso o controle sobre a entrada de refugiados da Síria e do Iraque, em reação direta aos atentados terroristas em Paris.

Além do apoio unânime da oposição republicana, a proposta teve 47 votos de deputados democratas, apesar da oposição do presidente Barack Obama e de sua ameaça de vetar a lei.

A legislação aprovada nesta quinta (9) prevê que cada refugiado da Síria e do Iraque tenha seu pedido de asilo examinado pelo diretor do FBI (polícia federal), pelo secretário de Segurança Doméstica e pelo diretor de inteligência nacional.

A Casa Branca considera a tarefa impraticável. De acordo com o governo, o processo em vigor exige entre 18 e 24 meses para dar luz verde a refugiados, e é suficiente.

Para o republicano Paul Ryan, presidente da Câmara, a nova legislação reflete "os

“ Não podemos e não devemos esperar para agir, não quando a nossa segurança nacional está em jogo ”

PAUL RYAN
deputado republicano e presidente da Câmara dos Representantes, defendendo a aprovação do projeto de lei

O processo atual é seguro

JOHN KERRY
secretário de Estado dos EUA



Hillary Clinton deixa o Centro de Relações Exteriores, onde falou sobre o combate aos terroristas do Estado Islâmico

valores e responsabilidades" dos deputados diante dos riscos que os atentados de Paris deixaram evidentes.

"Não podemos e não devemos esperar para agir, não quando nossa segurança nacional está em jogo", disse.

SENADO

O destino da lei no Senado, porém, é incerto. Além disso, há a promessa de veto presidencial, embora os números da votação desta quinta indicam que o veto poderia ser derrubado.

No Senado, o secretário de Estado, John Kerry, disse que a luta contra o EI exige paciência e criticou a proposta de endurecer a entrada de refugiados, afirmando que "o processo atual é seguro".

Segundo ele, só 2% dos refugiados sírios que chegam aos EUA são do sexo masculino em idade de combate.

HILLARY

Para a antecessora de Kerry no cargo, Hillary Clinton,

os atentados em Paris reforçam a urgência em intensificar a operação militar contra o grupo terrorista Estado Islâmico (EI) no Iraque e na Síria.

A pré-candidata à Casa Branca defende ampliar a ofensiva aérea e enviar mais soldados americanos para apoiar rebeldes contra o EI.

"Esta é uma luta mundial,

“ Esta é uma luta mundial, e os EUA têm que liderá-la. A campanha contra o EI terá que combinar ataques aéreos e ação terrestre para recuperar território ocupado pelos terroristas ”

HILLARY CLINTON
pré-candidata à Presidência

e os EUA têm que liderá-la", disse Hillary em discurso no Centro de Relações Exteriores, em Nova York.

"A campanha contra o EI terá que combinar ataques aéreos e ação terrestre para recuperar território ocupado pelos terroristas", disse.

Ela deixou claro, porém, que não defende uma operação terrestre de grande escala com soldados americanos, como ocorreu no Iraque e no Afeganistão. Sua estratégia se baseia em ataques aéreos e apoio a forças locais.

Hillary apresentou uma estratégia bem mais agressiva que a de Obama, em novo passo que a distancia do presidente. Como secretária de Estado no governo de Obama (2009-2013), ela já havia sido favorável a um envolvimento maior na guerra civil da Síria. Hillary voltou a defender o estabelecimento de uma zona de exclusão aérea na Síria, outra ideia que sofre resistência no governo. Mas reconheceu que isso seria possível

com a cooperação da Rússia, que está envolvida ativamente em ataques aéreos no país.

"Se pressionarmos os dois lados da fronteira, por ar e por terra, assim como diplomaticamente, acredito que poderemos esmagar o enclave terrorista do EI. Nosso objetivo não é deter, mas derrotar o Estado Islâmico".

“ Não encontramos nenhuma ameaça crível aqui de um ataque nos moldes dos de Paris. E não vimos nenhuma conexão entre os Estados Unidos e os terroristas que agiram lá ”

JAMES COMEY
diretor do FBI

Para FBI, não há ameaça crível de ataque no país

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O diretor do FBI (polícia federal dos EUA), James Comey, disse nesta quinta-feira (19) que não há nenhuma ameaça crível de um ataque em solo americano semelhante aos realizados na semana passada em Paris.

Ele afirmou, porém, que a agência continua "se aprofundando nas investigações".

Comey e a secretária da Justiça, Loretta Lynch, falaram a jornalistas sobre os esforços antiterroristas.

Eles disseram que as autoridades americanas trabalham em estreita colaboração com seus colegas franceses e investigam qualquer ameaça feita contra os EUA.

"Não encontramos nenhuma ameaça crível aqui de um ataque nos moldes dos de Paris. E não vimos nenhuma conexão entre os terroristas que agiram lá e os EUA", disse Comey.

"A ameaça aqui se concentra principalmente em pessoas que estão sendo inspiradas ou instruídas via on-line para fazer algo violento pelo EI. Detivemos numerosas pessoas assim neste ano", afirmou.

SAUDÁVEL ATENÇÃO

Ele pediu aos americanos que transformem o medo em uma "saúdável atenção" do seu entorno e que relem qualquer coisa inusual que percebam. Loretta Lynch disse ser "impraticável" o projeto aprovado pelos deputados nesta quinta que exige que serviços de segurança investiguem cada iraquiano ou sírio que entre no país.



Em Jerusalém, manifestantes pedem libertação do espião americano-israelense Jonathan Pollard em protesto em 2014



Pollard em 1998, em uma das suas raras fotos na prisão

Após 30 anos, EUA libertam espião de Israel nesta sexta

Jonathan Pollard ainda cumprirá cinco anos de condicional; israelenses se queixam da pena, mas dizem que recrutá-lo foi um erro

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA.
EM TEL AVIV

Quando cruzar o portão do Complexo de Correção Federal Butler, na Carolina do Norte (EUA), o espião americano naturalizado israelense Jonathan Pollard, 61, terá detido para três 30 anos de prisão.

O ex-analista de inteligência da Marinha americana será indultado nesta sexta (20) conforme a lei dos EUA, apesar de ter sido condenado à prisão perpétua na mais longa sentença por espionagem

da história americana. A libertação, no entanto, não ajudará a decifrar quem é Pollard: um traidor americano ou um agente secreto traído pelos aliados israelenses. Nem esclarecerá por que ficou o tanto tempo preso quando espíões pegam, no máximo, dez anos de cadeia.

As respostas terão de esperar. Pollard ainda cumprirá cinco anos de liberdade condicional, durante os quais não poderá dar entrevistas ou sair dos EUA. "A longa condicional é para evitar que ele seja recebido como um herói por alguns em Israel", diz o especialista Eytan Gilboa. "Ele recebeu pena maior do que aqueles bem mais perigo-

sos de países inimigos. Não convencemos os americanos de que Pollard não tinha parceiro e de que não juntamos mais informação sobre eles", diz Danny Ayalon, 60, ex-embaixador de Israel nos EUA. "Muitos judeus americanos ficaram felizes por ele ter cumprido pena tão longa. Pollard causou dano enorme à comunidade", diz Azriel Bernant, do Instituto de Estudos de Segurança Nacional de Israel.

O espião também se tornou uma carta de troca na manga dos americanos. Quando o indulto foi anunciado, em julho, especulou-se que seria uma compensação à Israel pelo assassinato do acordo nuclear do Ocidente com o Irã.

O caso começou em 1984, quando Pollard contou os israelenses, oferecendo-se para repassar segredos aos quais tinha acesso na Marinha. Alegou amor por Israel, apesar de ter ido ao país só uma vez.

Segundo o investigador americano Ronald Olive, em 18 meses, ele roubou mais de 1 milhão de páginas de material secreto, como imagens de instalações químicas e biológicas no Iraque e na Síria e sítios nucleares no Paquistão.

Em 21 de novembro de 1985, imaginando ter sido desmascarado, Pollard e sua mulher na época, Anne, decidiram pedir asilo na embaixada de Israel em Washington. Ambos foram presos.

A princípio, as autoridades israelenses negaram qualquer ligação. Furiosos, os americanos exigiram que Israel devolvesse todos os documentos e colaborassem totalmente.

O então premiê Shimon Peres aceitou os termos. Mas, na prática, o governo encobriu e falsificou evidências, devolvendo só parte dos documentos e omitindo nomes. "Cometemos muitos erros. Mas o principal foi recrutar Pollard. Não havia necessidade de, para conseguir mais uma vigula de informação sobre os EUA, colocarmos em perigo nossa relação com Washington", diz Danny Ayalon. Em 1987, a Justiça condenou o espião à prisão perpétua por causa de um parecer de 46 páginas (até hoje secreto) do então secretário da Defesa, Caspar Weinberger.

O primeiro passo de Pollard será, provavelmente, se reunir com a segunda mulher, a religiosa canadense Esther, com a qual se casou em 1991 após divorciar-se de Anne — que cumpriu cinco anos de prisão. Depois, se mudará para Nova York, onde começará a apelar à Justiça para diminuir o tempo de condicional.

Em Israel, as autoridades não festejam a soltura, ao menos abertamente. "Israel deve tratá-lo com compaixão, mas não como herói. Não devemos jogar mais sal na ferida", diz Ayalon. (DANIELA KRESCH)



ANEXO 23: reportagem *UE vai aumentar controle de fronteiras*

A10 mundo ★ ★ SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

UE vai aumentar controle de fronteiras

Todos que entram e saem do bloco passarão a ser registrados em arquivo; medida deve entrar em vigor já neste ano

França vai reexaminar condições para vistos; espaço Schengen, de livre trânsito na região, pode ser modificado

VINICIUS TORRES FREIRE
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

A União Europeia pretende aumentar o controle de suas fronteiras, mesmo para viajantes com cidadania europeia. O plano de vigilância mais rigoroso foi decidido nesta sexta (20) em reunião extraordinária de ministros europeus de Justiça e Interior (policia), em Bruxelas, solicitada pela França.

Entre as medidas prioritárias estão o controle de reentrada de europeus no bloco e a criação de um registro de todos os viajantes que entram e saem da região, o PNR ("Passenger Name Record", registro de passageiros).

O pacote deve entrar em vigor até o final do ano, mas depende de aprovação também do Parlamento Europeu.

Fontes diplomáticas francesas dizem ainda que o país vai "necessariamente rever, mas não obrigatoriamente modificar", as condições de concessão de visto de entrada para viajantes sem cidadania europeia.

Ou seja, estão em estudo medidas que vão alterar pelo menos as viagens para a França, embora "todos os países devam rever a política de fronteiras".

As informações dos documentos de identidade, biométricas e a respeito das viagens de quem entra na UE serão cruzadas com dados do Sistema de Informações Schengen, da Europol e da Interpol.

Dessa maneira, poderão ser identificados suspeitos de terrorismo ou que estejam com prisão decretada.

Schengen é nome dos tratados que regulam a livre circulação de europeus por 26 países da Europa signatários

— a maior parte da UE e alguns de fora do bloco, como Islândia, Noruega e Suíça.

A corrida para modificar a política de controle de fronteiras recomeçou com os atentados de Paris. Terroristas e suspeitos reconhecidos viajaram pela Europa livremente, mesmo os que vinham da Síria do Estado Islâmico.

Alguns deles estão envolvidos no atentado do dia 13.

Além disso, governos europeus não repassaram pistas de que havia terroristas a caminho da França, o que irritou o governo daqui.

EUROPEUS NA FILA

Viajantes europeus não estavam até agora sujeitos a esse controle. Mesmo os estrangeiros, que devem apresentar passaportes ao entrar na UE, podem atravessar certas fronteiras sem que seus dados sejam verificados, pois não há terminais de consulta a bases de dados policiais e judiciais em todos os países.

Como se não bastasse, nem todos os países fornecem mesmo as informações mais burocráticas para a base de dados europeia.

Pior ainda, os governos europeus não trocam informações descobertas por suas polícias, de segurança do Esta-

“ Não há o que obrigue [os países da UE] a trocar informações. O que a UE pode fazer é pouco, seus sistemas de informações são da Idade Média ”

PIERRE BERTHELET
ex-conselheiro do Ministério da Justiça da Bélgica

do e de espionagem.

“Os governos dos Estados-membros, no melhor dos casos, hesitam em trocar informações relativas a segurança e normalmente tratam como segredo nacional”, diz Pierre Berthelet, ex-conselheiro do ministro da Justiça da Bélgica, professor do Instituto de Estudos Políticos (Sciences Po Lille) e especialista em direito e política de segurança europeia.

“Quando há colaboração e compartilhamento de informações, trata-se de decisões e conversações bilaterais.”

Além de colaboração, falta infraestrutura.

“A Grécia não tem controle nem equipamentos suficientes. Existe lá uma imensa janela de entrada tanto de refugiados sofridos, que merecem nossa compaixão, como de terroristas e outros elementos indesejáveis”, diz um diplomata francês que pede anonimato referindo-se ao principal país a servir de porta de entrada de refugiados.

“Vai ser preciso muito dinheiro e alguma energia para criar essa infraestrutura de vigilância em certos países.”

Berthelet diz que os problemas vão além, são institucionais. Segundo o pesquisador, não existe uma autoridade penal europeia. “Menos ainda existe polícia europeia. Existe a Europol, Agência de Polícia Europeia, que não tem de fato poder de polícia.”

A Europol é apenas uma agência de colaboração entre polícias europeias e entre estas e países como os EUA.

“Nos momentos de crise, fala-se muito de criar uma agência de informação europeia ou surgem palavras grandiosas e vazias como a ideia de uma ‘Lei Patriótica’ [que ampliou os poderes do presidente dos EUA, entre outras coisas]. Mas não podemos, nem mesmo legalmente por ora, ter um ‘fBI europeu’”, diz Berthelet.

“Há poucas organizações europeias [de combate a crime e terrorismo] porque cada país insulara como seu direito soberano o combate ao terrorismo”, explica o professor francês.

“Não há mecanismo que os obrigue a uma colaboração ou a trocar informações. O que a UE pode fazer é muito pouco, e os sistemas de informações [de segurança] europeus são da Idade Média.”

FRANÇA QUER MAIS

A UE “pretende” aumentar o rigor porque a decisão não depende apenas de autoridades administrativas e executivas da UE, mas também do Parlamento, que entre outras medidas terá de aprovar mudanças no Código de Fronteiras de Schengen.

No entanto, depois de anos rastejando no “governo” e em comissões parlamentares, parece agora haver consenso que as medidas vão avançar. O controle de europeus que reentram na UE deve começar até o final do ano.

A França vai manter o controle de fronteiras “enquanto a ameaça terrorista assim o exigir”, disse o ministro do Interior, Bernard Cazeneuve.

Além de fichar viajantes que entram na UE no PNR, a França quer registrar dados de passageiros que circulam no espaço Schengen.

Depois dos atentados do 11 de Setembro, os EUA pediram aos europeus os dados dos passageiros que deixavam a UE. Conseguiram só em 2012 que UE aprovasse uma lei autorizando o registro de dados.

Desde então, França, Espanha, Reino Unido e Bélgica, mais afetados pelo terrorismo, fazem campanha por uma base de dados, até então rejeitada por ameaçar liberdades individuais, segundo seus críticos.

ESPAÇO SCHENGEN

■ Países que pertencem ao Espaço Schengen
■ Países da UE que não pertencem ao Espaço Schengen
■ Países pertencentes à UE e ao Espaço Schengen



Soldados belgas patrulham a região central de Bruxelas

Só no Pontofrio você encontra ofertas assim:
tudo sem juros* pra você.



48" LED Wi-Fi

SAMSUNG TV 48" LED HD
• Conversor digital
• Acesso à internet

12X R\$ 174,90
sem juros no Cartão Pontofrio®
R\$ 2.098,80 à vista

pontofrio
viva a imaginação

Parcela em até 10x com seu Cartão Pontofrio.

A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. www.pontofrio.com.br/trabalheconosco

Validade: 21/11/2015, limitado ao estoque. Não vendemos por atacado. *Condições em 12x sem juros e 10x sem juros para financiamento no cartão de crédito. OF não 3030 (capitais) ou 0800 720 3030 (demais localidades). Reclamações, cancelamentos fique satisfeito, de posse do protocolo, contate a Ouvidoria 0800 570 0011. Deficientes para as lojas físicas Pontofrio. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual e

acesse pontofrio.com | TeleVendas 3 004

ANÁLISE**Pressão por maior cobertura de mídia de Paris vem do próprio público leitor**NELSON DE SÁ
DE SÃO PAULO

Não foram só jornalistas que sentiram o impacto dos atentados em Paris e a importância de cobrir extensivamente e, mais até, responder a eles. Foram, por exemplo, os usuários do Facebook.

“Percebemos uma quantidade muito grande de atividade, pessoas trocando informações”, postou um vice-presidente do Facebook, Alex Schultz. Foi o que levou a acionar a ferramenta Safety Check em Paris, permitindo o envio da mensagem “estou em segurança”, até então restrita a desastres naturais.

No Twitter, na mesma direção, espalhou-se a hashtag

#PorteOuverte, oferecendo abrigo às vítimas na cidade.

E em sites como “Le Monde”, além da prioridade de filtrar o que era verdade nos relatos de internet e TV, a cobertura também se mostrou mais participativa, até emocional. O jornal francês permitiu que os leitores fizessem perguntas via live-blogging, diretamente à Redação, para respostas em tempo real.

No “New York Times”, o editor-executivo Dean Baquet congratulou sua Redação pela cobertura “em todas as plataformas, exemplo do que é um ‘NYT’ transformado e como serve seus leitores ao redor do mundo”. Entre as novidades, a opção de atualizações via e-mail, escapando do

burburinho das redes sociais.

E mais envolvente, emocionante, no final da semana o “NYT” postou um vídeo de realidade virtual (para assistir com visor, mas também na tela comum de computador ou aparelho móvel, em 360 graus) que permitiu a leitores pelo mundo se sentirem parte das vigílias em Paris.

Mas não faltaram contravérsias editoriais. Escaldado por seus erros pós-11 de Setembro, o mesmo “NYT” tirou do ar às pressas uma reportagem com autoridades anônimas responsabilizando a criptografia pelos atentados — e depois publicou editorial acusando o ditador da CIA de mentir.

De forma mais ampla, o Fa-

cebook foi sufocado por questionamentos à decisão de oferecer um filtro de foto com a bandeira da França, mas não com a do Líbano, alvo de atentado na véspera. E por criar o Safety Check em Paris mas não em Beirute.

O próprio Mark Zuckerberg, presidente do Facebook, precisou se explicar. Não citou o filtro, mas postou que os questionamentos sobre o Safety Check eram “curtos”. “Nós nos importamos com todos as pessoas igualmente, e vamos trabalhar duro para ajudar os que estejam sofrendo em todas as situações que pudermos”.

Na quinta (19), acionou na Nigéria, mas na sexta (20) os questionamentos voltaram, pois o Facebook não estava acionando o Safety Check no Mali, nem disponibilizando o filtro. Até a conclusão desta edição, Zuckerberg não havia se explicado.

ANEXO 24: reportagem *Europa tem desafio de conter escalada da radicalização on-line*

FOLHA DE S. PAULO

SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO DE 2015 ★ ★ mundo A11



Manifestação a favor do Estado Islâmico em frente à sede do governo de Mosul, no Iraque

PARIS SOB ATAQUE

Europa tem desafio de conter escalada da radicalização on-line

Apesar de medidas de segurança no mundo 'real', atração de jovens para causas radicais acontece pela internet

Combate ao extremismo também exige maior atenção à periferia, onde moradores se sentem esquecidos

DO ENVIADO ESPECIAL A BRUXELAS

Uma semana depois do massacre em Paris, governos europeus têm anunciado o incremento de suas medidas de segurança. Mesquitas, fronteiras e chamadas telefônicas estão sob escrutínio.

Mas a radicalização de jovens, como aqueles que viajaram à Síria para lutar ou que se envolveram nos atentados recentes, acontece hoje em um espaço no qual as autoridades ainda não conseguem se impor: a internet.

"No mundo real, é mais fácil prevenir", afirma à **Folha** Bilal Benyaich, pesquisador belga especializado em extremismo. O desafio no combate à radicalização é, diz, identificar essas estruturas on-line e enfrentá-las ali.

O debate em torno das mesquitas é um exemplo do que Benyaich sugere. As vertentes radicais do islã são pregadas em uma minoria desses locais de culto, mas têm forte presença na rede.

"A interpretação radical do islã é desproporcional na internet. É um desafio para os moderados, que precisam desafiá-lo e radicalismo ali", diz. "Há redes locais que coletam fundos, e a maior parte do planejamento da viagem à Síria é feita on-line."

Analistas como Benyaich sugerem que governos se envolvam na contranarrativa virtual, apoiando organizações moderadas na produção de seus próprios sites e locais de diálogo, na internet.

PERIFERIA

Mas o combate ao extremismo também passa pelas comunidades periféricas. Diversos dos terroristas envolvidos nos atentados recentes estavam conectados, por exemplo, à região de Molenbeek, subúrbio de Bruxelas.

Ali, a reportagem da **Folha** ouviu de diversos moradores — não apenas muçulmanos — que abandonaram por parte do governo é um ingrediente fundamental na radicalização de jovens locais.

"O governo esqueceu-se de Molenbeek", diz um comerciante que prefere não se identificar.

"Para os extremistas, é fácil recrutá-los. Esses jovens são vítimas", diz,

Após operações policiais no bairro, o estudante de medicina Alexander Kobbsai, 22, participava ali de uma vigília pela paz.

"As pessoas só falam de Molenbeek quando há violência, mas nunca se lembram da diversidade dos subúrbios", diz. Ele nasceu no bairro. "O governo não oferece educação, e extremistas se aproveitaram disso."

O premiado belga propôs na quinta (19), entre outras medidas, o controle de mesquitas que atuam ilegalmente. Na sequência de ataques como o de Paris, esses espaços costumam ficar embaixo dos holofotes, como principais suspeitos da radicalização.

Mas o imã (líder religioso) Adnan Ferroz, de uma mesquita paquistanesa local, afirma que as autoridades também têm a sua parcela de culpa no processo.

"Após o ataque, o governo afirmou que vai 'limpar' Molenbeek. Esse tipo de discurso é que coloca ódio na cabeça dos jovens."

SHARIA À BÉLGICA

Esse ódio, por sua vez, é manipulado por organizações extremistas. No caso da Bélgica, o protagonismo é sem dúvida do Sharia à Bélgica, grupo radical recentemente desmontado. Sua liderança foi condenada em fevereiro deste ano em um mega-julgamento na Antuérpia.

Foi o Sharia à Bélgica, por exemplo, que recrutou Brian Mulder. Filho de uma brasileira, Mulder viajou à Síria, onde recentemente morreu como uma figura de destaque no Estado Islâmico. Ele era conhecido, em árabe, como "Abu Qassem Brasileiro".

"Sharia à Bélgica foi uma incubadora de radicais", disse à reportagem Pieter Van Ostaeen, especialista no extremismo belga.

"Muitas pessoas não estavam afiliadas a eles, mas foram à Síria após ouvir sua mensagem. Foi também um catalisador."

Apesar de ser conhecida pelas autoridades belgas, essa organização terrorista operou no país por anos — incluindo uma outrora influente, e agora desativada, página dentro da internet.

(DIOGO BERTHO)

15 Quilos
Electrolux
Lavadora automática
* Função economia de água
* Ciclo de inox

10x R\$ 159,90
sem juros
R\$ 1.599,00 à vista

EPSON
Multifuncional L365
EcoTank
* USB

R\$ 999,00
à vista
10x R\$ 99,90
sem juros

Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site

exclusivas para os produtos anunciados: no Cartão Pontofrio incluso. Para dúvidas sobre o Cartão Pontofrio, ligue para 3003 e informações gerais, ligue para o SAC 0800 724 4845. Caso não auditive/fale: 0800 724 4838. Fotos ilustrativas. Ofertas válidas televisuals.

pontofrio
viva a inovação

- 6 8 8 6 seg. a sáb.: das 8h à 0h - dom.: das 8h às 20h

Cúmplice de atentado teve vida boêmia pré-EI

Polícia diz que Hasna Aitboulhacen, morta em ação em Saint-Denis, não se explodiu

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Prima de Abdelhamid Abaaoud, mentor dos ataques em Paris, a francesa de origem marroquina Hasna Aitboulhacen, 26, tinha uma vida boêmia antes de começar a se radicalizar, em 2013.

Nesta sexta, a polícia anunciou que chegou a 130 o número de mortos nos atentados do dia 13 de novembro.

Na quarta (18), ela morreu junto com o primo durante uma operação policial em um apartamento de Saint-Denis, na periferia de Paris.

Inicialmente, a polícia havia afirmado que ela havia se explodido na ação. Os agentes, porém, afirmaram nesta sexta (20) que a bomba foi detonada por um homem, cujo corpo foi encontrado ontem.

Segundo amigos, Hasna bebia muito, fumava e saía

com frequência para boates, atitudes pouco associadas a muçulmanas e fora da cartilha para qualquer mulher seguidora do Estado Islâmico.

Eles afirmam que a jovem era extrovertida e "um pouco sem noção" e usava um chapéu de caubói nas festas. A transformação teria começado seis meses atrás.

Os vizinhos dela em Aulnay-sous-Bois, na região metropolitana de Paris, dizem que a jovem passou a usar o hijab, viu que deixava apenas o rosto da mulher à mostra.

Um homem que não quis se identificar afirmou que, apesar da vestimenta, ela não parecia estudar a religião.

"Nunca a vi com um Alcorão", disse à agência AFP.

Em uma rede social, no entanto, Hasna manifestou seu desejo de ir à Síria em mensagem escrita em junho.

O Procurador de Paris, François Molins, afirma que eles conseguiram chegar ao apartamento de Saint-Denis graças ao monitoramento por GPS do celular de Hasna, que estava em liberdade condicional por porte de drogas.

Ela foi a primeira a sair do prédio quando a polícia chegou. Em seguida, Abdelhamid Abaaoud e o outro homem abriram fogo.

A informação de que um homem teria explodido condiz com os fundamentos do Estado Islâmico. Segundo especialistas, o chefe da milícia radical, Abu Bakr al-Baghdadi, impede que mulheres participem de combates.

VÍDEO

Nesta sexta, investigadores disseram à rede de TVY CNN que Abaaoud apareceu nas imagens do circuito inter-

no da estação de metrô Croix de Chavaux minutos após os ataques de 13 de novembro.

Suas impressões digitais também apareceram em um dos fuzis AK-47 usados no a restaurantes da rue Charonne, em Paris. A estação Croix de Chavaux fica a sete paradas do local e a nove do Bataclan, onde três homens-bomba mataram 89 pessoas.

As duas informações são indícios de que, além de planejar, ele também participou ativamente das ações.

Sem dar nome, a Procuradoria de Paris confirmou que o terceiro homem-bomba que agiu na região do Stade de France no dia 13 entrou com passaporte sírio pela Grécia em 3 de outubro. Anteriormente, fora identificado Ahmad al-Mohammad, 25, que se explodiu na primeira ação perto do estádio.



A francesa Hasna Aitboulhacen, em imagem no Facebook

Reprodução/Facebook

ANEXO 25: reportagem *Chefe do EI lidera com violência e assistencialismo*

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO DE 2015 ★ ★ ★ mundo A15

O TERROR NO ISLÃ

Adoção de táticas terroristas por fundamentalistas religiosos ganha fôlego desde 2000

OS GRUPOS ABAIXO PERTENCEM AO RAMO SUNITA*

Estado Islâmico
Criação: 1999 **Líder:** Abu Bakr al-Baghdadi
 > **Base:** Iraque e Síria
 > **Área de atuação:** Oriente Médio e, recentemente, com ação na Europa
 > **Força estimada:** 80 mil, segundo o EI; 30 mil, segundo os EUA
 > **Características:** declarou a criação de um califado, recruta ocidentais, faz amplo uso da mídia e é extremamente violento

Frente al-Nusra
Criação: 2011 **Líder:** Abu Muhammad al-Julani
 > **Base:** Síria
 > **Área de atuação:** Síria
 > **Força estimada:** de 5.000 a 6.000 membros
 > **Características:** formada na Síria como extensão da Al Qaeda no Iraque. É um dos mais fortes opositores do regime de Bashar al-Assad

Al Qaeda
Criação: 1988 **Líder:** Ayman al-Zawahiri
 > **Base:** Afeganistão, Paquistão
 > **Área de atuação:** global
 > **Força estimada:** segundo os EUA, é impossível calcular seu tamanho
 > **Características:** primeira organização global, cresceu sob o apoio do Taleban no Afeganistão e foi a responsável pelo 11 de Setembro

Al Shabaab
Criação: 2006 **Líder:** Ahmed Omar
 > **Base:** Somália
 > **Área de atuação:** Somália, Quênia, Djibouti
 > **Força estimada:** ao menos 3.000 membros
 > **Características:** afiliado à Al Qaeda, combate forças somalis e persegue cristãos, como os 147 mortos em universidade no Quênia em abril passado

Boko Haram
Criação: 2002 **Líder:** Abubakar Shekau
 > **Base:** Nigéria
 > **Área de atuação:** Nigéria, Chade, Niger, Camarões
 > **Força estimada:** cerca de 9.000 membros
 > **Características:** é conhecido pelo sequestro de mulheres e meninas, é contra a "ocidentalização" e quer o fim do Estado secular

OUTROS GRUPOS
 > Al Qaeda no Magreb Islâmico (Argélia, Mauritânia, Mali e Niger)
 > Al Qaeda na Península Arábica (Iêmen, Arábia Saudita)
 > Ansar al Sharia (Líbia)

*O *ihadismo*, em sua forma atual, deriva, em grande parte, da escola de pensamento wahabita. Fontes: Departamento de Estado dos EUA, CIA, Rand e NYT

PARIS SOB ATAQUE

Chefe do EI lidera com violência e assistencialismo

Abu Bakr al-Baghdadi foi solto de prisão americana por ser 'de baixo risco'

Terrorista iraquiano tem três mulheres, joga futebol e exige respostas imediatas por WhatsApp

PATRÍCIA CAMPOS MELLO DE SÃO PAULO

Quando morava em Bagdá, Ibrahim Awwad Ibrahim al-Badri montou um time de futebol para os frequentadores da mesquita onde trabalhava. Ele jogava bem e costumava fazer piada, dizendo que era o "Maradona do Iraque". Hoje, Badri continua fascinado por futebol. Mas é conhecido apenas por seu nome de guerra, Abu Bakr al-Baghdadi. E perdeu o costume de fazer piadas.

Ele é o líder do Estado Islâmico, facção terrorista responsável pelos ataques em Paris que mataram ao menos 130 pessoas no último dia 13. Estima-se que, no Iraque e Síria, o EI tenha de 35 mil a 50 mil combatentes, segundo o livro "Under the Black Flag" (Sob a bandeira negra, ainda sem tradução em português), do historiador sírio Sami Moubayed.

Nestes dois países, a facção controla um território de área desconhecida, que estimativas colocam entre 90 mil km² e 250 mil km² (algo entre Santa Catarina e São Paulo). A vida de Baghdadi é cercada de sigilo. Só seus colaboradores mais próximos já o encontraram. Muitos só o viram com o rosto coberto por um pano. Mas são conhecidos alguns detalhes sobre a ascensão desse líder terrorista de supostos 44 anos. Baghdadi nasceu em 1971 em uma família de classe média baixa em Samarra, a 125 km ao norte de Bagdá. O pai era clérigo. Baghdadi era uma criança quieta e retraída. Mudou-se para Bagdá com a família em 1989. Lá, traba-



Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico, no Iraque

lhou em uma mesquita, fez graduação e mestrado em estudos islâmicos e doutorado em tawhid (conjunto de regras de recitação do Alcorão).

Logo após invasão do Iraque pelos americanos, em 2003, ajudou a fundar um grupo militante islâmico. No fim de janeiro de 2004, foi capturado pelos americanos e passou quase um ano na prisão Camp Bucca, que se transformou em um viveiro de futuros integrantes do EI. Baghdadi foi solto, considerado "de baixo risco" pelos americanos. Ele e seu grupo passaram a fazer parte da Al Qaeda no Iraque em 2006.

Após a morte dos dois líderes da facção, Baghdadi assumiu em 2010. No fim de 2013, rompeu com a Al Qaeda.

Segundo Moubayed, Baghdadi tem três esposas. A primeira é sua prima e mãe de seus cinco filhos mais velhos. Nunca foi vista em público. A segunda é mãe de seu filho Ali. A terceira, favorita,

é a iraquiana Saja al-Duleimi. Ela vem de uma das tribos islâmicas e doutorado em casamento ajudou Baghdadi a ascender socialmente. Mas há rumores de que Baghdadi teria se casado novamente, com uma alemã que entrou no EI neste ano.

"Há muitas coisas de que Baghdadi não gosta: a primeira é ser chamado de Baghdadi", conta Moubayed. "Seu nome oficial é califa Ibrahim." No dia 29 de junho de 2014, Baghdadi publicou um vídeo no YouTube se autoproclamando o califa da região dominada pelo EI.

PODER

O termo califa significa sucessor de Maomé, o profeta do islã. O califa governa um estado soberano de população muçulmana sunita. Segundo a tradição, o califa precisa ser descendente do poderoso clã Quraysh de Meca.

Baghdadi afirma ser descendente desse clã e usa isso

para reforçar sua legitimidade e conquistar seguidores, diz Charles Lister em relatório para o centro de estudos Brookings, nos EUA.

Um dos segredos da eficiência do EI é juntar ex-integrantes do partido Baath no Iraque, o mesmo de Saddam Hussein, que têm muito conhecimento militar, com sunitas fascinados pela volta do califado e sunitas pobres atraídos pelos bons salários oferecidos pela facção.

Baghdadi se comunica com seus funcionários por aplicativos como WhatsApp e Skype (mais difíceis de rastrear) e exige respostas imediatas. Frequentemente entra em detalhes mínimos e convoca subordinados no meio da noite.

No autoproclamado "califado", está em vigor uma versão radical da lei islâmica.

Decapitações são comuns na praça principal de Raqqa (Síria). Cabeças de infindos, espítes e prisioneiros de guerra são deixadas em estacas até apodrecerem. Quando a pessoa é acusada de ser homossexual, o EI a joga do alto de um prédio. Acusadas de adultério são apedrejadas até a morte.

Policiais do EI verificam se todas as pessoas com mais de sete anos comparecem às cinco orações diárias nas mesquitas. Nos postos de checagem, todos são revistados em busca de itens proibidos: iPods, esmalte, rímel, absorvente, desodorante, cigarros. Mas Baghdadi sabe que um dos principais motivos do poder da facção é ela cumprir o papel de Estado assistencialista em comunidades sunitas marginalizadas pelos governos do Iraque e da Síria.

Por isso, oferece até "bolsa família" nessas áreas — em 2014, deu US\$ 66 a cada família que declarou lealdade. A facção mantém um programa de subsídio de materiais de construção para recém-casados, vacinação e um órgão de defesa do consumidor.

NA CVC, TODO DIA É BLACK FRIDAY

350 MIL LUGARES EM OFERTA TUDO MUITO BARATO

Para viajar em Dezembro · Natal · Réveillon · Janeiro · Fevereiro

Na CVC, você faz bons negócios todos os dias e não precisa esperar até sexta-feira para comprar a sua viagem. Você encontra hoje as melhores ofertas para viajar pelo Brasil e pelo mundo na CVC.

TUDO EM ATÉ 10X SEM JUROS

ENCONTRE A CVC MAIS PRÓXIMA DE VOCÊ NO WWW.CVC.COM.BR/LOJAS, CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU ACESSO O SITE.

GRAND PLAZA SHOPPING..... 4979-5006	HIPER CARREFOUR VERGUEIRO..... 4122-9877	HIPER EXTRA CONGONHAS..... 5094-4306
HORTO FLORESTAL..... 2261-3878	SHOPPING CIDADE SÃO PAULO..... 3266-7202	PARK SHOPPING SÃO CAETANO..... 4233-8400
HIPER WALMART VILA GUILHERME..... 3578-3094	HIPER CARREFOUR PINHEIROS..... 5182-5662	ALPHAVILLE..... 4191-9198
ALFONSO BOVERO..... 3883-9272	HIPER CARREFOUR ARICANDUVA..... 2349-5380	SHOPPING WEST PLAZA..... 3477-4242
SHOPPING ANÁLIA FRANCO..... 2188-5300	SHOPPING ITAQUÁ..... 2500-5626	HIPER SONDA JACANÁ..... 2243-2020
HIPER EXTRA TIQUATIARA..... 2484-5322	SUZANO..... 4748-4698	CONTINENTAL SHOPPING..... 3714-3300
SHOPPING BOA VISTA..... 5547-6477	HIPER WALMART SBC..... 4339-4181	OSASCO PLAZA SHOPPING..... 3452-3600

Consulte condições com nossos vendedores.

sempreComCVC
cvc.com.br

ANEXO 26: reportagem *Cidade mais islâmica da França vive dias de desconfiança*

A16 mundo ★ ★ ★ DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

PARIS SOB ATAQUE

Cidade mais islâmica da França vive dias de desconfiança

Ao contrário do que ocorre no resto do país, muçulmanos se dizem à vontade em Roubaix, fronteira com a Bélgica

Parcela de adeptos da religião na cidade é o dobro do percentual nacional; costumes e comércio expõem fé

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A ROUBAIX, FRANÇA

Nenhum outro lugar parece tão confortável socialmente para os muçulmanos da França como Roubaix, na fronteira com a Bélgica. Ainda mais em tempos de atentados terroristas no país reivindicados em nome do islã e do consequente desgaste da religião na sociedade local.

Roubaix ostenta a fama de cidade mais muçulmana em um país no qual 63% da população vê o islã como incompatível com seus valores.

"Aqui é completamente diferente. Nós nos sentimos bem, em casa, vivemos em paz", diz Noureddine Bensalem, 43, argelino que há 20 anos mora na cidade.

A região também entrou no foco da investigação policial sobre os atentados que mataram 130 pessoas em Paris no dia 13 de novembro.

Viveu em Roubaix Mohammed Khoulad, detido na semana passada sob a suspeita de fabricar os explosivos usados pelos terroristas.

Para fazer um trecho doméstico de 10 minutos de trem entre Lille e Roubaix, a reportagem da **Folha** teve que apresentar o passaporte e responder a perguntas de um grupo de cinco policiais.

"Posso garantir que Roubaix é segura. O islã não pode significar violência por causa de dois, três homens que agem como animais", diz o comerciante Bensalem.

Estima-se que 75% da população da França seja adepto

do islamismo, algo em torno de 4,7 milhões de pessoas. É a segunda maior religião do país, atrás do catolicismo.

Em Roubaix, o percentual dobra. Dos 95 mil moradores, ao menos 20 mil são muçulmanos — estudos extraoficiais apontam que chegariam a metade dos habitantes.

EM TODO LUGAR

Isso explica um pouco o fato de Roubaix ter seis mesquitas. Seus líderes têm optado pelo silêncio sob o argumento de que a mídia francesa e os políticos buscam estigmatizar o islamismo.

Sinais da religião e de sua cultura estão por toda parte em Roubaix. Das características de quem circula ali, como vestes e barbas, a estabelecimentos de comida típica.

Moradores contam que, sob um clima social mais amistoso do que em outras partes do país, mulheres se arriscam às vezes a descumprir a lei que proíbe, desde 2010, o uso nas ruas de véus que cubram o rosto, regra que acirrou as divergências entre lideranças religiosas e parte da sociedade.

A onda migratória de muçulmanos para Roubaix se deu sobretudo nos anos 60, quando milhares saíram de ex-colônias francesas na África para trabalhar na indústria têxtil que estimulou a economia local no século passado. Mas houve retração do setor nas décadas seguintes, fábricas fecharam e Roubaix não se reergueu.

A cidade registra hoje desemprego de 39%, um dos piores índices da França, cuja média é de 10%. A criminalidade é de 84 ocorrências para cada 1.000 habitantes, acima dos padrões locais.

À procura de trabalho, por exemplo, está um filho de argelinos que leva nos documentos o nome de Alexandre.

Sua estranha neste contexto cultural, mas ele logo explica a tática: "Meus pais decidiram não me registrar com meu nome árabe para que isso facilitasse minha vida na França, sobretudo para conseguir emprego. Virei Alex".

Alexandre (ou Alex) não revela o nome árabe e diz que acaba de ser demitido de uma empresa de fechaduras. Reclama que ser muçulmano é um fator negativo na hora de concorrer a um posto no país.

"Roubaix é exceção, você está vendo todos circulando normalmente no centro. Mas é só dar um pulo a Bondues, cidade vizinha, para ver como somos marginalizados", diz o jovem. "Nos olham de maneira diferente na rua."



O argelino Noureddine Bensalem, 43, tem um açougue em Roubaix, onde vive há 20 anos



OPINIÃO

"A Marselhesa" voltou

MARIO SERGIO CONTI
ESPECIAL PARA A FOLHA

Quem fez com que um ato terrorista fosse sinônimo de declaração de guerra foi um presidente francês.

Não foi François Hollande, e sim Jacques Chirac.

Na própria tarde de 11 de setembro de 2001, Chirac mandou o embaixador da França na ONU apresentar uma resolução.

Ela autorizava os Estados Unidos a revidar os atentados às Torres Gêmeas e ao Pentágono. A resolução, de número 1.368, foi aprovada.

Uma coalizção comandada pelos EUA teve então cobertura jurídica para invadir o Afeganistão. O presidente George W. Bush não encon-

trou Bin Laden lá. Foi em frente, entrou no Iraque e o destruiu, mesmo sabendo que não havia ali militantes da Al Qaeda nem armas de destruição em massa.

A França manteve distância da ofensiva bélica. Direitista prudente, Chirac resistiu ao "diklat" de Bush.

Não legitimou o morticínio que o imperialismo americano perpetrou no Levante. Resultado: a França foi ridicularizada. Mas não sofreu ataques terroristas.

Chirac foi sucedido por Nicolas Sarkozy e depois por Hollande (que só no Brasil é tido como um político de esquerda).

Sarkis, eles aceitaram as missões que lhes foram repassadas pela Casa Branca.

Intervieram na Líbia, na Costa do Marfim, na República Centro-Africana, no Mali e na Síria, sobre a qual despejaram bombas desde setembro.

Por que foram bulir com muçulmanos fanáticos a milhares de quilômetros de Paris?

Porque a França é uma grande exportadora de armas — as guerras lhe servem simultaneamente de mercado e de vitrine para o armamento que produz.

Porque Paris quer fincar seu estandarte em terras de petróleo abundante. Porque ambos os presidentes ficaram malquistos em casa.

Sobretudo Hollande. A política recessiva (à qual se somou o burlesco "affaire" com uma atriz de terceira li-

nha) fez com que a sua popularidade baixasse a profundezas rousseffianas.

Ele pôde subir à tona para tomar fôlego em janeiro, com o atentado contra o semanário "Charlie Hebdo".

Mergulhou novamente e reemergiu agora.

Declarou uma guerra que já iniciara e, sem escafandro, entou "A Marselhesa".

Composta por Rouget de Lisle, "A Marselhesa" nasceu como canto de guerra na grande mobilização de 1792 contra a invasão prussiana.

Adotada pelos batalhões de Marselha ("uma escória de banditos vomitados das prisões", no dizer de um contemporâneo), logo virou hino revolucionário: serviu de trilha sonora para a derruba-

POR QUE BULIR COM MUÇULMANOS FANÁTICOS? PORQUE A FRANÇA É EXPORTADORA DE ARMAS. PORQUE PARIS QUER FINCAR SEU ESTANDARTE EM TERRAS DE PETRÓLEO ABUNDANTE. PORQUE SEUS PRESIDENTES FICARAM MALQUISTOS

da de Luis Capeto e a instalação da república.

Com a contrarrevolução, Bonaparte a proibiu.

"A Marselhesa" voltou como hino nacional.

Nos últimos tempos, passou a ser vista como chauvinista e racista.

Jogadores de origem nas ex-colônias, caso de Zinedine Zidane, se recusavam a cantá-la nas partidas da seleção. Ela foi vaiada em estádios.

"A Marselhesa" só era verificada a plenos pulmões ao pé da estátua de Joana D'Arc, nas manifestações do Front National.

Estava confinada ao quintal da extrema-direita. Os atentados do Estado Islâmico e o belicismo de Hollande a recolocaram no centro da política europeia.

MARIO SERGIO CONTI é apresentador do programa "Diálogo", da GloboNews.

Só no Pontofrio você encontra ofertas assim: tudo sem juros* pra você.

43" LED Full HD
PHILIPS TV 43" LED Full HD
+ Conversor digital
10x R\$ 159,90
sem juros*
R\$ 1.599,00 à vista

pontofrio
viva a inovação

Parcela em até 10x com seu Cartão Pontofrio.

A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência.
www.pontofrio.com.br/trabalheconosco

Validade: 22/11/2015, limitado ao estoque. Não vendemos por 10x sem juros para financiamento no cartão de crédito, OF não incluso. ** Intel, marcas da Intel Corporation nos EUA e em outros países. Fotos ilustrativas. Anúncios não são válidos para a loja virtual e televidas.

acesse pontofrio.com | Televendas 3 0 0 4

ANEXO 27: reportagem *Para jovens alvo de terroristas, atentados mudaram preocupações*

A12 mundo ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 2015



Jovens parisienses bebem em centro artístico na região atingida pelos atentados do dia 13, na beira do canal de Saint-Martin; dias são de resiliência

PARIS SOB ATAQUE

Para jovens alvo de terroristas, atentados mudaram preocupações

'Caiu o muro que nos separava do mundo', diz estudante para quem geração custa a virar adulta

Extremistas atacaram área mais miscigenada da cidade, onde boemia dá lugar a perguntas sobre motivo da escolha

LUCAS NEVES COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

Na noite da última quinta, dia 19, uma jovem levemente alcoolizada entrou num vagão do metrô que corta áreas boêmias do norte e do leste de Paris anunciando: "Todo mundo no chão. Vamos fazer um treinamento".

O trem inteiro imediatamente se crispou, antes de outra jovem cruzar o vagão para tirar satisfação.

A reação inflamada é sinal dos tempos, antes dos atentados do dia 13, que deixaram 130 mortos e cerca de 350 feridos, a maioria com idades entre 20 e 40 anos, os circunspetos parisienses teriam deixado passar a gaitache ébria.

"Os terroristas miraram uma geração que podia se dar ao luxo da despreocupação. Isso se perdeu", diz o estudante Alban, 23, que, atestando o teor da sua fala, não quis informar seu verdadeiro nome.

"Antes, o único problema

era descobrir como virar adulto. Agora, caiu o muro que nos separava do mundo, nos demos conta de que o nosso país está envolvido em conflitos no exterior, que sair de casa sem saber se volta é a norma em vários lugares."

Na tarde do dia 19, o jovem bebia com amigas num bar a menos de dois quarteirões do restaurante Petit Cambodge e do bar Carrillon, onde 14 pessoas foram mortas.

Às margens do charmoso canal de Saint-Martin, a área forma, com o 11º distrito (palco de outros três ataques, incluindo o maior, à casa de shows Bataclan), o eixo em que a juventude "branchée" (antenação) faz suas noitadas. Antes de ganhar o verniz "cool", essa aglomeração de bairros populares abrigou pequenas indústrias, ateliês e endereços anarquistas.

BOBÓS

Hoje, designers, fotógrafos, jornalistas, donos de start-ups, artistas e universitários lideram a turma que circula num perímetro apinhado de bistros, cafés e mercados com produtos orgânicos, livrarias e boutiques "alternativas" (e caras).

São os chamados "bobós" (acrônimo para "burgueses boêmios"), que escolheram a região como base há cerca de dez anos, fazendo disparar o



Alban, para quem se perdeu o 'luxo da despreocupação'

preço do metrô quadrado e encetando um processo de gentrificação que ameaça expulsar os menos abastados.

"Não dá para entender. Os alvos (dos atentados) são jovens de tendência esquerdista, abertos a outras culturas, que são amigos do árabe do lado da casa de chá da esquina", lamenta-se a gerente de uma livraria à beira do canal.

"É talvez o lugar de Paris em que mais há mistura de classes, raças e nacionalidades", faz coro o jornalista Thomas Legrand, coautor de "La République bobô" (a república bobô). "Miraram ex-

grantes", diz a educadora Lorraine Guilloteau, 23. "Seus líderes se valem desses nossos erros para inculcar em jovens o desejo de morrer."

Para Alban, o calcanhar de Aquiles francês é outro. "Após a Segunda Guerra, a França não conseguiu mais criar mitos nacionais agregadores. Houve a descolonização no norte da África, mas as comunidades oriundas desses países ficaram órfãs; já não eram magrebins, tampouco sentiam-se francesas."

Menos preocupada com diagnósticos sociais, a estudante de arquitetura Salomé, 23, toma um chope na calçada do Chez Prune, também à beira do canal. Diz que os episódios do dia 13 despertaram nela um patriotismo insuspeito e o ímpeto de "revalorizar as pequenas coisas, como o cigarro e a cerveja".

Conta que até pensa "uma, duas vezes por dia" nos bombardeios franceses na Síria, intensificados após os atentados, mas que, "no fundo", continua a viver sua vida.

"Como naquela música do [compositor francês] Jacques Dutronc: 'Setecentos milhões de chineses/ E eu, e eu, e eu.' O consultor Alex, 33, faz eco. "Deixar de sair é dar a eles o que querem. Não mudemos nossos hábitos! Ocupemos as calçadas dos bares, lotemos as casas de shows!"

FOLHA DE S. PAULO

Irã sentença à prisão repórter americano

Jason Rezaian, do 'Post', está detido há 16 meses

DE SÃO PAULO

A Justiça do Irã sentenciou o repórter americano Jason Rezaian, do "Washington Post", à prisão, informou a agência de notícias oficial do governo iraniano. Irã, sem dizer por quanto tempo.

"A sentença de Rezaian inclui um período na prisão, mas não posso dar detalhes", disse Gholamhossein Mohebbi Ejei, porta-voz do Judiciário iraniano, acrescentando que o réu pode recorrer.

Rezaian, 39, é acusado pelo Irã de espionagem, colaboração com governos hostis e propaganda contra o regime, o que, no país, pode lhe render até 20 anos de prisão. Ele nega todas as acusações.

O jornalista, que foi capturado em casa com a mulher, Yeganeh Salehi, em julho de 2014, está detido há 489 dias —ela foi solta pouco depois.

Seus familiares afirmam que sua saúde é frágil e que ele precisa receber medicação para hipertensão, dores crônicas e depressão.

A Justiça iraniana havia informado em outubro que Rezaian fora condenado, mas não dera nenhum detalhe.

O "Post", que chama o julgamento de "embuste", afirmou não ter mais informações sobre a sentença.

O Departamento de Estado dos EUA disse estar ciente da divulgação da pena, mas sem tê-la confirmado ainda. A questão tem sido gerado atritos entre os dois países. Relatos na imprensa iraniana, citando fontes oficiais, apontam que Rezaian poderia ser solto se iranianos detidos nos EUA o fossem.

ORIENTE MÉDIO

Palestino esfaqueia e mata israelense em colônia judaica

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS — Uma israelense de 21 anos foi morta a facadas por um palestino neste domingo (22) em uma colônia judaica na Cisjordânia.

O agressor foi baleado por soldados israelenses após o ataque e morreu no hospital.

Horas antes, outros dois palestinos foram mortos pelos soldados após supostamente tentarem atacar israelenses. O governo palestino acusou Israel de matar os três e forjar provas para incriminá-los. Desde outubro, a onda de ataques de palestinos a israelenses culminou na morte de 83 palestinos e 19 israelenses.



Moderninha.
A única sem aluguel e com Cartão UOL grátis.
Suas vendas vão arrasar.

moderninha
A maquininha sem aluguel e com Cartão UOL grátis.

12x R\$ 59,90*
Total à vista R\$ 718,80

3 ANOS

MODERNINHA

- Sem aluguel
- Sem taxa de adesão
- Não precisa de celular
- Frete grátis

CARTÃO UOL

- Na compra da Moderninha você recebe o Cartão UOL grátis
- Não precisa de conta bancária
- Sem mensalidade
- Sem anuidade
- Sem taxa
- Use o dinheiro das suas vendas em toda a rede Mastercard ou saque em milhares de caixas eletrônicos

Peça já a sua, envie o link: PAGSEGURO.COM.BR
4003-6624
Atendimento 24 horas, 7 dias por semana.

pagseguro UOL